

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDERSON FAGUNDES DE MOURA

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA FEB: MEDIAÇÃO NO
MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO E ENSINO DE HISTÓRIA

CURITIBA

2024

ANDERSON FAGUNDES DE MOURA

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA FEB: MEDIAÇÃO NO
MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO E ENSINO DE HISTÓRIA

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em ensino de História (PROFHISTÓRIA), no Setor de Ciências Humanas, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Moura, Anderson Fagundes

História e memória da FEB : mediação no Museu do Expedicionário e ensino de história. / Anderson Fagundes de Moura. – Curitiba, 2024.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino em História.

Orientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira.

1. História – Estudo e Ensino. 2. Brasil – Exército Força Expedicionária Brasileira. 3. Memória coletiva. 4. História militar - Brasil. 5. Museus – Curitiba (PR). I. Oliveira, Dennison de, 1964- II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO E SETOR DE
CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ENSINO DE HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de ANDERSON FAGUNDES DE MOURA intitulada: *História e memória da FEB: mediação no Museu do Expedicionário e ensino de história*, sob orientação do Prof. Dr. DENNISON DE OLIVEIRA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 06 de Setembro de 2024.

Assinatura Eletrônica

06/09/2024 17:41:08.0

DENNISON DE OLIVEIRA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

15/09/2024 21:53:39.0

GEYSO DONGLEY GERMINARI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE)

Assinatura Eletrônica

06/09/2024 22:02:12.0

EDERSON PRESTES SANTOS LIMA

Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ - IFPR)

Dedico essa dissertação a minha esposa Cristina, ao meu filho Daniel, ao meu pai Claudinor e a minha mãe Juvita, pois foram essenciais para eu vencer essa nova etapa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a equipe técnica do MEXP por terem aberto as portas da instituição e dos seus arquivos para realizar a pesquisa. Ao professor Dennison que além de conceder o seu valioso tempo teve a sensibilidade de entender que lecionar, participar de um programa de avanço na carreira no estado e fazer mestrado deixaram os meus horários um tanto quanto bagunçados, aguardando sempre com paciência os meus esparsos contatos. Ao meu grande amigo Elias Lourenço pelas conversas e trocas de experiências acadêmicas. Aos colegas do curso de mestrado do ProfHistória pelas dicas e apoio tanto pessoalmente quanto através do nosso grupo de whatsapp. E, finalmente, a Deus que foi o meu refúgio nos momentos de dúvida e angústia.

“A história nos ajuda a sair da ilusão maniqueísta que a memória muitas vezes nos envolve: a divisão da humanidade em dois compartimentos estanques, bons e maus, vítimas e carrascos, inocentes e culpados.”

Tzvetan Todorov

RESUMO

A pesquisa apresenta como resultado um produto didático que tem como tema a representação da participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial explorada pelo Museu do Expedicionário de Curitiba (MEXP). Através de conceitos como *memória*, *lugar de memória* e *identidade* buscou-se identificar o MEXP enquanto um local privilegiado para divulgar um conjunto de memórias e de como essas podem ser entendidas, discutidas e até mesmo questionadas. As principais estratégias utilizadas foram uma mediação no museu desenvolvida pelo professor e uma análise de depoimentos de ex-combatentes realizada pelos estudantes. A sala “Dia a dia do combatente” desempenhou o papel de aproximar o aluno da rotina enfrentada pelo soldado brasileiro na Itália com o objetivo de inspirar comparações com a sua própria realidade. A proposta promoveu a interação entre museu, conhecimentos acadêmicos e o ensino escolar com a intenção de construir junto com os estudantes dos 9ºs anos do Ensino Fundamental, conhecimento histórico e ao mesmo tempo, contribuir para uma formação integral dos estudantes de modo a ampliar a sua leitura de mundo. O caminho percorrido pelo produto didático foi realizado em três etapas: verificação dos conhecimentos prévios, mediação na sala “Dia a dia do combatente” e trabalho com fontes históricas em âmbito escolar. A experiência privilegiou o poder de observação, o diálogo dos estudantes entre si e com o professor, tendo como fundamentação: as problemáticas históricas, tanto as elaboradas previamente pelo docente quanto às surgidas espontaneamente a partir das intervenções e indagações dos alunos. A pretensão é que este produto didático sirva como uma possibilidade de metodologia que de alguma forma contribua para que outros docentes desenvolvam práticas de ensino de história no MEXP, ou em outros museus militares, que envolvam a discussão a respeito de memória, o acervo em exposição e o uso de fontes históricas em sala de aula.

Palavras-chave: produto didático; representação; FEB; memória; lugar de memória; identidade; MEXP; conhecimento histórico; formação integral.

ABSTRACT

The research results in a didactic product whose theme is the representation of the participation of the Brazilian Expeditionary Force (FEB) in the Second World War explored by the Curitiba Expeditionary Museum (MEXP). Through concepts such as memory, place of memory and identity, we sought to identify MEXP as a privileged place to disseminate a set of memories and how they can be understood, discussed and even questioned. The main strategies used were mediation in the museum developed by the professor and an analysis of testimonies from former combatants carried out by the students. The “Fighter’s Day to Day” room played the role of bringing the student closer to the routine faced by Brazilian soldiers in Italy with the aim of inspiring comparisons with their own reality. The proposal promoted interaction between the museum, academic knowledge and school education with the intention of building historical knowledge together with students in the 9th year of elementary school. And at the same time, contribute to the comprehensive training of students in order to broaden their understanding of the world. The path taken by the didactic product was carried out in three stages: verification of prior knowledge, mediation in the “Fighter’s Day to Day” room and work with historical sources at school level. The experience privileged the students’ power of observation and dialogue among themselves and with the teacher, based on historical issues, both those previously elaborated by the teacher and those that arose spontaneously from the students’ interventions and inquiries. The intention is that this teaching product serves as a possibility of methodology that in some way contributes to other teachers developing history teaching practices at MEXP, or in other military museums, which involve discussion about memory, the collection on display and the use of historical sources in the classroom

Keywords: teaching product; representation; FEB; memory; place of memory; identity; MEXP; historical knowledge; comprehensive training.

LISTA DE SIGLAS

AECB	- Associação de Ex- combatentes do Brasil
ANPH	- Associação Nacional dos Professores Universitários de História
BNCC	- Base Nacional de Comum Curricular
CPM	- Colégio da Polícia Militar
DEHIS	- Departamento de História
EB	- Exército Brasileiro
EUA	- Estados Unidos da América
FEB	- Força Aérea Brasileira e Força Expedicionária Brasileira
IBRAM	- Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	- International Council of Museums
LPE	- Legião Paranaense do Expedicionário
MEC	- Ministério da Educação
MEXP	- Museu do Expedicionário
MINC	- Ministério da Cultura
MMCMS	- Museu Militar do Comando Militar do Sul
NA	- Norte Americana
OCIAA	- Office for Inter-American Affairs
ONU	- Organização das Nações Unidas
PCB	- Partido Comunista Brasileiro
PCNs	- Parâmetros Curriculares Nacionais
PET	- Programa Educacional Tutorial
PNEM	- Política Nacional de Educação Museal
PNM	- Plano Nacional de Museus
PNSM	- Plano Nacional Setorial dos Museus
REM	- Rede de Educadores em Museu
RVPSC	- Rede de Viação Paraná – Santa Catarina
SEED	- Secretaria Estadual de Educação
SEEC	- Secretaria do Estado e da Cultura do Paraná
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNESPAR	- Universidade Estadual do Paraná
USP	- Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	MEMÓRIA E HISTÓRIA DA PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O CASO DO MEXP	
2.1	OS DOCUMENTOS ORIENTADORES DA EDUCAÇÃO NACIONAL E A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ENQUANTO FERRAMENTA PEDAGÓGICA.....	19
2.2	MEMÓRIAS, HISTÓRIA E O MUSEU ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA.....	21
2.3	A ORIGEM E O PAPEL DO MEXP NA CONSTRUÇÃO MEMÓRIAS.....	27
2.4	O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO OU A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL COMO TEMA DE PESQUISA.....	42
3	O MUSEU ENQUANTO ESTRATÉGIA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO E DA FORMAÇÃO INTEGRAL	
3.1	MUSEU, EDUCAÇÃO MUSEAL E A FORMAÇÃO INTEGRAL.....	51
3.2	O MUSEU E O ENSINO DE HISTÓRIA.....	60
3.3	PRÁTICAS DOCENTES EM MUSEUS MILITARES.....	66
4	PRODUTO PEDAGÓGICO - O ACERVO DO MEXP COMO FONTE PARA O CONHECIMENTO HISTÓRICO	
4.1	O PRODUTO PEDAGÓGICO E AS SUAS INTENÇÕES.....	72
4.2	A ANÁLISE DAS MONITORIAS DO MEXP.....	80
4.3	A EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO DA SALA “DIA A DIA DO COMBATENTE”	
4.3.1	Pesquisando o acervo – a busca por informações.....	88
4.3.2	Fogão de campanha, quadros e fotos.....	92
4.3.3	Vitrine e acampamento de inverno.....	95
4.3.4	Vitrine / expositor.....	100
4.4	A ANÁLISE DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS: O QUE OS ALUNOS CONHECEM SOBRE A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NA SEGUNDA	

	GUERRA MUNDIAL?.....	110
4.5	A MEDIAÇÃO NA SALA “DIA A DIA DO COMBATENTE”	115
4.6	CRUZANDO INFORMAÇÕES: A ANÁLISE DOCUMENTOS HISTÓRICOS EM SALA DE AULA.....	119
5	CONCLUSÃO	128
	REFERÊNCIAS	130
	ANEXO 1- PLANO DE AULA	135
	ANEXO 2- SLIDES DA AULA EXPOSITIVA	136
	ANEXO 3-ATIVIDADE: CRUZANDO INFORMAÇÕES	137
	ANEXO 4- OFÍCIO MEXP – NÃO DIVULGAÇÃO DOS DOADORES DAS PEÇAS DO ACERVO	148
	ANEXOS 5- FICHAS DE DOAÇÃO DO MEXP – SALA “DIA A DIA DO COMBATENTE”	149

1 INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial alimenta o imaginário de muitas pessoas. Em parte a razão para isso é o número considerável de filmes hollywoodianos, documentários, revistas, quadrinhos e livros que contribuíram para popularizar esse conflito. Por experiência própria, é sem sombra de dúvidas o assunto mais esperado por grande parte dos estudantes tanto do nono ano do ensino fundamental quanto do terceiro ano do ensino médio, séries nas quais esse tema é trabalhado*. Apesar disso, muitos não têm sequer a noção de que o Brasil participou de tal conflito, ou mesmo que Curitiba possui um museu que discorre sobre esse tema.

A pesquisa pretende envolver os estudantes num trabalho que os façam entender o museu enquanto um lugar privilegiado para divulgar um conjunto de memórias e que essas podem ser analisadas tendo como parâmetro publicações acadêmicas e o cruzamento com outros tipos de fontes históricas como os depoimentos de ex-combatentes da FEB. A proposta é realizar uma junção entre museu, conhecimentos acadêmicos e o ensino escolar de modo a possibilitar a construção coletiva do conhecimento histórico nos 9ºs anos do Ensino Fundamental.

A respeito da bibliografia sobre o assunto é bom destacar que apesar da maior parte das publicações que chega ao grande público estar mais relacionada à participação das principais potências bélicas no conflito, o envolvimento do Brasil, mesmo tendo um público mais restrito, é um tema que desde a segunda metade da década de 1940 teve uma constante produção. Inclusive com o decorrer do tempo deixou de depender apenas de efemérides, passando a ter a partir da década de 1990 um crescimento considerável de publicações, inclusive acadêmicas.¹ O tema também passou a figurar nos livros didáticos, apesar da sua presença constar ainda em espaços reduzidos ou mesmo em boxes para informações

* Estão em andamento as alterações na grade curricular do Ensino Médio, consequência do NEM (Novo Ensino Médio). Na maioria das escolas as aulas de História (duas por semana) serão ministradas no 1º e 2º anos. Com a possibilidade de turmas no 3º ano com disciplinas nada convencionais e quem sabe, dependendo da escola e da demanda, até mesmo História. Um retrocesso lamentável, que além de enfraquecer ainda mais a já cambaleante educação escolar brasileira pode causar um desemprego em massa de professores, especialmente nas disciplinas pertencentes à área das Humanas.

¹ FERRAZ, Francisco César Alves. **Considerações Historiográficas sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: Balanço da produção bibliográfica e suas tendências.** Revista esboços, Florianópolis, 2016.

“secundárias”.* Portanto, trazer um pouco das discussões mais recentes que envolvem esse tema para o ambiente escolar realça a importância da pesquisa que se pretende realizar abrangendo as possibilidades da educação museal no Museu do Expedicionário de Curitiba (MEXP).

O projeto foi definido a partir de uma experiência particular moldada desde o ano de 2003 pela organização das visitas do 9º ano do ensino fundamental do Colégio da Polícia Militar (CPM) ao Museu do Expedicionário. No entanto, ao longo desses anos em muitas monitorias foi percebida a ausência de uma abordagem que valorizasse mais o cotidiano do soldado, a sua adaptação ao material e à alimentação fornecida; às dificuldades enfrentadas em relação às adversidades climáticas e topográficas, assim como os seus medos e angústias. Ao contrário, na maioria das vezes as visitas guiadas ao MEXP enfatizavam os combates numa narrativa que destacava apenas o heroísmo, num processo de verdadeira mitificação, ao invés de buscar humanizar a atuação dos pracinhas. Quais seriam as razões para as monitorias realçarem o aspecto heroico? Existiria alguma relação com as escolhas feitas pelos organizadores do MEXP e as intenções relacionadas à construção de uma determinada memória do conflito?

Nos anos de 2018 e 2019 foi realizada uma ação pedagógica que contou com a participação de um grupo composto por integrantes do Programa de Educação Tutorial (PET)² – História, doutorandos e mestrandos da Universidade Federal do Paraná (UFPR), coordenado pelo professor Dennison de Oliveira. Inicialmente alguns bolsistas do PET introduziram o tema II Guerra Mundial e a participação brasileira no conflito nas salas de aula do 9º ano do Colégio da Polícia Militar. Na sequência foi realizada uma intervenção nas mediações ministradas no MEXP, mestrandos e petianos foram capacitados e distribuídos de modo a ter um mediador em cada sala do museu, o que deixou as mediações mais dinâmicas e participativas. O projeto foi finalizado nas dependências do colégio com uma atividade que envolveu os alunos numa análise de documentos relacionados ao acervo do museu e as interposições realizadas. Desse modo, abriu-se um leque interessante de possibilidades de

* Em muitos casos esses boxes se mostram essencialmente como um recurso editorial e / ou estético pouco relacionados às questões didáticas.

² BRASIL. **Apresentação-PET**. MEC - Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet>.

Segundo o portal, o PET é um programa financiado pelo governo federal que atende universidades brasileiras e tem por objetivo a organização de grupos de educação tutorial. Esses grupos desenvolvem atividades extracurriculares, que orientadas por um professor tutor, seguem o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

trabalho envolvendo o acervo do museu e as suas potencialidades educativas, numa aproximação entre três instituições públicas: UFPR, MEXP e CPM.

Essa ação pedagógica mostrou alguns caminhos. As mediações foram realizadas por estudantes do curso de história e também mestrandos, onde os alunos circulavam livremente pelo museu sem seguir uma ordem pré-estabelecida e tinham um tempo para olhar o acervo exposto antes de cada mediação³, bem diferente das monitorias ministradas pelo museu que estabelece um roteiro fixo para a visita de cada uma das salas sendo que na maioria das vezes, um único mediador inicia com uma explanação sobre o acervo para só depois permitir que os alunos explorem o ambiente. Este formato de monitoria adotada pelo MEXP, apesar dos louváveis esforços da equipe envolvida, segue ainda um modelo que incita poucos questionamentos e quase nenhuma participação dos estudantes. Apresenta-se como muito tradicional, quase nada dialogado, o que acaba por não privilegiar a interação entre visitantes e mediador.

Seguindo uma direção contrária, as medições organizadas pelo professor Dennison foram dialogadas / interativas, ou seja, buscaram realizar uma troca de experiências com os estudantes contribuindo para a construção coletiva do conhecimento. Além da aferição dos resultados das mediações, realizada através da exploração de imagens impressas de peças do acervo do museu e textos históricos, que indicou a importância do seu uso para verificar os conhecimentos prévios dos discentes pós-mediação.

No biênio 2020-2021, devido à pandemia mundial de Covid - 19, as visitas ao MEXP foram interrompidas para serem retomadas somente em 2022. O museu atualmente está sob a administração do Exército e as monitorias desenvolvidas durante as visitas

³ CASTRO, Fernanda Santana Rabelo de. **“O que o museu tem a ver com educação?” Educação, cultura e formação integral: possibilidades e desafios de políticas públicas de educação museal na atualidade**. Rio de Janeiro, 2013, p. 26. A autora diferencia os tipos de visitação aos museus e a nomenclatura utilizada pelas instituições: “visita guiada”, “monitoria”, “visita orientada”, “animação cultural” e “mediação”. “Visita guiada”: concepção bancária de educação, a transmissão de conhecimento prevalece sobre a reflexão e o diálogo. Geralmente conduzida por estagiários. “Monitoria”: os objetos do acervo parecem “sacralizados”, envoltos num ar de misticismo e proibição. O monitor algumas vezes se comporta como guardião do acervo. “Visita orientada” (“dirigida ou conduzida”): tem uma ideia muito parecida com as anteriores, podendo ser um instrumento de conexão entre os educadores museais e os visitantes. No entanto, isso vai depender do perfil de cada instituição e de como ela vai proceder na orientação. “Animação cultural”: fruto da mercantilização dos processos culturais que transformaram as ações educativas em museus em entretenimento. “Mediação”: ideia de uma ação educativa compartilhada, em que as duas partes envolvidas na visita a constroem o conhecimento a partir da troca de saberes e interesses, promovendo o interesse em voltar ao museu, apropriando-se desse espaço de aprendizagem, fruição e lazer. Deste modo, o que o MEXP disponibiliza para os seus frequentadores pode ser classificada como monitoria.

agendadas são realizadas por um militar sem formação em história (ou museologia), que participou apenas de uma breve formação sobre a participação do Brasil no conflito.

Mesmo que nos últimos anos a equipe do museu conte com a presença de uma museóloga e que a direção esteja imbuída num processo de modernização que tem provocado mudanças positivas, em especial nas questões que envolvem a preservação, organização de exposições e inserção de informações afixadas em suas paredes, a monitoria ainda mantém um formato muito apegado ao heroísmo e a simples memorização.

A monitoria poderia, por exemplo, aprofundar-se nas questões relacionadas às escolhas feitas para a composição e / ou organização da exposição de longa duração*. Ou talvez recuperar das antigas monitorias a ideia de explorar o cotidiano enfrentado pelos soldados enviados para o *front*, mostrando situações que podem ser relacionadas ao dia a dia de qualquer pessoa como, por exemplo, a higiene pessoal e alimentação ou ainda a ocorrência de racismo na FEB. Permitindo que o visitante estabeleça comparações entre a sua realidade e a dos pracinhas, buscando diferenças e proximidades que contribuam para a construção do conhecimento histórico.

Nas duas primeiras décadas do novo milênio e até antes disso, a monitoria ficava sob a responsabilidade de estagiários que em sua maior parte eram graduandos do curso de história, que mesmo supervisionados pela diretoria do MEXP conseguiam apresentar melhor o tema aproximando-o do mundo dos estudantes e não apenas endeusando os ex-combatentes como heróis saídos de histórias mitológicas.

No entanto, com a administração do museu passando para o Exército esse vínculo com as universidades ficou restrito à área de pesquisa e preservação do acervo, em especial, da reserva técnica. De acordo com o Plano Museológico da instituição⁴ O museu conta com 2 estagiários, capacitados nas áreas de história e museologia. No momento da elaboração desse documento o museu esperava a abertura do curso de Museologia na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), fato já ocorrido, para efetuar parcerias para estágio nas áreas de Museologia, História e Educação Artística. O documento também reconhece que somente após as necessárias adequações às leis de estágio, a instituição poderá contar com estudantes para desenvolver seus estágios curriculares.

* Antes denominada de “Permanente”, é aquela que sofre poucas mudanças durante anos. Isto ocorre muitas vezes devido às dificuldades de deslocamento dos materiais expostos, ou por seu peso e tamanho, ou devido a sua fragilidade ou ainda por outros motivos.

⁴ MEXP, **Plano Museológico (2020-2023)**. Ministério da Defesa – Exército Brasileiro, 2020, p. 11.

Esporadicamente um militar formado em história ministra palestras e é consultado quando a equipe do museu tem alguma dúvida pontual. Deste modo, a ausência de profissionais com formação em história atuando ativamente nas mediações acaba dificultando (ou mesmo impossibilitando) as relações entre a exposição de longa duração, os fatos narrados a partir dela e o seu respectivo contexto histórico.

Diante desse quadro, amadureceu-se a ideia de desenvolver uma mediação que estivesse alicerçada no trabalho realizado pelo professor em suas aulas de história e que valorizasse o conhecimento do aluno, através de uma ação que transformasse os objetos do museu em fonte de conhecimento histórico para o ensino de história em sala de aula.⁵

Portanto, desse incômodo gerado pela constatação que o atual formato das visitas guiadas no museu não atendia as intenções pedagógicas do professor, bem como não explorava o potencial de construção do conhecimento histórico da exposição de longa duração do MEXP, nasceu a problemática da pesquisa: como promover uma mediação que atenda aos objetivos do planejamento definido no âmbito escolar e que valorize o poder o poder de observação dos estudantes numa experiência dialogada a qual contribua para a construção de um conhecimento sobre a participação do Brasil no conflito?

A partir dessa questão complexa foram construídos os objetivos, tanto geral quanto específicos, da pesquisa. Por exemplo, é essencial entender como é representada a História da Força Expedicionária Brasileira (FEB) nessa instituição. Mas ao mesmo tempo, para compreender essa representação é necessária uma análise detalhada das razões relacionadas às escolhas feitas com a finalidade de compor o acervo exposto para a apreciação dos visitantes, a sua disposição nas salas da instituição e as condicionantes que envolvem as escolhas dos seus organizadores. Representação que será examinada à luz da bibliografia acadêmica que trata da atuação dos pracinhas brasileiros no conflito e das evidências empíricas discutidas por historiadores da FEB.

Sendo assim, identificar as condições que envolveram as escolhas as quais determinaram a organização do acervo exposto aos visitantes e a sua relação com a memória e com a história que o MEXP busca construir é uma parte importante da pesquisa aqui proposta, sendo um dos seus objetivos específicos. Deste modo, a problemática se insere na relação entre história e memória tendo como objeto a FEB.

⁵ BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 356.

Outro objetivo específico surgiu da necessidade de explorar a exposição de longa duração do museu do MEXP e as atividades educativas desenvolvidas em suas dependências. Para tanto, deve-se reconhecer que os museus são espaços que possuem suas especificidades e possibilidades educativas. Pensando nisso, o projeto busca também trabalhar numa perspectiva orientada a partir das discussões desenvolvidas pelos educadores museais em âmbito nacional e internacional que acenam para uma formação que integre conhecimentos tecnológicos, intelectuais e artísticos, contribuindo de modo significativo para uma educação com intenções transformadoras.

Como objetivo geral, ou produto pedagógico, pretende-se que as discussões apresentadas nessa pesquisa contribuam para inspirar possíveis caminhos para que os docentes de história desenvolvam trabalhos educativos no Museu do Expedicionário de Curitiba. Trabalhos que apresentem para os estudantes, discussões historiográficas de relevância e não informações dispersas que destaquem apenas aspectos ligados ao heroísmo e ao sofrimento dos soldados brasileiros nas montanhas do norte da Itália nos anos de 1944 e 1945.

Portanto, o produto se apresentará como uma espécie de metodologia para o desenvolvimento de projetos pedagógicos voltados ao ensino de história que envolvam as memórias preservadas pelo MEXP, seu acervo e o uso de fontes históricas em sala de aula. De maneira alguma a ideia é apresentar algo pronto e acabado; todavia, trazer uma sugestão de construção coletiva do conhecimento histórico sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

2 MEMÓRIA E HISTÓRIA DA PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O CASO DO MEXP

2.1 OS DOCUMENTOS ORIENTADORES DA EDUCAÇÃO NACIONAL E A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ENQUANTO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Os museus são reconhecidos por diversos educadores como importantes ferramentas pedagógicas, a ponto inclusive, de serem mencionados nos documentos governamentais que têm a pretensão de orientar o ensino no Brasil. O interesse no potencial dos museus para envolver os estudantes em discussões que permeiam conceitos relacionados à memória, identidade e história, foi apresentado inicialmente pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de História para Terceiro e Quartos Ciclos do Ensino Fundamental no ano de 1998. Segundo esse documento, as visitas aos museus devem contribuir para alimentar debates “sobre a preservação da memória de qualquer grupo social.”⁶

Os PCNs sugerem que a visita a museus e a exposições devem suscitar questionamentos a respeito das razões que envolveram as escolhas que contribuíram para definir o que vai ser preservado e a sua relação com a construção das identidades locais, regionais, nacionais e/ ou mundiais.

O debate pode girar em torno de como é valorizada ou esquecida essa ou aquela memória, como são fortalecidas ou identidades, locais ou regionais, (...) Pode, principalmente, propiciar o debate sobre a relação entre presente e passado, já que a decisão sobre o que e como preservar pertence a cada geração.⁷

O documento ainda destaca que a memória está relacionada tanto aos atos de lembrar, rememorar e consolidar quanto aos de esquecer, negar e silenciar. Como consequência disso, o que é esquecido não consegue estabelecer laços de identidade. Deste modo, os documentos e materiais preservados e expostos num museu sofreram um processo de seleção que envolveu escolhas que além de perpetuarem lembranças do passado alimentam problemáticas relacionadas ao presente. É relevante perceber que o que é recordado tem o papel de criar e fortalecer laços de identidade coletiva. Por conseguinte, o estudante após uma

⁶ BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais : história** . Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: aMEC / SEF, 1998, p. 90.

⁷ *Ibidem*, p. 91.

visita mediada a um museu tem que compreendê-lo enquanto espaço que contribui para a preservação e divulgação da memória⁸, sendo possível através dele, por exemplo, debater sobre a sua importância para a formação das identidades.

O mais recente documento normativo do ensino brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular – 2017 (BNCC)⁹, apesar que de modo menos enfático que os PCNs*, também menciona conceitos como memória, patrimônio e lugares de memória.

Entre os objetos de conhecimento para os anos finais do ensino fundamental a BNCC reforça a necessidade de entendimento a respeito da produção dos lugares de memória e entre as habilidades necessárias para esta etapa pretende-se que o estudante identifique esses marcos e compreenda os seus significados.¹⁰ A BNCC propõe o estudo do patrimônio histórico e cultural, reforçando que o entendimento a respeito das memórias coletivas é fundamental para a formação da cidadania e da identidade dos estudantes.

A BNCC também afirma que o processo de ensino e aprendizagem de história dos anos finais do ensino fundamental deve ser pautado em três “procedimentos básicos”, sendo que um deles aborda a necessidade dos alunos se apropriem dos significados que envolvem os documentos e demais formas de registro e de memória.¹¹

Ainda vale a pena destacar que dentre as sete competências específicas de história para o ensino fundamental, em particular, a terceira destaca a importância do uso de diferentes linguagens para a construção do conhecimento escolar e indica a possibilidade dos museus como ferramenta pedagógica:

Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.¹²

Além dos direitos e objetos da aprendizagem, a BNCC pretende orientar a organização dos currículos e de propostas pedagógicas para todas as redes de ensino pertencentes às unidades da federação. No estado do Paraná foi elaborado em 2018 o *Referencial Curricular do Estado do Paraná: princípios, direitos e orientações*. No

⁸ BRASIL, *loc cit.*

⁹ BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC – Ministério da Educação, 2017.

* Os PCNs são normas orientadoras não obrigatórias e não serão substituídos pela BNCC, a ideia é que atuem de modo integrado.

¹⁰ *Ibdem*, p. 411.

¹¹ *Ibdem*, p. 417.

¹² *Ibdem*, p. 398.

documento referente ao ensino infantil e fundamental é reafirmada a importância do uso de fontes em sala de aula para a compreensão de um “passado específico, a partir das problematizações, análises e confronto entre as mesmas, de modo que apontem suas relações com o presente e a possibilidade de articulação com expectativas de futuro.”¹³

O documento reforça que a prática investigativa deve permear o estudo da história, de modo a incentivar a pesquisa e os questionamentos das fontes e consequentemente o levantamento de hipóteses. Dentre os inúmeros encaminhamentos possíveis envolvendo documentos, o Referencial Curricular do Estado do Paraná realça a importância das visitas a museus e outros lugares de memória que estejam relacionadas aos temas e as respectivas discussões e trabalhos desenvolvidos em sala de aula: “as visitas técnicas pedagógicas a locais e percursos de história e memória que correspondam às problematizações e conteúdos referentes ao universo escolar.”¹⁴

Portanto, a relevância da pesquisa acadêmica que se pretende apresentar nas próximas páginas é demonstrada pelas constantes citações dos já referidos conceitos e temas nos documentos orientadores e normativos da educação escolar nacional. Todavia, antes de explorar o museu enquanto uma ferramenta pedagógica para o ensino de história ou mesmo apresentar algumas informações necessárias para a elaboração de uma mediação centrada no cotidiano do combatente brasileiro na Segunda Guerra Mundial, é fundamental abordar, mesmo que não profundamente, os conceitos que envolvem o tema “história e memória”.

2.2 MEMÓRIAS, HISTÓRIA E O MUSEU ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA

A ideia de trabalhar com alunos do 9º ano do ensino fundamental num museu que tem como enfoque a história da participação brasileira no maior de todos os conflitos bélicos traz consigo a necessidade de aprofundar alguns conceitos como memória, memórias coletivas, identidades e lugares de memória. Os museus estão inseridos nas discussões que envolvem esses conceitos, na medida em que podem ser entendidos enquanto locais que tiveram a sua criação influenciada por grupos sociais que buscavam (ou ainda buscam) consolidar determinadas lembranças, para deste modo, firmarem a sua existência no presente

¹³ PARANÁ. **Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações**. SEED – PR – Secretaria de Educação do estado do Paraná, 2018, p. 450.

¹⁴ PARANÁ, *loc. cit.*

a partir do reconhecimento da sua relevância na participação de um determinado acontecimento.

Afinal, o estudante que visita o Museu do Expedicionário tem que compreender que na organização da exposição de longa duração representada nas suas vitrines e fotos, foram feitas escolhas que intencionalmente pretendiam divulgar uma determinada memória do conflito e conseqüentemente contar uma determinada interpretação da história sobre a participação brasileira.

Deste modo, justifica-se a importância de uma breve apresentação destes conceitos. Mesmo reconhecendo as limitações do que será apresentado a seguir, tanto em relação ao número de autores quanto à profundidade das análises dos conceitos. Em parte pela própria natureza da pesquisa, que tem como principal finalidade apresentar um produto que possa servir de sugestão para um trabalho que envolva o ensino de história num museu militar.

Os conceitos como memória, história e os seus inquietantes representantes espalhados pelas cidades, os “lugares de memória”, vêm há algumas décadas inspirando inúmeras pesquisas acadêmicas. A compreensão das relações que envolvem a construção e divulgação de memórias e a sua relação com a ciência histórica são temas que já há algum tempo ganham uma atenção especial por parte da historiografia. Historiadores e estudiosos das mais diversas áreas das ciências humanas como Jacques Le Goff, Pierre Nora, Maurice Halbwachs¹⁵, Michael Pollak¹⁶ e Paul Ricoeur¹⁷ buscaram desbravar os meandros dessas discussões. Mesmo reconhecendo a enorme contribuição de todos os autores citados em relação a esse tema, a pesquisa terá como referenciais: Nora, Le Goff e Joël Candau.

O historiador francês Pierre Nora ressalta o dinamismo da memória e destaca que ela está sujeita a possíveis mudanças que são influenciadas pelo jogo da lembrança e do esquecimento, sendo “vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.”¹⁸ Esse mesmo dinamismo torna a memória um fenômeno ligado ao presente e as suas aspirações, emergindo de grupos que se utilizam dela para se consolidar a partir de lembranças vagas carregadas de simbolismo. A história por sua vez é uma operação intelectual que parte de uma problemática para construir um discurso

¹⁵ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

¹⁶ POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

¹⁷ RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

¹⁸ NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. São Paulo: 1993, p. 9.

crítico a respeito do passado, tendo a pretensão de ser um discurso universal (e não de um grupo em particular). Nora ainda afirma que existe na história uma clara intenção de repelir e até mesmo destruir a memória, em parte por causa do seu discurso crítico que é avesso ao apego inebriante às lembranças vagas que caracterizam a memória.

Pierre Nora produziu ainda interessantes reflexões sobre os “lugares de memória”¹⁹, que surgem da necessidade que os indivíduos e grupos têm de elencar lugares para reter determinadas memórias. O esfacelamento da memória, processo contínuo e acelerado, teve na revolução industrial um dos seus pontos nevrálgicos, sendo que uma de suas consequências foi o “fim dos camponeses”²⁰ enquanto coletividade-memória. Explicando melhor, provocou a destruição de muitas das memórias acumuladas pelas sociedades que antecederam ao advento das máquinas. Com o passar do tempo essa nova realidade, acrescida de processos que marcaram os três últimos séculos como: a independências das nações, a mundialização, a democratização e a midiaticização, provocou o sufocamento das sociedades-memória e consequentemente das ideologias-memórias. Sociedades que propagavam a ideia de que o acúmulo de memórias do passado era pré-requisito imprescindível para preparar um futuro desejável.

Nora produz parte de suas reflexões no início dos anos 1980 período no qual se evidencia uma determinada aceleração da história²¹, causada pela grande amplitude de mudanças, que teve como uma de suas consequências o esfacelamento das memórias. A disseminação dos “lugares de memória”, identificada pelo autor como uma intenção claramente compensatória, é produto da necessidade crescente que os mais diversos grupos sociais, e não mais apenas historiadores e grupos marginalizados, têm de recuperar determinado passado, de ir em busca de sua constituição, de encontrar suas origens²².

Diante de tais circunstâncias, Nora afirma que os *lugares de memória* “são, antes de tudo, restos.”²³ Onde ainda persiste o ritual, os apegos, as particularidades e o sentimento de pertencimento a um grupo; numa sociedade avessa aos rituais e que busca aplinar diferenças

¹⁹ NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. São Paulo: 1993, p. 12-13. Segundo o autor os lugares de memória surgem da percepção de que a memória não sendo espontânea necessita da criação de arquivos, celebrações e outros artifícios para impedir que determinada memória seja varrida da história.

²⁰ *Ibidem*, p. 7.

²¹ O autor destaca que a aceleração da história é a destruição do que ainda restou da tradição, do costume e da imitação dos ancestrais sob a égide de um profundo sentimento histórico.

²² *Ibidem*, p. 15.

²³ *Ibidem*, p. 12

e padronizar gostos. Portanto, as constantes e crescentes ameaças à memória e o sentimento de que ela não é espontânea são importantes catalisadores que impulsionam o surgimento dos lugares de memória, locais que buscam cristalizar e transmitir lembranças que não existem mais. Ao classificar os lugares de memória Nora diferencia os lugares naturais, como museus e cemitérios; daqueles mais intelectualmente elaborados²⁴ e ligadas ao espaço, como: monumentos, estátuas e pontos turísticos.

No clássico “Memória e História”²⁵, Jacques Le Goff explora as relações entre a memória e a produção histórica e também traça algumas diferenças fundamentais entre as duas²⁶. Defende que as periodizações e o entendimento dos diferentes ritmos do tempo histórico são essenciais para o ofício do historiador. Este segue à risca um receituário no qual, por exemplo, as estruturas são sempre entendidas como dinâmicas e os documentos históricos precisam ser examinados seguindo determinados métodos estruturalistas.²⁷ Tudo isto sem abrir mão da objetividade, que requer um necessário do afastamento do seu objeto de estudo para fugir do maior pecado do historiador, o anacronismo. A objetividade histórica é construída de maneira gradual através de constantes revisões e verificações que promovem o acúmulo de verdades históricas parciais.²⁸

Para Le Goff a memória coletiva²⁹ pode ser entendida como um acúmulo de informações referentes ao um determinado grupo ao longo do seu processo de inserção social construído a partir do conjunto de memórias individuais. A memória é mítica é sujeita a deformações e anacronismos, constituindo-se numa permanente relação entre o presente e o passado³⁰. Assim como “o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não

²⁴ *Ibidem*, p. 26.

²⁵ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990

²⁶ Uma interessante abordagem sobre o tema pode ser encontrada em SANTIAGO JR. Francisco das Chagas Fernandes. **Dos lugares de memória ao patrimônio: emergência e transformação da ‘problemática dos lugares’**. Projeto História, São Paulo, 2015. Mesmo valorizando a importância de Le Goff pelo trabalho de distinção entre a história enquanto disciplina e memória enquanto objeto de estudo, entende que o historiador francês pouco explorou o significado da transformação da memória em tópico ou mesmo o significado e impactos do seu surgimento para as ciências humanas, talvez o seu esforço enciclopédico de apresentar os diversos fenômenos mnemônicos das sociedades em diferentes épocas não tenha lhe dado fôlego suficiente para se aventurar em tais análises.

²⁷ *Ibidem*, p. 11.

²⁸ *Ibidem*, p.26.

²⁹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. O autor afirma que um aspecto importante da memória coletiva é a possibilidade que um determinado grupo tem de evocar fatos considerados relevantes para esta coletividade.

³⁰ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990, p. 23.

é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica”.³¹ Cabendo a história corrigir os erros da memória, para tanto, o historiador deve estar devidamente precavido contra as ideologias que projetam uma imagem inconsciente de um determinado futuro desejado.³²

Segundo o autor existe um interesse crescente em desenvolver estudos que busquem desenvolver uma história científica da memória coletiva o que pode ser entendida como uma verdadeira “Revolução da memória”. Neste ponto, os chamados “lugares de memória”, como é o caso dos museus, ocupam um importante destaque:

História que fermenta a partir do estudo dos ‘lugares’ da memória coletiva. Lugares topográficos, como arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como as manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua própria história.³³

Le Goff também busca entender o processo de criação destes “lugares de memória”, os personagens envolvidos e os seus interesses na preservação de determinada memória coletiva.

Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares de memória, lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a sua produção, mas os criadores e denominadores da memória coletiva: Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes da memória.³⁴

A memória é um elemento essencial na construção de identidades sejam individuais ou coletivas, e isto se expressa no caso da LPE (Legião Paranaense do Expedicionário), idealizadora do Museu, e do seu atual administrador, o Exército Brasileiro. Jacques Le Goff realça a importância do tema:

A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da

³¹ *Ibidem*, p. 40.

³² *Ibidem*, p. 23.

³³ *Ibidem*, p. 408.

³⁴ LE GOFF, *loc cit.*

história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e a aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.³⁵

O antropólogo francês Joël Candau no “Memória e Identidade”³⁶ também buscou trabalhar temas relacionados à problemática em questão. Memória e identidade são entendidas enquanto construções sociais, onde a memória é continuamente reconstruída o que se reflete na obsessão pelos “lugares de memória” e evidencia uma necessidade crescente de combater a diluição das identidades e o desaparecimento de seus referenciais, produtos das incertezas do tempo presente.

A identidade projetando-se como um discurso que busca ser totalizante permitindo a divulgação de memórias através da criação de marcos que têm por intenção reforçar sentimentos de origem, história e pertencimento, tentando de certo modo se proteger da dissolução e da fragmentação de memórias processo relacionado à modificação e /ou surgimento de novas identidades. Candau argumenta que as representações da identidade de uma determinada coletividade são inseparáveis do sentimento de continuidade temporal e que ela se consolidará através de relações de proximidade e pertencimento entre os seus membros e da elaboração de uma narrativa que seja coerente e que reafirme a sua existência.

O autor denomina as memórias que contribuem para a estruturação das identidades dos grupos humanos de “memórias fortes”.³⁷ Estas, portanto, podem ser usadas e manipuladas para a produção de discursos que permitam a consolidação dessas identidades. Esse estudo e as suas influências nas pesquisas sobre os impactos dos “lugares da memória” possibilitam um melhor entendimento a respeito do papel do MEXP na consolidação de um determinado conjunto de memórias da FEB.

Deste modo, a intenção do subcapítulo a seguir é explorar os conceitos até aqui apresentados para entender a participação da principal entidade criada pelos ex-combatentes do estado do Paraná nas escolhas do que deveria ser preservado ou ocultado a respeito da memória da FEB e da participação brasileira na guerra. Escolhas que construíram a sua identidade e que foram moldadas a partir das diversas lutas empreendidas por essa

³⁵ *Ibidem*, p. 410.

³⁶ CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

³⁷ CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 125.

organização das quais a principal foi a concretização da sua sede que futuramente daria origem ao MEXP.

2.3 A ORIGEM E O PAPEL DO MEXP NA CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS

O MEXP é um espaço dedicado à memória dos ex-combatentes brasileiros (paranaenses) que participaram da 2ª Guerra Mundial. A ênfase em relação à preservação da memória pode ser observada no Plano Museológico do MEXP para o período (2020-2023), exposto no site da instituição³⁸, em tal documento consta que a missão do museu é: “Preservar a memória de nossos expedicionários e transmitir alguns valores aos nossos jovens, como patriotismo, coragem e determinação”³⁹. No mesmo documento esta ideia é ainda reforçada na descrição da finalidade do museu: “Contribuir para preservação da memória da FEB, por meio da exposição do acervo pertencente à Instituição, lembrando, assim, dos seus feitos e abdições a serviço da Pátria.”⁴⁰

Esses são típicos valores militares os quais estão presentes em diferentes seções do site do Exército Brasileiro (EB)⁴¹, como na aba que explana especificamente a respeito desses ou em outra que apresenta a missão da instituição. É possível também verificar essa tendência numa passagem da obra que tratou do centenário de Max Wolff Filho organizada por Dennison de Oliveira⁴². O General de Brigada Marcio Tadeu Bettega Bergo na introdução desse material não somente enumera os referidos valores, mas apresenta uma breve explanação sobre cada um deles e indica alguns momentos em que eles são reafirmados em cerimônias militares.⁴³

O MEXP tem a sua origem relacionada na Legião Paranaense do Expedicionário (LPE). Órgão criado em 1946 por um grupo de ex-combatentes da FEB com o objetivo de garantir a reintegração social e profissional, assistência à saúde e a preservação da sua “memória”, além de buscar o afastamento da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil

³⁸ MEXP, **Plano Museológico (2020-2023)**. Ministério da Defesa – Exército Brasileiro, 2020.

³⁹ *Ibidem*, p. 4.

⁴⁰ MEXP, *loc. cit.*

⁴¹ MINISTÉRIO DA DEFESA, **Exército Brasileiro**. Brasília, 2015.

⁴² OLIVEIRA, Dennison de (Org). **Memória, Museu e História – Centenário de Max Wolff Filho e o Museu do Expedicionário**. Rio de Janeiro, 2012

⁴³ *Ibidem*, p. 15-16.

(AECB)⁴⁴ tida como de orientação comunista. Quando a LPE fundou a Casa do Expedicionário (1951) havia apenas uma sala dedicada ao museu, a partir de 1980, depois que as atividades de assistência social, médica, odontológica e jurídica aos febianos não se faziam mais necessárias, o museu passou a ocupar a maior parte das dependências da Casa do Expedicionário⁴⁵ sendo firmado para manutenção do espaço um convênio com a Secretaria do Estado e da Cultura do Paraná (SEEC).

O convênio permanece; atualmente, no entanto, o museu não é mais administrado pela LPE, esse papel foi desde 2017 ao poucos sendo repassado ao Exército Brasileiro (EB)⁴⁶. Em 2015 uma assembleia da LPE decidiu repassar a administração do MEXP (acervo e imóvel) ao EB⁴⁷, deixando de ser uma instituição privada para se tornar um museu da administração Federal, sob a responsabilidade da 5ª Região Militar e Base de Administração que faz parte da 5ª Divisão do EB. Ao Exército também cabem às tarefas de gestão, administração e manutenção do museu. Contudo, ainda hoje é a LPE que promove o intercâmbio com a SEEC que através disso disponibiliza funcionários para a segurança patrimonial e serviços gerais,⁴⁸ além de efetuar o custeio das despesas com água, luz e telefone.⁴⁹

O museu ainda ocupa o histórico prédio da Casa do Expedicionário na praça de mesmo nome, possuindo monumentos, peças de artilharia, torpedo, tanque e um avião que busca rememorar a participação brasileira no conflito. O MEXP possui um agendamento bastante disputado atendendo a um grande número de pedidos de visitas orientadas, tanto de escolas públicas quanto privadas de Curitiba e região metropolitana: “recebendo em dias normais, de 4 a 5 cinco grupos, com uma média de 30 pessoas cada.”⁵⁰ O que pode contribuir de maneira significativa para as intenções relacionadas à preservação do acervo e as suas possibilidades de irrupção de memórias e a consequente construção de uma determinada história da FEB

Maria do Carmo Amaral, em sua dissertação de mestrado,⁵¹ entende o ex-combatente como responsável pela construção de um discurso que permitiu a criação do Museu do Expedicionário. Descrevendo os acontecimentos que antecederam à criação do

⁴⁴ AMARAL, Maria do Carmo. **Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. Curitiba, 2001, p. 35-37

⁴⁵ *Ibidem*, p. 90-91

⁴⁶ MEXP, **Plano Museológico (2020-2023)**. Ministério da Defesa – Exército Brasileiro, 2020, p. 4.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 3

⁴⁸ *Ibidem*, p. 9.

⁴⁹ MEXP, *loc.cit.*

⁵⁰ MEXP, **Plano Museológico (2020-2023)**. Ministério da Defesa – Exército Brasileiro, 2020, p. 23.

⁵¹ AMARAL, Maria do Carmo. **Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. Curitiba, 2001.

museu, a autora afirma que a partir da fundação da Casa do Expedicionário (1951), instituição que buscava neutralidade política, teve início uma mudança nas relações entre governo, entidades da sociedade civil (paranaense e brasileira) e pracinhas*. Estes deixam de ser considerados meros estorvos para consolidarem a imagem de heróis e vítimas do conflito ⁵², isto se deu em grande medida devido a cisão do grupo paranaense da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (AECB)**, organização que se alinhava ao Partido Comunista Brasileiro (PCB)*** e por isso mesmo caíra em desgraça com o presidente Dutra, com o Exército e com o governo estadual.****

Portanto, o cisma do grupo paranaense, e de outras seções estaduais, aconteceu muito por conta da preocupação de que um possível alinhamento político com o socialismo pudesse prejudicar as suas relações com o governo e com a sociedade. Antes mesmo da ida para a até então capital federal, os ex-combatentes paranaenses tentaram pleitear uma possível ajuda de custo através do governo estadual, contudo, um representante do governo os tratou com desdém e alegou que o governador não os receberia por serem “comunistas”. Este fato contribuiu de modo significativo para as tomadas de decisões pelo grupo paranaense.

A primeira convenção da AECB aconteceu no Rio de Janeiro em 15 de novembro de 1946, mas ao invés de proporcionar o fortalecimento dos laços entre cada uma das seções estaduais e a liderança carioca, o que ocorreu foi o oposto. De início um incidente desagradou profundamente os paranaenses que compareceram ao encontro. O discurso de um dos seus líderes, o ex-combatente e advogado Mário Montanha, contrário ao alinhamento da seção carioca com o Partido Comunista Brasileiro, foi interrompido de maneira bastante ardilosa através de um falso telefonema. A postura nitidamente partidária da entidade demonstrada através deste episódio e também de outras falas durante a convenção provocou intensa divergência, e conseqüentemente, o afastamento das entidades que representavam os estados de Minas Gerais, Paraná, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e São Paulo.

⁵² *Ibidem*, p.49

* Pracinha é um termo para se referir ao ex-combatente, vem do termo “praça” que na linguagem da caserna se refere a todo militar que não acendeu a carreira de oficial.

** Órgão representativo dos pracinhas com sede na cidade do Rio de Janeiro fundado em outubro de 1945 e que a partir de então apoiou a criação de seções em outros estados, a seção paranaense se reuniu pela primeira vez em 15/11/1946.

*** Na época o presidente da AECB, o sr. Pedro Sampaio Lacerda, ex-funcionário do Banco Brasil responsável pelo pagamento do soldo dos pracinhas durante o conflito, era filiado ao P.C.B.

**** Quando da criação da Associação dos ex-combatentes (10/1945) do Brasil o estado do Paraná era governado pelo interventor Manoel Ribas.

A situação delicada de muitos ex-combatentes no pós-guerra: pobreza, traumas, invalidez, exigiam a necessidade de convencer a sociedade de que eles precisavam de auxílio. E segundo o entendimento do grupo paranaense este convencimento poderia ser inviabilizado por causa do alinhamento político com o PCB. Portanto, o rompimento tinha a clara intenção de conseguir a confiança da sociedade e isto era fundamental para o grupo paranaense. Assim foi sendo moldada a ideia de que o pracinha era um defensor da democracia, esta alcunha foi fundamental, segundo integrantes do grupo paranaense, para se manter a imagem de herói em torno do ex-combatente. Antes lutava contra o fascismo e agora num contexto de Guerra Fria o inimigo a ser vencido era o comunismo com o qual não se podia alimentar suspeita de simpatia.

A primeira reunião do grupo paranaense após a cisão, foi convocada pela delegação que havia sido enviada para o Rio de Janeiro e teve a intenção de colocar todos a par dos acontecimentos. Os demais integrantes apoiaram a postura emancipadora da delegação e a necessidade de se afastar do alinhamento político com o PCB.

De acordo com Amaral, os pracinhas paranaenses se identificavam como um grupo apolítico e idealista, ou seja, o seu partido era o dos ex-combatentes. Com este espírito é que o grupo se mobilizou para a edificação da Casa do Expedicionário⁵³. Após se desvincilhar da AECB os veteranos paranaenses passaram a organizar um grupo totalmente independente deixando muito claro que o caminho trilhado iria ser outro. E isto ficou ainda mais evidente quando da escolha do nome, que não deveria lembrar o grupo nacional ou mesmo as lideranças da sede carioca. Assim o nome escolhido foi Legião Paranaense do Expedicionário (LPE).

A seguir, o grupo paranaense aprovou o seu estatuto interno e escolheu a sua primeira diretoria. As reuniões iniciais ocorreram em locais que tinham algum tipo de ligação com alguns dos seus integrantes, como o Círculo de Estudos Bandeirantes, ponto de encontro de poetas e escritores de Curitiba localizado na rua XV de Novembro, assiduamente frequentada pelo pracinha Mario Montanha; ou ainda na Gráfica Imprensa pertencente a outro febianos, Aristides Simão⁵⁴. Os encontros dos ex-combatentes do Paraná foram se tornando cada vez mais frequentes e eventualmente também aconteceram em locais públicos de fácil

⁵³ AMARAL, Maria do Carmo. **Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. Curitiba, 2001, p. 34.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 38.

acesso, como bares e lanchonetes, a Confeitaria Cometa na rua XV de Novembro, no centro de Curitiba é um bom exemplo.

Na medida em que se davam as notícias de que as agruras do pós-guerra afetavam um número cada vez mais significativo de veteranos, aumentou-se também a frequência das reuniões. Os encontros definiram estratégias de aproximação com o governo estadual e a sociedade paranaense, além do reconhecimento da existência da LPE pelos ex-combatentes de outros estados. Com o tempo os integrantes do grupo conseguiram por empréstimo o pavilhão da Associação de Tiro Rio Branco, próximo ao atual Teatro Guaíra, onde as reuniões passaram a acontecer todas as terças-feiras.

Numa dessas reuniões para a surpresa de todos os presentes adentrou no recinto o general Cordeiro de Farias, então exercendo o comando da 5ª Região Militar, para se filiar a LPE. A sua presença indicava que ele se identificava com o grupo e com as suas memórias, sendo essas individuais tanto dele quanto dos demais e que passaram a compor um conjunto comum de memórias coletivas. Além do mais, a presença do oficial mais graduado da Região Sul seria essencial para que a LPE conseguisse a tal almejada inserção social e o reconhecimento por parte da sociedade paranaense que tanto almejava. “A presença de Cordeiro de Farias contribuiu para legitimar a voz dos “esquecidos da guerra”; ele reconheceu e apoiou a causa do grupo, além de ajudar a afastar a ideia de que o comunismo rondava as reuniões dos ex-combatentes.”⁵⁵

No entanto, a falta de recursos proporcionada em parte pelos limites orçamentários de um grupo muito restrito de pessoas levou a LPE a buscar abrir as suas portas para a filiação de ex-combatentes que não fossem paranaenses. Outro passo importante na estratégia de expansão foi eleger para a presidência um expedicionário que não fosse natural do Paraná. O escolhido foi um catarinense, o Coronel Machado Lopes, ex-comandante do 9º Batalhão de Engenharia da FEB, “que, à época, era diretor da Rede de Viação Paraná – Santa Catarina”⁵⁶ (RVPSC). Tal escolha seria essencial para o futuro da organização, na medida em que o militar em questão tinha uma posição de relevância na administração estadual além de ser reconhecido por seus pares como um brilhante oficial do Exército.

Essa escolha foi fundamental para o grupo, pois o oficial em questão tinha uma ótima relação com o governo do estado, o que contribuiu para divulgar uma imagem positiva

⁵⁵ *Ibidem*, p. 39.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 40.

do expedicionário paranaense e ao mesmo tempo conseguir o necessário apoio político para a construção da tão sonhada sede própria para a LPE. Reconhecidamente o Coronel Machado Lopes foi fundamental para o processo que culminou com a inauguração da Casa do Expedicionário em 1951. Na condição de presidente da maior e mais importante empresa estatal, cujo orçamento superava os dos estados de SC e PR juntos, Machado Lopes ocupava uma posição estratégica para apelar a fornecedores, clientes, empresários e administradores que tinham relação com a RVPSC.

Outra estratégia da LPE foi incentivar a eleição de ex-combatentes e simpatizantes de sua causa para cadeiras do legislativo estadual. Essa postura deu ao grupo a representação política e o consequente apoio para a construção da Casa e também para a aprovação de leis que pudessem auxiliá-los na luta por direitos que amenizassem as dificuldades do pós-guerra, muitas vezes a partir da inclusão de veteranos a cargos públicos. Na medida em que os pracinhas do Paraná conseguiam benefícios através de leis, passaram também a serem respeitados pelas outras associações, tornando-se referência nacional na luta por direitos para os ex-combatentes.

Deste modo, a LPE e a rede de simpatizantes organizada por ela foi definida a partir de três pontos fundamentais:

Primeiramente, foi importante a manutenção da imagem de um ‘herói abandonado’ perante a sociedade, o que proporcionou a justificativa para buscarem apoio junto aos políticos na elaboração e aprovação de leis que os favorecessem. O segundo ponto, foi a busca da credibilidade da Legião, através da aproximação de autoridades civis e militares que legitimassem a entidade perante a sociedade. E o terceiro, traduzia-se na construção de um espaço físico que definitivamente os inserisse na memória coletiva da sociedade paranaense: a construção de uma casa monumento que os colocasse em destaque não apenas no estado do Paraná, mas em todo país.⁵⁷

As estratégias e lutas desenvolvidas pela LPE em torno da conquista de direitos para os febianos e da edificação da Casa do Expedicionário moldou gradativamente as relações entre estes, a sociedade civil, representantes do governo e militares. A imagem do ex-combatente identificada com o alcoolismo e com os traumas de guerra começou a ser compreendida como uma dura consequência da luta heroica nas montanhas italianas. De estorvo passou a ser uma vítima do conflito merecedora de empatia.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 48.

Em paralelo aos esforços para a construção da Casa do Expedicionário foram organizados desfiles e comemorações que buscavam firmar datas e nomes alusivos à participação da FEB no conflito. A intenção disso era muito clara, firmar essas lembranças como importantes para toda a sociedade e não apenas para aqueles que participaram diretamente da guerra. Neste ponto a chama a atenção para uma especificidade fundamental relacionada às memórias da Segunda Guerra Mundial no Brasil, pois, muito diferente da realidade europeia onde a população civil foi diretamente envolvida no conflito, aqui as lembranças da guerra faziam sentido apenas a um grupo muito restrito. Deste modo, fundamental para dar crédito às memórias de guerra dos febianos foi a criação da Casa e depois do Museu do Expedicionário:

O objetivo do ex-combatente brasileiro era inserir no subconsciente coletivo da população algo que ela não vivenciou de fato, se num primeiro momento as histórias são ouvidas, em seguida isso foi diluindo-se dia a dia. Dessa forma, o trabalho e inserção da memória de guerra na memória coletiva pode ser considerado um trabalho contínuo que a cada dia vai sendo retrabalhado. Junto à sociedade brasileira. O grupo paranaense foi se destacando justamente neste ponto, e o lembrar significava convocar a população para ouvir histórias.⁵⁸

A LPE percebeu que a sua existência no futuro dependeria disso, as portas da organização deveriam ser abertas à participação de civis. Personalidades da sociedade e políticos, inclusive governadores, passaram a ser convidados a se filiarem na entidade e / ou a participarem das festividades em datas comemorativas. Foram criadas até mesmo medalhas para condecorar em ocasiões especiais os simpatizantes na causa da reintegração social do ex-combatente. Isto demonstra que mesmo não tendo se comprometido com um discurso político em especial a LPE buscou angariar benefícios das mais diferentes correntes políticas.

Um maior número de associados e simpatizantes permitiu um aumento considerável na arrecadação, além disso também foram importantes as campanhas desenvolvidas com apoio da imprensa, principalmente do jornal Gazeta do Povo. Estas aconteciam não só em Curitiba, mas em diversas cidades do interior em ocasiões especiais como a “Semana da Pátria” sendo compostas por festas, quermesses, rifas, jogos de futebol, projeção de filmes, bailes e venda de produtos com o símbolo da FEB⁵⁹. Sendo oportunidades que além de

⁵⁸ *Ibidem*, p. 50.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 83. Apesar dos esforços dos legionários a arrecadação não foi o suficiente para realizar a obra, por isso mesmo foram aprovadas leis nas quais o estado do Paraná se comprometeu inicialmente com 25% e

angariar fundos para a construção da futura Casa do Expedicionário também contribuíam para diversificar as maneiras de consolidar a memória da FEB. Lembrando que para o desenvolvimento dessa estratégia foi fundamental o papel realizado pelo Coronel Machado Lopes que contribuiu significativamente para legitimar as intenções dos ex-expedicionários do Paraná, colocando todo peso de seu prestígio e influência como gestor da maior empresa da região sul a serviço da causa.

Findado o período de arrecadação de fundos, chegara o momento de escolher o projeto arquitetônico. Aquele que melhor atendeu as expectativas dos legionários foi o apresentado pelo engenheiro Euro Brandão*, pertencente ao círculo de amizades da LPE. Nele consta no topo do edifício um monumento mostrando um patrulha em ação, confeccionada pelo artista Humberto Cozzo**, além de um espaço em frente (praça) na qual são realizadas até hoje cerimônias cívico-militares. Aqui vale reforçar que era intenção dos legionários a constituição de um espaço que permitisse desenvolver rituais relacionados às memórias da Segunda Guerra. Importante destacar que o terreno no qual foi construída a Casa foi doado pela prefeitura em 1948 durante o mandato do prefeito Ney Leprevost.

Em 15 de novembro de 1951 finalmente foi fundada a Casa do Expedicionário, com a presença de colaboradores, autoridades civis e militares. A fita de inauguração foi cortada pelo Coronel Machado Lopes, sendo que o Marechal Mascarenhas de Moraes seria o responsável por esse ato, porém não pode comparecer à cerimônia.

Com o passar dos anos a Casa do Expedicionário foi perdendo a sua função assistencialista e isso se deve às conquistas legais e sociais obtidas pelos ex-combatentes. Lembrando que as atuações dos veteranos nas esferas públicas estaduais e municipais permitiram que eles conseguissem obter aposentadorias, outros ainda foram reformados segundo a função exercida no Exército Brasileiro ou ainda se tornaram pensionistas⁶⁰. O

depois com 50% das despesas com a obra.

* Euro Brandão (1924-2000) foi um engenheiro, professor, filósofo e escritor membro da Academia Paranaense de Letras. Ocupou ainda os cargos de superintendente da Rede de Viação Ferroviária do Paraná, Secretário de Estado do Transporte do Estado do Paraná, Presidente do Instituto de Engenharia do Paraná e Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC / PR), Diretor do Centro de Computação Eletrônica da UFPR e Ministro da Educação e Cultura no Governo Geisel (1978 - 1979).

** Humberto (ou Bartolomeu) Cozzo (1900-1981) foi um premiado e renomado artista plástico nascido na cidade de São Paulo, suas esculturas estão espalhadas por várias cidades brasileiras. Além da obra no MEXP, em Curitiba ainda existem outras duas: o painel em relevo para a palácio do governo do Paraná e o Monumento do Centenário. A partir de 1964 passou a integrar a Comissão Nacional de Belas Artes.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 90.

atendimento aos ex-combatentes foi encerrado e se deu lugar exclusivamente à perpetuação da memória da participação brasileira no conflito. E o singelo museu Max Wolff Filho*, que ocupava duas salas da Casa, contando novamente com a ajuda de políticos e simpatizantes da LPE, angariou recursos que possibilitaram a transformação do espaço num dos principais museus brasileiros sobre a participação brasileira no conflito. A inauguração aconteceu em 19 de dezembro de 1980.

Após o reconhecimento dos ex-combatentes perante a sociedade paranaense e da resolução das questões relacionadas a sua assistência, o passo seguinte foi inserir as suas recordações na memória oficial do conflito. Nesse processo, entre outras atividades, a LPE promoveu desfiles dos ex-combatentes pelas ruas de Curitiba em datas relacionadas às conquistas da FEB na Itália. No entanto, o mais importante nesse processo foi promover eventos na Casa do Expedicionário em datas cívicas nacionais.⁶¹

A respeito da memória oficial do conflito, é necessário destacar que ela “foi construída a partir de relatos dos comandantes.”⁶² Nisto a então Biblioteca do Exército teve um papel de destaque, vários oficiais publicaram por intermédio dela suas recordações e pareceres sobre a Segunda Guerra. Uma das primeiras publicações foi do próprio comandante da FEB João Baptista Mascarenhas de Moraes.⁶³

Do mesmo modo que Maria Carmem do Amaral, Cesar Campiani também destaca que a consolidação da memória da Segunda Guerra se deu a partir de um seleto grupo de pessoas ligadas às associações de ex-combatentes e ao Exército Brasileiro. Deste modo, resultando numa memória “uníssona”.⁶⁴

Com exceção dos indivíduos possuidores de interesse específico, para a maioria dos brasileiros, mesmo os mais bem informados, nossa lembrança da participação na guerra não vai além das transmissões televisivas de veteranos desfilando no 7 de Setembro (...)⁶⁵

* O sargento Max Wolff Filho é considerado pelos próprios ex-combatentes como o grande herói das ações brasileiras na Itália, morrendo em combate em 12 de abril de 1945 durante as ações que antecederam a conquista de Monte Castelo.

⁶¹ AMARAL, Maria do Carmo. **Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. Curitiba, 2001, p. 97.

⁶² AMARAL, Maria do Carmo. **Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. Curitiba, 2001, p. 94.

⁶³ MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB por seu comandante**. São Paulo: Progresso, 1947.

⁶⁴ CAMPIANI, César Maximiliano. **As trincheiras da Memória, brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945**. São Paulo, 2005, p. 20.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 21.

Nesse ponto cabe uma reflexão, se a origem de boa parte da literatura sobre o tema foi produzida por oficiais do Exército que estiveram no Teatro de Operações do Mediterrâneo, escrita com apoio da editora dessa mesma entidade, instituição essa que esteve envolvida na organização da LPE e que atualmente administra o MEXP. Em 2015 uma assembleia da LPE decidiu repassar a administração do MEXP (acervo e imóvel) ao EB, deixando de ser um museu privado para se tornar um museu da administração Federal. É possível pensar que esse conjunto de fatores possa indicar que as memórias escolhidas pelo EB estão representadas no acervo exposto no MEXP.

No que concerne ao material produzido pelos oficiais, via de regra, ele não apresenta problematizações, tão caras ao estudo da história, mas tão somente uma repetição cansativa de acontecimentos gloriosos e feitos heroicos, buscando em muitas ocasiões glorificar os chefes militares e as ações extraordinárias de seus comandados.⁶⁶ Evidentemente que existiram exceções, algumas vozes dissonantes, principalmente de oficiais que se consideravam desprestigiados pela versão oficial. No entanto, até mesmo nessas publicações se questionava apenas algumas das ações dos comandantes do alto escalão sem de maneira nenhuma buscar manchar o heroísmo das tropas brasileiras que combateram na Itália.

Segundo Cesar Campiani, a produção bibliográfica escrita pelos comandantes da FEB e integrantes do seu oficialato está intimamente relacionada à concepção que as Forças Armadas divulgam ao seu próprio respeito. Processo ao qual Le Goff chama a atenção quando explora a manipulação do documento pelo poder.⁶⁷ Concepção que busca exaltar a competência de seus comandantes na condução das ações brasileiras no conflito.

Em parte essa produção bibliográfica foi escrita em paralelo com organização dos grupos de ex-combatentes, bem como com as lutas pelo reconhecimento dessas entidades e também pela defesa de seus interesses. Simultaneamente os veteranos passam a se reconhecer como heróis e reivindicam um papel preponderante na memória nacional. A estratégia usada para alcançar esse objetivo foi associar “as suas comemorações às datas nacionais.”⁶⁸

Mecanismo esse de suma importância considerando que a maior parte da sociedade brasileira não foi diretamente envolvida no conflito. Ao se convencionar, com a anuência de

⁶⁶ CAMPIANI, César Maximiliano. **As trincheiras da Memória, brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945**. São Paulo, 2005, p. 15-16.

⁶⁷ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990, p. 545.

⁶⁸ AMARAL, Maria do Carmo. **Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. Curitiba, 2001, p. 94.

políticos e de comandantes do EB, o que deve ser comemorado. Os pracinhas paranaenses deram um passo importante na busca para que suas lembranças fossem inseridas na memória coletiva na sociedade. Essas comemorações foram sendo inseridas no imaginário social num processo que contribuiu significativamente para a consolidação de *memórias fortes*.

Deste modo, as comemorações inseridas no calendário nacional têm a pretensão de “organizar as memórias com a esperança de unificá-las, de tal maneira que elas pudessem participar do jogo identitário pelos grupos ou indivíduos”.⁶⁹ Num processo constante de legitimação e valorização de acontecimentos considerados fundadores de uma suposta união comunitária. Dentro dessa perspectiva, é importante realçar que a comemoração é sempre seletiva. Deste modo, só é preservada a lembrança que esteja em sintonia com o discurso de identidade do grupo, ao mesmo tempo em que se exclui qualquer tipo de recordação que pode de algum modo se opor a ele. Entretanto, o projeto só terá uma carga potencialmente identitária⁷⁰ se, necessariamente, estiver inserido no presente, ou seja, é preciso comemorar e celebrar os feitos dos ex-combatentes atualizando-os continuamente de geração em geração.

Evidentemente que esse processo foi uma tarefa complicadíssima e de longo curso, que buscou, sobretudo, valorizar datas relacionadas a acontecimentos importantes para a FEB sem esquecer, é claro, de reverenciar alguns personagens entre seus pares.*

Desde o início os expedicionários paranaenses chamaram a sociedade para comemorar datas como o embarque dos brasileiros, a conquista de Montese e Monte Castelo e o Dia da Vitória que marca o fim do conflito. Simultaneamente organizou a projeção de filmes e documentários sobre o conflito e até torneios e bailes com a alcunha de “Monte Castelo”. Numa tentativa de incutir na memória coletiva a sua experiência de guerra.

No entanto, como já foi mencionado, a apropriação de datas cívicas do calendário brasileiro e paranaense foi a estratégia que inicialmente mais surtiu o efeito desejado. Um exemplo disso foram os desfiles cívicos-militares de 7 de Setembro, nos quais os pracinhas passaram a ocupar um lugar de destaque como defensores da pátria.

⁶⁹ CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 147.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 148.

*Além do comandante máximo da FEB, Marechal Mascarenhas de Moraes, ganhou destaque o já mencionado sargento Max Wolff Filho, paranaense da cidade de Rio Negro. Ele é o personagem mais reverenciado no MEXP tendo inclusive uma sala com o seu nome na qual são lembradas as suas ações no conflito e a consequente morte em combate. Mesmo antes deste fato derradeiro a sua personalidade já era admirada pelos seus comandados sendo que a sua coragem e destemor foram reconhecidos através de condecorações que recebeu tanto do exército estadunidenses quanto da FEB.

Outro bom exemplo dessa estratégia foi a própria inauguração da Casa do Expedicionário, em 15 de novembro de 1951, no dia da Proclamação da República que contou com um desfile dos expedicionários, esse teve início na Praça General Osório seguindo pela Rua XV de Novembro em direção a Casa. Sem esquecer, é claro, que a cerimônia contou com a presença de autoridades militares e políticas, o que contribui ainda mais para dar notoriedade ao grupo. Essa proximidade com os representantes do poder facilitou a construção da imagem de herói do passado que tem por merecimento um lugar de destaque nos acontecimentos cívicos da sociedade

Portanto, os laços estabelecidos com os representantes do poder municipal, estadual e militar deram aos ex-combatentes paranaenses a oportunidade de participarem de cerimônias relacionadas tanto ao calendário oficial quanto aquelas alusivas a sua participação na Segunda Guerra, sendo que a partir da inauguração da Casa, os pracinhas passam a ter um local privilegiado para desenvolver a sua estratégia de inserção na memória coletiva.

Como explorado por Nora, as transformações rápidas da sociedade, em especial os fatos que marcaram as últimas décadas, induziram a uma “aceleração da história” que por sua vez promoveu um esfacelamento de memórias. Essas rápidas mudanças também pressionaram os veteranos paranaenses a encontrarem mecanismos para perpetuar suas memórias. Esta intenção moldou suas estratégias que contaram desde o princípio com o apoio de políticos e militares ligados ao alto comando do Exército. Nesse processo, a inauguração em primeiro lugar da Casa e depois do MEXP contribuíram de maneira significativa para a edificação de um dos mais importantes “lugares de memória” que fazem referência à história da FEB.

No entanto, o envelhecimento dos veteranos de guerra trouxe um novo problema, a necessidade urgente de transmitir para as novas gerações as memórias de guerra do grupo paranaense, do contrário todo o esforço realizado até então estaria perdido. Com esse intuito os veteranos passaram a dar palestras e também começaram a participar de solenidades internas em colégios. Deste modo, as experiências narradas por eles foram aos poucos sendo repassadas e incorporadas pelos estudantes, aumentando consideravelmente as chances de que as lembranças do grupo fossem transmitidas de geração em geração.

Com a transformação no início da década de 1980 da Casa do Expedicionário em museu essa possibilidade de transmissão das memórias foi significativamente ampliada e os objetos de guerra expostos em suas salas, passaram a ter um papel muito importante nesse

processo. O visitante se torna então “um veículo de armazenamento e transmissão das memórias do grupo.”⁷¹

É inquestionável que a Segunda Guerra Mundial é um dos eventos históricos mais arraigados no imaginário das gerações pós 1950, muito por conta da indústria do entretenimento, especialmente a cinematográfica. No entanto, a experiência vivenciada num museu como o do Expedicionário é única. Seu riquíssimo acervo composto por fotografias, uniformes, armamentos, utensílios e objetos diversos é um estímulo à imaginação. E quando adequadamente estimulado provoca a interação com o presente e no caso das intenções dos seus criadores, a construção de memórias.

Com o passar do tempo as visitas das escolas de Curitiba e região metropolitana ficaram cada vez mais frequentes, exigindo inclusive um agendamento com alguns meses de antecedência. Esse crescente fluxo de estudantes e demais visitantes tornaram as monitorias para os já envelhecidos veteranos uma tarefa por demais desgastante. Não era possível na maioria das vezes que eles as conduzissem, obrigando a administração da LPE a estabelecer convênios com universidades para que estudantes do curso de história pudessem estagiar no museu, tendo como uma de suas principais atividades as monitorias pré-agendadas. Estas tinham um roteiro pré-estabelecido que mantinha a intenção já consagrada de transmitir as memórias dos expedicionários de modo a perpetuá-la através das novas gerações.

No entanto, os estagiários possuíam os pré-requisitos e o conhecimento necessários para estabelecer relações importantes entre as memórias dos ex-combatentes e as discussões historiográficas da academia, proporcionando aos estudantes que visitavam o museu a oportunidade do contato com análises mais apuradas sobre a participação brasileira no conflito. Nessas monitorias eram estabelecidas conexões tanto com o período histórico no qual ela estava inserida quanto com o mundo presente e o cotidiano dos soldados.

Assim como algumas memórias foram escolhidas para serem preservadas, outras com o tempo foram relegadas ao esquecimento. Quando o museu foi fundado, em 1980, havia um espaço dedicado aos mortos em combate na “extinta sala D”, num corredor que ligava os dois setores superiores do MEXP hoje usado para atividades burocráticas do museu. Este espaço era denominado de “espaço da lembrança” ou “espaço do sofrimento”.⁷² Continha

⁷¹ AMARAL, Maria do Carmo. **Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. Curitiba, 2001, p. 114.

⁷² PIOVESAN, Adriane. **Representações da Morte no Museu do Expedicionário**. In: **Memória, Museu e História – Centenário de Max Wolff Filho e o Museu do Expedicionário**. Rio de Janeiro, 2012. p. 123.

painéis com fotos de transporte de feridos e mortos e do Cemitério Brasileiro em Pistóia; entre os objetos expostos estavam estilhaços, um gorro, o coturno de um soldado metralhado, padiolas e um saco mortuário. A iluminação propositalmente mais fraca e o poema “Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia” de Cecília Meireles completavam o cenário fúnebre. Esse espaço foi extinto no final da década de 1990, seguindo uma tendência mundial da virada do milênio de ocultamento da morte.⁷³

Esse é um exemplo de uma memória ocultada na atual exposição de longa duração. A morte na guerra por ser em grande parte das vezes extremamente violenta e até mesmo causando a desfiguração dos corpos, como relatada nos testemunhos expostos por César Campiani, essa com o tempo passa a ser uma memória que os ex-combatentes não querem expor para os visitantes do museu, em grande parte estudantes do ensino básico.

Como já foi mencionado, desde 2018 a LPE vem repassando gradualmente a administração do MEXP para o Exército Brasileiro o que provocou algumas mudanças. Um exemplo disso são as placas informativas fixadas nas paredes, escritas tanto em português quanto em inglês, que permitem que o visitante tenha contato com dados a respeito da participação brasileira no conflito, que vão dos ataques dos submarinos do Eixo até o retorno da FEB para casa. O museu também disponibiliza em seu site um roteiro para a visita, com várias informações sobre a participação brasileira no conflito, além da possibilidade de um *tour* virtual por suas salas. O museu conta atualmente com uma equipe liderada por uma museóloga que vem digitalizando e organizando o acervo e a biblioteca do MEXP seguindo os padrões técnicos no que diz respeito ao acondicionamento das peças da reserva técnica e a organização das exposições tanto a de longa duração quanto das temporárias.

Apesar desse louvável esforço, o setor educacional que organiza as monitorias, precisa também urgentemente inovar-se. É essencial a presença de um historiador nas atividades do museu que passam pela organização do acervo, exposições e atendimento aos visitantes que tem nos estudantes o seu principal público. Existe a necessidade de discutir as escolhas que foram feitas para definir a exposição de longa duração, além de inserir conceitos como memória, história e lugar de memória numa ação que seja dialógica e não um simples repassar mecânico de fatos gloriosos. A presença de um historiador poderia contribuir para transformar as monitorias em verdadeiras mediações que tornariam a experiência no museu

⁷³ *Ibidem*, p. 124

muito mais prazerosa e edificante, transformando o olhar de simples curiosidade do estudante sobre as peças expostas para um olhar mais crítico.

Como anteriormente mencionado a memória da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial é divulgada pelo Exército Brasileiro através das associações de ex-combatentes. Sendo que muitas delas são administradas pelo próprio EB. Deste modo, as comemorações e celebrações referentes às conquistas brasileiras no *front* italiano são organizadas pelo Exército, lembrando que datas como essas alimentam a memória coletiva e fortalecem as identidades, ainda mais num lugar de memórias como o MEXP.

O MEXP pode ser enquadrado nesse caso muito por conta de suas origens e administrações tanto as antigas quanto a mais recente. Pode-se perceber a intenção mal disfarçada de divulgar um discurso que busca consolidar não só as memórias escolhidas pela FEB, mas também fortalecer certa identidade do Exército Brasileiro. Essa literatura é a que direciona tanto vídeo, produzido pelo EB, que é apresentado aos estudantes assim que chegam ao MEXP, quanto nas monitorias desenvolvidas pela equipe do museu e que atendem muitos grupos de visitantes. Ou seja, o tom é marcadamente laudatório e sem buscar as devidas problematizações que devem estar presentes numa boa aula de história.

Contudo, independente da presença de um historiador na equipe pedagógica do MEXP, é possível para um professor preparar uma mediação no Museu do Expedicionário. Para isso o professor de história deve antes, em sala de aula discutir com os seus alunos conceitos como memória, história, lugares de memória e identidade. Discutir a própria existência do museu, suas escolhas, influências e a história que busca contar.

O MEXP, local escolhido para o desenvolvimento da prática pedagógica, deve ser entendido enquanto um *lugar de memória* que ao fazer as escolhas para montar a sua exposição de longa duração buscou tanto preservar os objetos relacionados à atuação da FEB na Segunda Guerra Mundial quanto construir uma determinada memória a respeito do conflito.

Os estudantes precisam compreender que os organizadores da exposição e o seu atual mantenedor fizeram determinadas escolhas para compor a exposição que incidem na forma como a história é contada em suas salas. Destaques e ocultamentos determinam o que se quer transmitir para os alunos e visitantes que frequentam o MEXP, cabe ao professor de história que levou as suas turmas para uma visita ao museu desconstruir isso, apresentando de

maneira acessível aos seus alunos os resultados e informações extraídas de estudos acadêmicos sobre o tema para, deste modo, ampliar o conhecimento sobre ele e quem sabe discutir as memórias apresentadas através da exposição. Desta forma se realizará a abordagem proposta por Le Goff de através da História corrigir e interpretar a Memória.

2.4 O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO OU A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL COMO TEMA DE PESQUISA

É incomensurável o número de filmes, documentários e publicações literárias que tem como tema a Segunda Guerra Mundial. Apesar dos quase setenta anos do final desse conflito ele faz parte do imaginário coletivo até mesmo de muitas nações que não vivenciaram essa experiência de guerra. Os estudos científicos a respeito desse tema, desenvolvidos principalmente na Europa e EUA , parece que também não perderam o fôlego. Ao contrário, a abertura e descoberta de novos arquivos, assim como novas técnicas e conceitos ampliaram as possibilidades de fontes que trouxeram uma enxurrada de novas informações.

No entanto, na medida em que a presente pesquisa pretende trabalhar com a participação do Brasil nesse conflito é de suma importância realizar uma breve revisão bibliográfica sobre o tema. As intenções do referido trabalho impossibilitaram determinados aprofundamentos, sendo que o que se propõe aqui é apenas apresentar as fontes dos conhecimentos que conduzirão a mediação e a atividade de fechamento com os estudantes em sala de aula.

Francisco Ferraz escreveu um artigo no qual analisou a produção bibliográfica brasileira sobre o tema⁷⁴, o recorte abrangeu desde a segunda metade da década de 1940 até o início do século XXI. Tal análise contribui para realçar a importância de se estudar o envolvimento brasileiro no conflito e do quanto é relevante trazer as suas discussões para o ambiente escolar, o que justifica a pesquisa que se pretende realizar envolvendo o MEXP e a educação museal.

O autor constatou que o tema possui uma produção bastante significativa, 1.092 publicações entre livros, capítulos de livros, dissertações, teses, trabalhos publicados em anais

⁷⁴ FERRAZ, Francisco César Alves. **Considerações Historiográficas sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: Balanço da produção bibliográfica e suas tendências.** Revista esboços, Florianópolis, 2016.

de eventos científicos e artigos em periódicos científicos e militares. Ao todo ele a dividiu em doze áreas temáticas que para aprimorar o estudo foram agrupados em 6 blocos temáticos: obras gerais, relações internacionais e entrada do Brasil na guerra; front interno; campanha da Itália, expressões culturais e pós-guerra.⁷⁵

Até a década de 1990 as publicações dependiam muito das efemérides da participação brasileira no conflito ou de datas comemorativas como a que marcou o centenário do comandante da FEB, Marechal Mascarenhas de Moraes. Muito além dos picos de publicação, o que chama atenção é a média significativa de publicações nas últimas décadas, sobretudo, a partir da virada para o novo milênio.⁷⁶

O bloco temático mais explorado desde 1945 até 2016, mesmo com a ampliação de campos de estudo, foi a Campanha da Itália contando com mais de 22% de todas as publicações. No entanto, nas três últimas décadas houve aumento expressivo das publicações do bloco temático “Front Interno”, com os estudos se concentrando principalmente no cotidiano das cidades afetadas pelo conflito e nas comunidades de descendentes de integrantes do Eixo, sobretudo os estados da região sul. Dentro desse bloco temático é importante ressaltar o “boom” da área temática “memórias dos ex-combatentes” no período 1996-2006, que pode ser explicado tanto pelo esforço individual destas testemunhas do conflito e de suas famílias em vista do avanço das idades dos veteranos, quanto pelo crescimento das abordagens relacionadas a história oral e memória.⁷⁷

Os estudos a respeito da memória permitiram o crescimento de publicações, principalmente acadêmicas, relacionadas aos blocos temáticos “Expressões Culturais” e “Pós-Guerra”, com relação a esse último pode-se destacar a área temática “memória e patrimônio”. Ainda a respeito do “Pós-Guerra” é importante mencionar a área temática classificada como “reintegração dos ex-combatentes à sociedade”, inicialmente trabalhada por lideranças de associações e jornalistas a partir da década de 1980 teve um novo impulso a partir de 2003 e está em franca expansão.⁷⁸ Esse tema foi trabalhado por Maria do Carmo Amaral,⁷⁹ Alessandro de Santos Rosa⁸⁰ e pelo próprio Francisco Ferraz⁸¹, entre outros autores. Muito

⁷⁵ *Ibidem*, p. 213-214.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 215.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 220.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 220.

⁷⁹ AMARAL, Maria do Carmo. **Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós- Graduação em História, UFPR, Curitiba, 2001.

⁸⁰ ROSA, Alessandro dos Santos. **A reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)**. Dissertação de mestrado, UFPR, Curitiba, 2010.

⁸¹ FERRAZ, Francisco César Alves. **A Guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da**

desse crescimento pode ser explicado graças às fontes disponibilizadas pelas próprias associações de ex-combatentes, que além das memórias orais e escritas continham acervos dos trabalhos desenvolvidos pelas próprias associações. No entanto, as produções escritas pelos veteranos de guerra, sofreram um grande decréscimo causado por um motivo muito doloroso, o falecimento de muitos deles.

Outras áreas se alternaram entre momentos de expansão e de produção modesta, como a “Entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial / Relações Internacionais”. Aliás, este tema ganhou um novo fôlego nos últimos anos graças às novas fontes exploradas tanto em arquivos nacionais quanto estrangeiros⁸². As relações e a perspectiva de vizinhos, aliados e inimigos a respeito da participação do Brasil no conflito contribuíram para o crescimento de subáreas como: os episódios de espionagem e contraespionagem, a política da Boa Vizinhança e em particular sobre a política externa e a aliança militar entre Brasil e Estados Unidos.⁸³

Outro ponto de análise de Ferraz foi quanto à distribuição da produção, se ficou restrita a um âmbito exclusivamente militar ou se foi destinada a um público mais diversificado. Excedendo as publicações referentes ao período 1976-1985, no qual as destinadas a um público militar foram mais numerosas, e entre 1986-2005, onde prevaleceu o equilíbrio, no restante dos períodos analisados as publicações para um público civil representaram uma média de 2/3 o que incidiu em 68% de toda a bibliografia produzida⁸⁴. Muito além dos números é importante entender o papel desempenhado pelas instituições militares, universidade e editoras no avanço das publicações sobre a participação brasileira na maior de todas as guerras, assim como a relação delas com a expansão de temas, abordagens, pesquisas e do próprio público leitor.

As instituições militares foram e ainda são muito importantes para o desenvolvimento de estudos sobre a Segunda Guerra Mundial. No entanto, o tom laudatório e apologético⁸⁵ utilizado nos textos e a falta de análises mais críticas a respeito dos problemas e equívocos a respeito da atuação brasileira prejudicaram os estudos sobre o assunto até a

força expedicionária brasileira (1945-2000). Londrina: Eduel, 2012.

⁸² FERRAZ, Francisco César Alves. **Considerações Historiográficas sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: Balanço da produção bibliográfica e suas tendências.** Revista esboços, Florianópolis, 2016, p. 224.

⁸³ Um bom exemplo dessa tendência pode ser constatada em: OLIVEIRA, Dennison. *Aliança Brasil-EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial.* Curitiba: Juruá, 2015.

⁸⁴ FERRAZ, Francisco César Alves. **Considerações Historiográficas sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: Balanço da produção bibliográfica e suas tendências.** Revista esboços, Florianópolis, 2016, p. 223.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 226.

década de 1980. Acrescenta-se ainda a ausência de distinção entre os expedicionários e as Forças Armadas que comandavam o regime ditatorial o que levou à publicação por parte de civis de obras que continham até mesmo um tom de chacota sobre a FEB. Mesmo reconhecendo a importância da produção de origem militar, as editoras ao longo das décadas foram responsáveis pela maioria das publicações sobre o assunto. Sendo que as produções acadêmicas ganharam relevância somente nas três últimas décadas.

O mais recente crescimento do número de publicações sobre os assunto se deve a alguns fatores como: um público leitor sedento por novidades; novas abordagens regionais (através de novas fontes); jovens pesquisadores buscando novas histórias e abordagens; e por último, as editoras comerciais passaram a publicar um maior número de dissertações e teses.⁸⁶ Em relação às características do público leitor,⁸⁷ ele é relativamente pequeno, mas fiel em crescimento e como já foi comentando, ávido por novas abordagens e subtemas. Em parte pelo desenvolvimento da própria disciplina histórica e também pelo ingresso de pesquisadores militares das Forças Armadas em cursos de pós-graduação nas universidades, as produções foram deixando de lado o tom laudatório e ganharam em cientificidade.

No entanto, o grande empecilho a esse pujante crescimento do número de publicações sobre o Brasil na Segunda Guerra é de certa forma o mesmo problema verificado em muitas outras pesquisas históricas, o acesso e a disponibilidade das fontes documentais. Os acervos que tratam da FEB estão em diferentes unidades que se encontram espalhados pelo território nacional sem contar com nenhuma catalogação e carecendo muitas vezes de uma conservação adequada. A morte de muitos ex-combatentes e o encerramento das atividades de um número considerável de suas associações também contribuíram para a pulverização e comercialização dos seus acervos. Esse cenário traz problemas para o pesquisador que não podendo utilizar os acervos em sua totalidade se obriga a trabalhar por amostragens.⁸⁸

Apesar dessas limitações, o tema da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial possui uma considerável produção bibliográfica com uma demanda crescente por novas temáticas, tanto por parte de leitores e pesquisadores quanto pelas editoras. Ferraz conclui sua análise chamando a atenção para a necessidade de união entre os pesquisadores desse tema:

⁸⁶ *Ibidem*, p. 227.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 227.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 228.

Há, portanto, imensos campos a pesquisar visando a publicação. E com o fito de reivindicar mais espaço nas narrativas históricas brasileiras na memória coletiva, na produção didática e historiografia profissional universitária, é necessário unir, de maneira bem proveitosa, a expansão das obras e os ganhos indiscutíveis de qualidade historiográfica.⁸⁹

Dentre as publicações acadêmicas mais recentes que contribuíram para pensar o tema que envolve o produto pedagógico, que é a parte central desse trabalho, pode-se citar: Maria do Carmo Amaral, César Campiani, Dennison de Oliveira e Rodrigo Musto.

Maria do Carmo Amaral, citada no subitem anterior, favoreceu a compreensão a respeito das lutas e alianças dos febianos que permitiram a conquista de direitos, a construção da Casa do Expedicionário e do MEXP. Estes últimos diretamente relacionados às intenções de inserir na memória coletiva as lembranças dos ex-combatentes.

Cesar Campiani, a respeito da produção bibliográfica que trata do envolvimento brasileiro no conflito⁹⁰ também fez alguns interessantes apontamentos, que em grande parte coincidem com os pareceres de Francisco Ferraz. Como foi anteriormente mencionado, parte significativa das publicações foram produzidas sob a égide do Exército, especialmente pelos seus oficiais, destacando-se nessa literatura o tom apologético e a ausência de análises críticas. Repassando os fatos de tal modo que passa a impressão de que as ações da FEB beiraram à perfeição. A carência de problematizações e a tendência a glorificar as ações brasileiras na Itália tornam por vezes os relatos bastante maçantes.

Nessa categoria de publicação o destaque fica por conta das memórias do comandante da FEB, Marechal Mascarenhas de Moraes⁹¹. Esse mesmo preocupado com as carências no treinamento e na coordenação das armas e serviços não poupou os elogios a atuação dos seus soldados e indiretamente do seu próprio comando. No entanto, ele não poupou integrantes do alto escalão do governo Getúlio de Vargas considerados causadores dos entraves que influenciaram a atuação inicial dos brasileiros no *front* italiano, devido em grande parte pelos seus posicionamentos ideológicos e pretensões políticas futuras.⁹²

⁸⁹ FERRAZ, *loc. cit.*

⁹⁰ CAMPIANI, César. **As trincheiras da Memória, brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945**. São Paulo, 2004.

⁹¹ MORAES, Joao Baptista Mascarenhas de. **A FEB por seu comandante**. São Paulo: Progresso, 1947.

⁹² CARVALHO, Estevão Leitão de **A Serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Editora a noite, 1952. Nesta obra o general Estevão Leitão de Carvalho denuncia o então general Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra, e o também general Pedro Aurélio de Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército, por prejudicarem as negociações entre brasileiros e americanos e provocarem o consequente atraso no envio dos soldados brasileiros para o conflito.

Contudo, nem nesta obra ou em qualquer outra produzida pelo oficialato da FEB foi questionada a competência dos seus quadros nas ações de combate.

Campiani destaca que os relatos e narrativas praticamente partem somente de um dos diversos grupos que participaram das ações no Teatro de Operações do Mediterrâneo contribuindo para a consolidação de uma memória uníssona. Sendo que até mesmo entre muitos historiadores a participação brasileira no conflito é entendida mais como uma expedição que implicou em mudanças no pensamento militar no pós-guerra do que um exemplo de estratégia para a formação de uma memória nacional.

O autor também constatou a predominância de algumas versões sobre a FEB presentes nos materiais produzidos pelos seus oficiais com anuência do Exército, estes por sua vez carecem de problematizações e tratam participação brasileira nas montanhas italianas como uma sucessão de fatos heroicos narrados de modo eloquente. Campiani apresenta a existência de outras versões, outras memórias, desenvolvidas a partir da experiência do combatente e que permitem contestar a suposta perfeição das ações da FEB. Para tanto ele entrevistou ex-combatentes que estiveram na linha de frente, que sentiram os odores e os sons do conflito, que cumprindo ordens mataram e sentiram o gélido hálito da morte. O historiador deu voz aos integrantes da divisão de infantaria.

(...) embora exista uma bibliografia grande sobre as unidades integrantes da FEB, a trajetória da divisão de infantaria nela inserida e os principais combates em que os brasileiros se engajaram; pouco, ou quase nada, sabe-se sobre a grande massa componente dos regimentos de infantaria, ou seja, os soldados, cabos, sargentos e tenentes que de fato tomaram parte do limiar, da quintessência da experiência de guerra: o combate em primeira linha.⁹³

Alguns desses relatos coletados por Campiani serão utilizados na atividade pós-mediação no MEXP, com a intenção de apresentar aos estudantes fontes históricas com o objetivo de provocar questionamentos a respeito das memórias representadas na exposição de longa duração do MEXP.

A mediação será centrada na sala “Dia a dia do combatente”, local que contém fotos e peças que fazem alusão à rotina dos combatentes brasileiros no *front* italiano. No entanto, é importante ressaltar que estes objetos por si só não contam nenhuma história, necessitando serem compreendidos a partir de um determinado contexto e das relações estabelecidas entre

⁹³ CAMPIANI, César. *As trincheiras da Memória, brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945*. São Paulo, 2004, p.15.

eles. Portanto, para compreender o cotidiano dos soldados brasileiros na linha de frente as peças devem ser analisadas em conjunto.

Somente desta maneira fornecerão informações necessárias para entender os rigores enfrentados pelos combatentes, as formas de camuflagem e alimentação fornecida através das rações americanas, entre outras coisas. Com esse intuito será utilizada outra obra de César Campiani⁹⁴ na qual ele explora mais de cem artigos utilizados pela FEB na Segunda Guerra Mundial, essas informações serão essenciais para desenvolver o produto pedagógico. Além é claro de uma pesquisa realizada no MEXP para identificar os doadores das peças da exposição e demais informações sobre a sua utilização pelos soldados brasileiros.

Dentro dessa perspectiva, pode-se destacar também o historiador Dennison de Oliveira, autor que possui importantes estudos sobre a atuação brasileira na II Guerra Mundial. Em uma de suas obras mais recentes⁹⁵, fruto de pesquisas realizadas em arquivos brasileiros e estadunidenses, sendo que algumas destas fontes até então não haviam sido exploradas por autores brasileiros, o que cooperou para aprofundar o entendimento sobre as relações que envolviam as duas nações durante esse período.

A abordagem do autor sobre as questões relacionadas à aquisição de artigos dos EUA pelo governo brasileiro com a intenção de equipar a FEB forneceu informações de especial relevância para explorar caminhos alternativos em relação à mediação disponibilizada pelo MEXP. Na medida em que o projeto pretende indicar um encaminhamento para o uso pedagógico do museu, os conhecimentos a respeito da adoção do material bélico e mantimentos dos EUA pela FEB também contribuirão para compreender e explorar melhor a sala “Dia a dia do Combatente”, que conta com diversos materiais que em parte são de origem norte-americana.

Ainda a respeito da sala “Dia a dia do combatente” também constam informações relevantes em duas publicações que foram organizadas por Dennison de Oliveira: o “Guia do Museu do Expedicionário”⁹⁶ e o “Memória, Museu e História”⁹⁷. Em ambas as publicações constam um texto do então acadêmico do curso de História da UFPR, Vinícius Rodrigues de

⁹⁴ CAMPIANI, Cesar. **120 objetos que contam a história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 1 ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2019.

⁹⁵ OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança Brasil – EUA**. Curitiba, Juruá, 2015.

⁹⁶ OLIVEIRA, Dennison de (Org.). **Guia do Museu do Expedicionário**. Curitiba, 2012.

⁹⁷ OLIVEIRA, Dennison de (Org.) **Memória, Museu e História – Centenário de Max Wolff Filho e o Museu do Expedicionário**. Rio de Janeiro, 2012.

Mesquita. Elas também se encontram disponíveis no link “Publicações” na página oficial do Departamento de História da UFPR.

Nesse artigo a sala é denominada “do Acampamento” e são fornecidas informações sobre as fotos, o fogão de campanha e a representação do acampamento da FEB. São utilizados também relatos de Mascarenhas de Moraes, extraídos da sua já mencionada obra, e de outros integrantes da FEB que indicam uma mudança nos padrões do Exército baseados no patriarcado e na hierarquia que desfavoreciam os febianos de baixa patente antes do envio da FEB para o *front*. O exemplo explorado foi a adoção das rações de combate estadunidenses de melhor qualidade e mais adequados à situação de guerra do que os produtos nacionais.

Ainda para pensar numa mediação que fuja das narrativas que somente destaquem o heroísmo dos pracinhas ou as agruras para se reintegrarem na sociedade do pós-guerra, a dissertação de mestrado profissional em patrimônio⁹⁸ acadêmico desenvolvido por Rodrigo Musto Flores levou à importantes reflexões.

Na sua pesquisa, Flores buscou compreender a construção da memória sobre a FEB identificando os momentos nos quais esse discurso está em evidência ou sofre com o esquecimento. Discurso que serviu para consolidar uma determinada memória institucional, trazendo à baila os relatos dos veteranos de guerra e de suas respectivas associações.

Devido à natureza da sua pesquisa, mestrado profissional em Patrimônio Cultural, Flores produziu um livro paradidático de história no qual destaca a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. O material contém relatos das memórias de pracinhas, dicas de filmes, fontes para trabalhar o contexto da época e apresentação de alguns conceitos. O referido produto pedagógico pode servir para os estudantes como um material de leitura, recreação e aprendizado.

Em particular, chama a atenção a abordagem presente no “Você sabe de onde eu venho?” *, pois ao explorar a origem dos pracinhas de certo modo colaborou para humanizar o papel destes personagens. Contudo, esse processo de humanização poderia ter sido melhor abordado se o material contivesse relatos e imagens do cotidiano dos febianos, principalmente dos momentos que vão além dos combates, faltou expor um pouco mais os momentos entre

⁹⁸ FLORES, Rodrigo Musto. **O jogo de luz e sombras: os usos e abusos de uma memória sobre a Força Expedicionária Brasileira (1945 – 2019)**. Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2019.

* Trecho da “Canção do Expedicionário”, composta em 1944 por Guilherme de Almeida e Spartaco Rossi.

os combates, as pausas dos soldados brasileiros para a alimentação, as folgas e os contatos com a população italiana.

Logo, a ideia é a partir dessas leituras desenvolver um encaminhamento pedagógico que problematize as opções das monitorias disponibilizadas pelo MEXP, que estão marcadamente influenciadas pelas publicações dos oficiais da FEB e por isso mesmo caracterizadas pelo tom laudatório e apologético. Ao invés de simplesmente glorificar ações dos expedicionários, o objetivo é entendê-las e historicizá-las tendo como fontes bibliográficas alguns dos trabalhos produzidos por historiadores que desenvolveram importantes pesquisas sobre o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

3 O MUSEU ENQUANTO ESTRATÉGIA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO E DA FORMAÇÃO INTEGRAL

3.1 MUSEU, EDUCAÇÃO MUSEAL E FORMAÇÃO INTEGRAL

Uma prática educativa que envolva um museu requer um conhecimento específico a respeito desse ambiente e para isso a ideia desse capítulo é inicialmente explorar um pouco a história das práticas educativas em museus, especialmente as transformações vivenciadas nas últimas duas décadas no setor em âmbito nacional. Na sequência serão apresentados alguns encaminhamentos para o uso pedagógico em museus históricos e por último serão descritas duas experiências pedagógicas centradas no ensino de história em museus que possuem em seus acervos objetos alusivos à participação da FEB na Segunda Guerra Mundial. Tudo isso com a única intenção de apresentar os referenciais teóricos que contribuíram para construção de um produto pedagógico que pretende aliar mediação em museu e análise de fontes históricas em sala de aula.

Para o desenvolvimento de boas mediações e atividades em museus é importante conhecer algumas das discussões, que com o passar do tempo, construíram o conceito e definiram as funções de tais espaços culturais. O conceito passou por algumas transformações desde que esses espaços gradualmente foram se transformando em públicos a partir do final do século XVIII e início do século XIX. Uma das definições mais atualizadas foi elaborada em 2001, durante o International Council of Museums (ICOM), Conselho Internacional de Museus, segundo ele museu é:

*Uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.*⁹⁹

No Brasil, o decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013 regulamentou o *Estatuto dos Museus*, este documento além de também conceituar museu e confirmar as funções que o envolvem: conservar, investigar e comunicar; acrescenta mais uma interpretação. Assim como o ICOM, também destaca o compromisso com a educação, porém, ao invés do “deleite” realça que o museu está “a serviço da sociedade e do seu

⁹⁹ IBRAM, *Caderno da Política Nacional de Educação Museal (PNEM)*. Brasília, 2018, p. 13.

desenvolvimento".¹⁰⁰ Dez anos antes, o Plano Nacional de Museus (PNM) de 16 de fevereiro de 2003, já destacava que os museus não são estáticos, mas instituições a serviço da sociedade, sendo essenciais para o aperfeiçoamento “da democracia, da inclusão social, da construção da identidade, do conhecimento, e da percepção crítica da realidade.”¹⁰¹ Do mesmo modo, o *Estatuto* também define que os processos museológicos devem ser desenvolvidos através de fundamentos teóricos e práticos da museologia, a área do conhecimento dedicada aos museus.

No entanto, para uma maior compreensão do que é museu e da educação desenvolvida nesses espaços é necessário retroceder um pouco no tempo. Os museus e a sua utilização pedagógica têm a sua própria historicidade, por isso mesmo, é importante se debruçar um pouco a respeito desta história.

O museu tem a sua origem no costume de colecionar objetos que acompanha a humanidade desde os seus primórdios. Na Antiguidade algumas sociedades tinham o hábito de colecionar e preservar determinados objetos, atribuindo-lhes certo valor fosse sentimental, cultural, científico ou material. Justificando a necessidade de preservá-los ao longo do tempo.

Entretanto, a transformação dos museus em espaços públicos foi um fenômeno que teve seu marco inicial durante a Revolução Francesa, momento no qual nasce o interesse em usá-los como espaços educativos para a construção da nova ordem, além de se tornarem também locais escolhidos para divulgar o ideal de nação. De certa forma, isso contribuiu para ressignificar o sentido dos objetos presentes nos acervos e monumentos, dando-lhes novos conteúdos ao mesmo tempo em que se pretendia remontar a história da França a partir de anseios burgueses racionalistas e iluministas.

A preocupação com a formação humanística e o entendimento do museu enquanto agente transformador da sociedade surgiram apenas na Comuna de Paris (1871)¹⁰². Durante o qual houve uma tentativa de integrar artes, cultura e educação. Infelizmente foi uma experiência de curtíssima duração. A ideia de uma formação mais abrangente também esteve presente na fase inicial da Revolução Russa (1917), museus e demais instituições culturais se tornaram essenciais para a efetivação de uma proposta que buscava entrelaçar especialização do trabalho, formação intelectual e política e deleite para todos os trabalhadores.¹⁰³

¹⁰⁰ IBRAM, *loc. cit.*

¹⁰¹ IBRAM, *loc. cit.*

¹⁰² CASTRO, Fernanda Santana Rabello de. **“O que o museu tem a ver com educação?” Educação, cultura e formação integral: possibilidades e desafios de políticas públicas de educação museal na atualidade.** UFRJ. Rio de Janeiro, 2013, p. 63.

¹⁰³ CASTRO, *loc. cit.*

As novas perspectivas e possibilidades da educação no espaço museal se tornaram relevantes somente na segunda metade do século XX, com a criação da ONU (Organização das Nações Unidas) e principalmente de uma de suas agências, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), que por sua vez fundou o Conselho Internacional de Museus (International Council of Museums – ICOM) em 1946. O ICOM organizou três encontros que são considerados marcos para a educação museal: Nova Iorque (1952), Atenas (1954) e Rio de Janeiro (1958). Uma das definições do primeiro encontro foi a busca da melhoria dos métodos de ensino a partir de uma maior integração entre os programas educativos dos museus e os currículos dos institutos de educação, com a inclusão da discussão dos usos e práticas dos museus na formação do magistério. Em Atenas essas discussões foram aprofundadas, o que gerou a necessidade de organizar encontros nacionais para estabelecer diretrizes para o trabalho museal no Brasil.

No I Congresso Nacional de Museus (1956) a educação museal foi um assunto de destaque na pauta das discussões, sendo que o seu relatório final expressa muito claramente às expectativas em relação a essa modalidade de educação e a sua função de auxiliar na educação ministrada nas escolas:

O Seminário viabilizou a construção de um novo referencial teórico-prático no que se trata do fazer museológico e das próprias instituições ao discutir o papel educativo dos museus. E, a partir daí, o conceito de museu vai se ampliando, passando então a ser também compreendido como um espaço de educação para auxiliar nas atividades do ensino formal e como ferramenta didática, ou seja, uma espécie de extensão do espaço da escola.¹⁰⁴

Na América Latina a Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972)* apresentou o conceito de “museu integral”, inspirado nas ideias do educador Paulo Freire** que via a educação como instrumento de transformação. Isto delineou uma nova prática social para estas instituições, a partir de então elas deveriam buscar entender as diversas realidades históricas e sociais das comunidades nas quais estão inseridas, o que influenciou o surgimento de museus contextualizados¹⁰⁵, entendidos como ferramentas para a mudança social.

Em âmbito nacional o entendimento a respeito da educação, da cultura e a sua relação com os museus passou por inúmeras transformações e influências de acordo com as

¹⁰⁴ IBRAM, **Caderno da Política Nacional de Educação Museal (PNEM)**. Brasília, DF: IBRAM, 2018, p. 16.

* Encontro realizado durante o governo socialista de Salvador Allende e que teve como tema “A importância e o desenvolvimento dos museus no mundo contemporâneo”.

** Paulo Freire foi inclusive convidado a presidir a mesa deste evento, contudo a realidade autoritária da América Latina neste período fez com que o renomado educador declinasse do convite.

¹⁰⁵ IBRAM, **Caderno da Política Nacional de Educação Museal (PNEM)**. Brasília, DF: IBRAM, 2018, p. 17.

prioridades governamentais de cada período ¹⁰⁶. Pode-se destacar, por exemplo, os aspectos doutrinários, populistas e nacionalistas que marcaram a Ditadura Vargas (1930-1945), como também o discurso desenvolvimentista do período 1946-1964 e ainda as preocupações com a formação da mão de obra e a doutrinação ideológica presentes durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985).

Entretanto, foi durante a década de 1980 com a criação da lei de renúncia fiscal, nº 7.505 de 2 de julho de 1986, conhecida como Lei Sarney, que as ações culturais ficaram sob o controle do mercado. Evidencia-se a partir de então a ausência do Estado na seleção de projetos beneficiados por tal lei, cabendo essa tarefa aos próprios investidores. A década de 1990 por sua vez foi um período de poucas políticas públicas direcionadas aos museus, os novos rumos econômicos delimitados pelo neoliberalismo promoveram o desmonte do Minc e a priorização dos investimentos através da Lei 8.313-199, Lei Rouanet*.

No início do novo milênio buscou-se modificar este quadro através do lançamento do PNM (Plano Nacional dos Museus) e do PNSM (Plano Nacional Setorial dos Museus), o que muito contribuiu para o avanço dos debates no setor e para a criação em 2003 do REM (Rede de Educadores em Museu) e em 2009 do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)¹⁰⁷. Neste contexto, foi realizado o I Encontro de educadores em Museus do Ibram (2010), que teve como produto a Carta de Petrópolis, documentou que norteou a construção do PNEM (Política Nacional de Educação Museal).¹⁰⁸

Em 2018, a partir das discussões dos encontros citados, o Ibram produziu um material que foi denominado de Caderno da PNEM. Este foi amplamente divulgado pelo Ministério da Cultura no site do Ibram. O material é o resultado de intensos diálogos envolvendo os educadores museais de todo o Brasil, portanto, foi construído coletivamente e tem a intenção de impulsionar as atividades educativas nos museus de todo o país.

¹⁰⁶ CASTRO, Fernanda Santana Rabelo de. **“O que o museu tem a ver com educação?” Educação, cultura e formação integral: possibilidades e desafios de políticas públicas de educação museal na atualidade**. Rio de Janeiro, 2013. A autora afirma que a integração entre cultura e educação com a intenção de ampliar a qualidade da formação dos indivíduos nunca foi o norte das políticas públicas brasileiras, ao contrário, na maioria das vezes a intenção era ampliar e consolidar sua própria hegemonia diante da sociedade.

* Durante o governo Collor (1990-1992) o Minc foi substituído pela Secretaria da Cultura, que passou a ser coordenada por Sergio Paulo Rouanet. Este promoveu cortes orçamentários e a extinção de instituições como o Iphan, além da reformulação da Lei Sarney que acabou levando o seu nome.

¹⁰⁷ IBRAM, **Caderno da Política Nacional de Educação Museal (PNEM)**. Brasília, DF: IBRAM, 2018, p. 18.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 18.

O Ibram acredita ser fundamental que cada vez mais instituições voltem suas atenções para as potencialidades da educação em museus, indispensável na mediação com os públicos e suas memórias.¹⁰⁹

O caderno da PNEM aborda vários conceitos relacionados à educação em museus, com um destaque especial para a “formação integral”. Conceito extraído da experiência da Comuna de Paris¹¹⁰, momento no qual a participação da sociedade nas discussões culminou com a abertura dos museus para todos e a integração com a escola gratuita em todos os níveis para os trabalhadores.

Esse conceito foi apresentado inicialmente por Marx e posteriormente desenvolvido por Gramsci¹¹¹. No Brasil, foi explorado por Coutinho¹¹² e também por Frigotto¹¹³. “Formação integral” entendida como uma educação continuada, politécnica e omnilateral que deve servir de matriz teórica para a Educação museal. Deste modo, a intervenção pedagógica num museu deve contribuir para a “formação integral”, ou seja, intelectual, tecnológica, científica, corporal, artística e cultural.

O Caderno da PNEM entende “formação integral” como: “...o desenvolvimento pleno e harmônico de todas as componentes da vida humana: físicas, técnicas, materiais e econômicas, intelectuais, emocionais, políticas, éticas, artísticas, lúdicas, culturais e sociais.”¹¹⁴

A união dessas dimensões, entrelaçadas e fecundadas entre si, é uma ponte que liga a singularidade do indivíduo com a diversidade do outro e também com a complexidade do mundo. O material produzido pela coletividade representada pelo Ibram buscou nos trabalhos do teórico Antonio Gramsci, particularmente no seu Caderno 12, os elementos constitutivos do que foi por ele indicado como uma educação para todos que ao mesmo tempo seja ampla e desinteressada¹¹⁵. Desse mesmo autor também foi extraída a ideia de uma escola “unitária” de cultura geral em tempo integral capaz de entrelaçar o trabalho intelectual e industrial com “toda a vida social”. Escola que contribua para o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas e sociais, criando nas massas populares o sentimento de protagonismo para conduzir a sociedade nas suas mais variadas dimensões.

¹⁰⁹ IBRAM, **Caderno da Política Nacional de Educação Museal (PNEM)**. Brasília, 2018, p. 7.

¹¹⁰ LISSAGARAY, P. O. **História da comuna de 1871**. Lisboa: Edições Dinossauro, 1995.

¹¹¹ GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

¹¹² COUTINHO, C. N. **Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

¹¹³ FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 2010.

¹¹⁴ CASTRO, Fernanda Santana Rabello de. **“O que o museu tem a ver com educação?” Educação, cultura e formação integral: possibilidades e desafios de políticas públicas de educação museal na atualidade**. UFRJ. Rio de Janeiro, 2013 p. 81.

¹¹⁵ IBRAM, **Caderno da Política Nacional de Educação Museal (PNEM)**. Brasília, 2018, p. 81.

É necessário destacar que os museus são rotineiramente analisados por teóricos tanto da educação quanto especificamente do ensino de história. A historiadora Circe Bittencourt, por exemplo, trabalha com a ideia de que os objetos expostos nos museus, quando são incorporados a um plano de aula docente, são transformados em fontes históricas¹¹⁶ aptas para o uso pedagógico. Bittencourt ainda destaca que em qualquer assunto trabalhado em história, especialmente no ensino fundamental, é essencial a utilização de “metodologias ativas”, ou seja, “métodos que permitam a participação ativa do aluno”¹¹⁷ na construção do conhecimento.

Segundo essa ideia, o museu pode e deve ser entendido como uma ferramenta com um grande potencial pedagógico e que se usado corretamente auxiliará no desenvolvimento de uma metodologia ativa, ou seja, pode incentivar a participação dos alunos na construção do seu conhecimento. Para tanto, é preciso transformar os objetos dos museus em documentos históricos e isto somente ocorrerá quando o olhar do estudante sobre essas peças sofrer um processo de inversão, de um “olhar de curiosidade” para um “olhar de indagação”.¹¹⁸ Para alcançar tal objetivo deve-se inicialmente explorar o que é um museu e a sua relação com a construção da memória social, além de identificar os tipos de objetos expostos ao visitante, sua origem, trajetória desde que foi encontrado (ou adquirido) até a sua inclusão no acervo do museu, ou seja, até tornar-se “peça do museu”.

De acordo com Bittencourt, os educadores museais afirmam que a descoberta do objeto obedece basicamente a dois critérios: estético e científico.¹¹⁹ A sensibilidade estética deve ser incentivada através de uma aproximação entre o estudante e o objeto seguido da exposição das impressões dele sobre a peça. No que diz respeito ao conhecimento da cultura material no do aspecto científico, a peça deve ser contextualizada e entendida como integrante de uma determinada organização social. A partir disso o aluno deve ser incentivado a fazer comparações entre os objetos expostos, classificando-os, buscando analogias, sugerindo hipóteses, ou seja, desenvolvendo uma atitude investigativa diante da peça.

Esse método reside numa dupla observação: uma livre e outra dirigida, o que permite que o objeto possa ser identificado e descrito, esta etapa pode ser entendida como

¹¹⁶ BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 353.

¹¹⁷ PEREIRA, Eugenio Bento Buzzo, et al. **Museus e sua utilização como recursos metodológico no ensino fundamental para a construção dos conceitos de cidadania**. Connecti on line Revista eletrônica da UNIVAG n. 25, 2021. p. 32.

¹¹⁸ BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 355.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 358.

uma análise interna. “O que é o objeto? De que ele é feito (tipo de material)? Como ele foi feito (técnica artesanal ou fabril? Possui elementos decorativos? Para que serve? Para quem e como era utilizado (levantamento de hipóteses)?”¹²⁰ A etapa seguinte seria a comparação entre os objetos semelhantes e diferentes, buscando relações entre eles, enfim, estabelecendo uma determinada tipologia. Avançando um pouco mais é possível identificar o contexto no qual foi produzido, etapa que pode ser entendida como responsável por uma determinada classificação do objeto e o reconhecimento dele como pertencente a uma determinada cultura.

A última etapa seria a síntese, ou seja, o aluno deve reconstruir as etapas anteriores e explicar o objeto numa ótica ampliada pela aquisição de novos conhecimentos. Essa estratégia permitirá que o aluno localize a peça no seu respectivo tempo e espaço, bem como as suas relações com determinadas atividades econômicas, realidades tecnológicas e costumes. É importante que a atividade pedagógica em um museu sempre seja definida a partir do diálogo entre estudantes e educadores, o que contribuirá para a descoberta e a interpretação dos objetos museais. Ainda segundo Bittencourt, as publicações que abordam a transformação dos objetos museais em documentos históricos são geralmente elaboradas por pesquisadores ligados aos setores educacionais dos museus.¹²¹ O que reforça a importância de se debruçar sobre publicações que dizem respeito às ações educativas nos museus e a sua história.

No que diz respeito ao entendimento das relações entre educação e cultura, particularmente no que se refere à educação museal e a sua possível contribuição para a construção de atividades pedagógicas a serem desenvolvidas a nível escolar, pode-se também destacar a dissertação de mestrado de Fernanda Rabello de Castro¹²². A autora expõe uma pesquisa realizada em 14 museus do Ibram no Rio de Janeiro, representando 50% dos museus atendidos por essa instituição no Brasil. O período analisado se estendeu de 2009 a 2012, época de vigência do Programa Nacional de Educação Museal, que abriu o debate sobre políticas públicas específicas para a educação museal. A autora aplicou um questionário com questões quantitativas e qualitativas que permitiu entender a situação estrutural dos museus em relação ao seu trabalho educativo. Ela também investigou as ações relacionadas a ideia de formação integral.

A pesquisa aborda questões relativas à estruturação dos setores educativos dos museus, das suas ações e do público por eles atendido; da formação de seus profissionais; dos

¹²⁰ *Ibidem*, p. 359.

¹²¹ *Ibidem*, p. 356.

¹²² CASTRO, Fernanda Santana Rabelo de. “O que o museu tem a ver com educação?” *Educação, cultura e formação integral: possibilidades e desafios de políticas públicas de educação museal na atualidade*. Rio de Janeiro, 2013.

cargos ocupados nos quadros do museu; das ações educativas realizadas (planejamento e avaliação); e como estas se inserem na divisão orçamentária do museu. A pesquisa permitiu evidenciar: a carência de profissionais especializados na educação museal e / ou pedagogia; a ausência de ambientes específicos para o trabalho educativo; que apenas metade dos museus tinha algum tipo de material para a educação museal; a não participação de profissionais do museu na curadoria das exposições; que a maioria das instituições possuía um Plano Político Pedagógico; que apenas três instituições ofertaram ônibus para grupos escolares; que outras três ofereceram lanche para grupos de visitantes, e por último e não menos importante:

Nenhuma das instituições realizou, no período analisado (2009-2012), ações, atividades ou projetos com verba proveniente de leis de incentivo à cultura e apenas uma realizou atividades por meio de patrocínio, ainda assim, atividades ligadas à comunicação, dentro de um projeto de exposição e não elaboradas como um projeto educativo patrocinado.¹²³

Entre os trabalhos realizados pelos museus vinculados ao Ibram, a autora destacou o projeto Letrarte do Museu Chácara do Céu, da cidade do Rio de Janeiro, em parceria com a Escola Municipal Machado de Assis, entre 2011 e 2014. O projeto tinha por intenção promover um aumento da visitação pela comunidade local realizando um trabalho de valorização e apropriação do patrimônio do museu, contribuindo para a formação integral dos alunos.

Por ter sido realizada entre um museu público e uma escola pública é possível mensurar suas potencialidades enquanto uma proposta de política pública de integração entre cultura e educação inspirada no conceito de formação integral:

“Concluimos que mesmo diante das condições hoje impostas ao trabalho educativo em museus e às escolas, é possível desenvolver projetos e ações que disputem a hegemonia das políticas públicas e promova uma educação de qualidade, voltada para o desenvolvimento humano em todas as suas potencialidades, principalmente voltada para uma compreensão do mundo e para sua emancipação.”¹²⁴

Igualmente relevante para o desenvolvimento de uma mediação que contribua para a formação integral são as orientações produzidas pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) sob a organização de Marta Marandino.¹²⁵ Neste material são indicadas

¹²³ CASTRO, Fernanda Santana Rabello de. **“O que o museu tem a ver com educação?” Educação, cultura e formação integral: possibilidades e desafios de políticas públicas de educação museal na atualidade.** UFRJ. Rio de Janeiro, 2013, p. 92.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 106 -107.

¹²⁵ MARANDINO, Martha (org.). **Educação em museus: mediação em foco.** Geenf / FEUSP, São Paulo, 2008.

algumas possibilidades de uso pedagógico dos museus e as suas relações com a educação escolar e o papel do mediador em museus nesse processo.

São sugeridas algumas atividades exploratórias que podem ser desenvolvidas nos museus e em seus setores educativos. Uma atividade propõe investigar o setor educativo do museu através de um questionário com 9 perguntas; outra atividade busca orientar a elaboração de uma mediação que dê conta das especificidades do museu e do público a ser atendido; e, por último, um esquema para analisar uma mediação e identificar o seu planejamento didático, no que ela é centrada (mediador, visitantes, conceitos, objetos, etc.) e as suas possíveis imprecisões.

As pesquisas realizadas por Marandino e Castro de certo modo dialogam com as ideias exploradas pela historiadora Circe Bittencourt¹²⁶ e com o texto de Almeida e Vasconcelos¹²⁷. Esses dois últimos autores dão algumas sugestões para professores desenvolverem atividades pedagógicas usando como ferramenta os museus. Entre elas constam a verificação das atividades educativas realizadas pela instituição escolhida e a sua adequação (ou não) aos objetivos propostos em sala de aula; a necessidade da preparação dos alunos para a visita através de exercícios de observação e a devida assimilação de conteúdos e conceitos; a possibilidade do professor coordenar a visita (se não pretender usar a mediação disponibilizada pelo museu); criar mecanismos para em sala de aula dar continuidade a visita e proceder a verificação da atividade para posteriormente realizar os ajustes necessários.

Essas leituras contribuíram para o desenvolvimento da mediação na sala “Dia do combatente” do MEXP. Mediação que estará atrelada aos objetivos pensados para o ensino escolar, na medida em que ela será organizada e realizada pelo professor regente da turma, procurando atender as expectativas que contemplem uma “formação integral”.

Dentro deste aspecto nas próximas páginas serão abordados aspectos que indicarão possibilidades para o uso do acervo através de uma ação mediadora que contribua para a construção do conhecimento histórico. Dentro desta perspectiva será reforçado o pressuposto de que a mediação ideal é entendida como interação e diálogo com a intenção de dar voz ao outro, diferentemente de uma monitoria tradicional que identifica o visitante como um receptáculo para acumular informações prontas e elaboradas. Portanto, o caminho indicado é o da mediação dialogada e participativa em que as duas partes envolvidas numa visita ao museu constroem o conhecimento a partir da troca de saberes. A ponto de produzir no

¹²⁶ BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 357.

¹²⁷ ALMEIDA, Adriana M.; VASCONCELOS, Camilo de Melo. Por que visitar Museus. In: BITTENCOURT, Circe M. Fernandes (Org) **O Saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 114.

visitante o interesse em voltar para uma nova visita trazendo consigo quem sabe seus familiares e amigos, incidindo num processo de apropriação desse espaço de aprendizagem e lazer.

A mediação será entendida como uma ferramenta para produção do conhecimento histórico a partir dos objetos do museu. Para que isto seja alcançado é necessário desnaturalizar os objetos através de problemáticas históricas que produzam uma reflexão crítica, através desse procedimento os estudantes / visitantes conseguirão entender os motivos que levaram a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial a se transformar em memória, bem como o papel que cabe aos objetos nesse processo.

A mediação num museu histórico deve se libertar de visões heroizantes ou da necessidade de descarregar uma quantidade imensurável de informações sem nenhuma conexão com a sociedade na qual professor / mediador e alunos estão inseridos. É fundamental incitar a percepção e a curiosidade dos alunos antes mesmo da mediação no museu, através de problemáticas que vão gerar possíveis indagações sobre os objetos e a reflexão do presente através do passado.

3.2 O MUSEU E O ENSINO DE HISTÓRIA

O museu enquanto ferramenta do ensino de história, ou seja, as interações entre história, ensino e pesquisa dentro de um museu pertencem a uma discussão bastante recente na historiografia. Iniciada na virada do milênio a partir da ideia de que o reconhecimento da atividade profissional do historiador poderia criar novas áreas de atuação. Os autores citados a partir daqui, numa breve revisão bibliográfica, indicarão possíveis caminhos para o uso do acervo desses locais de memória como objeto de estudo e as suas possíveis implicações na pesquisa e no ensino.

Entre os principais historiadores teóricos da museologia está Ulpiano T. Bezerra de Menezes, o autor lembra que muitos intitulam e entendem o museu histórico como o “Theatro da Memória”,¹²⁸ por isso mesmo abrem mão das mediações para no lugar delas encher as paredes com painéis explicativos, legendas e recursos de multimídia. Ou ainda utilizam este espaço para teatralizações e reconstituições tendo como base o contexto de época (ou fato)

¹²⁸ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Do teatro da memória ao laboratório de história: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. Resposta aos comentários. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 3, jan./dez.1995.

abordado (“museus vivos”), procedimento que remete ao ideal rankeano de retratar a história tal qual ela aconteceu.

Essa postura não agrada o autor, pois dá a impressão de que o passado se explica somente pelo passado, procedimento antipedagógico que não permite a compreensão da alteridade entre presente e passado. Essa metodologia é incompatível com o conhecimento histórico na medida em que as distâncias acabam sendo anuladas transformando o passado na mesma substância do presente.¹²⁹

A dramatização de cenas e fatos do passado também não ficou isenta da crítica de Menezes, pois ela pode se tornar um estímulo ao conhecimento, mas de modo algum o próprio conhecimento, a história não se explica fora de quadros como as estruturas, os objetos fazem parte de sistemas.¹³⁰

O debate central do texto citado gira em torno da possibilidade da participação do museu histórico na produção de conhecimento histórico e como isso funcionaria numa exposição museológica. Um museu histórico deve direcionar os seus encaminhamentos pedagógicos através de “*problemas históricos*”, isto é, problemas que dizem respeito à dinâmica da vida nas sociedades.”¹³¹ Portanto, o objeto histórico exposto no museu deve servir como suporte de informação, no entanto, como qualquer outro documento histórico, ele não fala por si próprio: “é o historiador quem fala e a explicação dos seus procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala.”¹³²

A tendência de muitos museus em suas exposições é fetichizar os objetos históricos, entendendo que as relações humanas derivam deles. Esquecem que os valores e sentidos são produtos da sociedade e não dos artefatos que ela produz. Deste modo, as relíquias expostas precisam ser analisadas de modo a revelar sua construção, transformações, usos e funções. A ideia é partir do objeto para a sociedade para inverter o processo de fetichização. Deste modo, os objetos expostos num museu para que se tornem objetos históricos (documentos históricos) precisam ser contextualizados, pois atendiam às exigências, sociais, econômicas e tecnológicas do seu tempo, mas num museu suas funções antigas são ressignificadas o transformando num objeto portador de sentido.

Evidentemente que os museus históricos e suas exposições são um lugar privilegiado não só para fazer história, muito mais do que isto, são um espaço para ensinar a

¹²⁹ *Ibidem*, p. 34.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 39.

¹³¹ *Ibidem*, p. 21.

¹³² *Ibidem*, p. 21.

fazer história através dos objetos. No caso específico da pesquisa aqui proposta, a ideia é entender como uma guerra se transforma em memória e qual o papel dos objetos nessa metamorfose a ponto de fazerem parte de uma coleção. Para Bezerra de Menezes, ao museu não cabe produzir ou cultivar memórias, mas analisá-las como integrantes de uma determinada realidade social.¹³³

No entanto, a exposição e a mediação centrada nela não podem ser um fim em si mesmo, um conhecimento pronto e acabado. O autor afirma que a mediação não pode ser engessada, unilateral, do contrário a proposta se constituirá num modelo totalitário. O museu tem a obrigação de incentivar a consciência crítica facilitando o seu exercício capacitando escolhas com o intuito de buscar a transformação da sociedade. Museu enquanto “Laboratório de História” em oposição ao “Theatro da Memória”, espaço no qual a memória seja tratada como objeto e não objetivo e que explore a transformação dos objetos em documentos históricos.

Ainda dentro dessa ideia de mediações pautadas no diálogo e o uso dos objetos expostos em museus no ensino de história o texto do historiador Francisco Régis Lopes Ramos¹³⁴ também irá contribuir para pensar um produto pedagógico que permita a construção de um conhecimento histórico sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial que envolva o MEXP e o seu acervo.

Um objeto ao ser incorporado a uma exposição museal perde suas funções originais, a cama não serve mais para se deitar, uma metralhadora perde sua condição de uso, enfim ele entra numa espécie de reconfiguração.¹³⁵ Assumirá novas funções, passa a ser o objeto que representou determinado grupo no passado ou a arma mortífera dos inimigos alemães durante a Segunda Guerra. De outro modo, o museu somente assume a função de armazenar objetos da elite e demais coisas raras que não tem nenhuma relação com o presente.

Ramos também corrobora com os debates sobre o papel educativo dos museus,¹³⁶ defende que a celebração de personagens históricos e a apresentação quase enciclopédica do acervo deve ser suplantada por uma reflexão crítica sobre o passado que dê condições ao visitante de pensar a sociedade na qual ele está inserido como um tempo de mudanças. Apresentando as relações entre os objetos atuais e os de épocas passadas, relacionando o

¹³³ *Ibidem*, p. 40.

¹³⁴ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: O museu no ensino de História**. Chapecó: Argos. 2004.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 7.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 1.

passado e o presente de modo a entender que o presente também daqui a pouco será passado, num processo que recupera a historicidade do objeto.

O professor que tem a pretensão de realizar uma atividade pedagógica que envolva a educação museal deve aguçar a percepção dos alunos em sala de aula, assim eles poderão aproveitar com mais intensidade a reflexão proposta pelo mediador. Para tanto é necessário elaborar um programa educativo que não se resuma apenas a uma visita ao museu e a produção de um relatório. É fundamental que se tenha em mente a necessidade de pensar num tema específico que está sendo trabalhado em sala e a partir dele construir problemáticas, incitando os alunos a pensarem em possíveis indagações sobre as peças do museu. Através dessas indagações eles ampliarão a sua “noção de história, na medida em que se induzem questionamentos sobre a complexidade da nossa inserção nos processos históricos.”¹³⁷ Portanto, o passado será visto como fonte de reflexão sobre o presente, promovendo questionamentos que levarão a percepção das tensões e conflitos presentes nas sociedades ao longo do tempo que se refletem em permanências e mudanças.

Em relação à mediação, Ramos indica que o essencial é que ela seja dialogada, ao invés de bombardear o visitante (estudante) com informações ¹³⁸ cultivar a prática de também fazer perguntas. E assim despertar nele reflexões a respeito dos objetos que estão sendo vistos, provocando a curiosidade para conhecer mais a respeito deles. Cabe ao mediador desafiar o estudante com exercícios mentais. Em particular, para adolescentes as relações entre passado e presente e as relações entre os objetos expostos pode ser um caminho interessante. Contudo, para que o diálogo com o estudante tenha a qualidade necessária o mediador tem que possuir um conhecimento mais profundo sobre os objetos do museu, ele não vai apenas decorar uma fala, exigindo uma pesquisa intensa sobre o acervo exposto.

Ramos ainda lembra que numa exposição não existe uma única leitura possível; então, o mediador e professor devem se atentar a isso para não engessar a visita, evitando a condição de apresentar um conhecimento como acabado. Afinal não estão expondo dados prontos, mas “modos de provocar reflexão”.¹³⁹

O historiador Eduardo R. Jordão Knack escreveu um texto sobre as atividades desenvolvidas por historiadores bem como o seu papel atualmente nos museus históricos.¹⁴⁰

¹³⁷ *Ibidem*, p. 5.

¹³⁸ Ramos cita Paulo Freire tanto para criticar o bombardeio de informações que os visitantes muitas vezes recebem em suas visitas ao museu, “educação bancária”, quanto para defender a “pedagogia do diálogo” para pensar e atuar de forma crítica com relação ao mundo com intenção de transformá-lo.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 8.

¹⁴⁰ KNACK, Eduardo Roberto Jordão. **História, ensino e pesquisa em museus: uma experiência no Museu**

O profissional envolvido na educação museal tem que ter consciência de que o patrimônio e os acervos dos museus são representações que se originaram de escolhas realizadas por grupos sociais que buscam formar e legitimar suas identidades frente à inconstância e a velocidade das transformações sociais. Por isso mesmo, patrimônio e acervos de modo algum podem ser caracterizados pela sua neutralidade.

Knack explora duas questões que desafiam os museus na atualidade. A primeira diz respeito à dificuldade de trabalhar com um grupo bastante diversificado acostumado com o consumo efêmero e imediato de informações sem perder as características de contemplação e reflexão.¹⁴¹ A segunda aborda a possibilidade de trabalhar o patrimônio de maneira mais democrática de modo a atender todos os grupos sociais, apesar da seleção de bens envolvida nas escolhas feitas pela instituição na própria organização do acervo. O caminho possível passa pela pesquisa e pela educação patrimonial.

É importante investigar as características do público que frequenta o museu para definir as estratégias de ação. O acervo também deve ser catalogado e pesquisado e toda e qualquer nova aquisição deve passar pelo mesmo processo. Todas as atividades desenvolvidas pelo museu devem estar necessariamente ligadas à pesquisa, incluindo as exposições e toda e qualquer ação educacional. Lembrando que a educação patrimonial está imersa em conceitos específicos como memória, patrimônio e identidade e as suas relações com a história. Elementos que devem ser pensados e criticados quando inseridos em atividades de ensino.¹⁴²

Knack concorda com Ulpiano de Menezes e Francisco Régis Ramos de que a visita ao museu deve levar o visitante a pensar criticamente com o intuito de formar a sua própria opinião sobre os temas e problemas apresentados, o conhecimento histórico não pode ser um fim em si mesmo. Ao contrário, deve ser um instrumento que possibilite “ampliar, significar e ressignificar sua realidade”.¹⁴³ Para tanto, o trabalho com o patrimônio necessita de inserções nas relações presente / passado, podendo incorporar a história local e as diferentes representações atribuídas a esse bem exposto num museu.

Como já alertado por Menezes, a educação desenvolvida em um museu tem que explorar a ambiguidade entre o uso prático / simbólico do objeto no passado e novos usos dele enquanto objeto musealizado, isto servirá de base para entender a contraposição entre memória e história. Os objetos analisados apenas pelo seu uso no passado ficam restritos apenas ao campo da memória, em contrapartida, os museus que utilizam esses objetos

Histórico Regional (MHR). In: Aedos, nº 12 vol. 5 - Jan/Jul 2013.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 82.

¹⁴² *Ibidem*, p. 85.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 86.

enquanto fontes de pesquisa, educação e produção de conhecimento histórico se situam no campo da história.

Discutir os desafios contemporâneos à atuação de historiadores em instituições ligadas a preservação de arquivos também foi um tema debatido por Zita Rosane Possamai num texto escrito em 2008 no IX Encontro Estadual de História da Associação Nacional dos Professores Universitário de História (ANPUH) do Rio Grande do Sul.¹⁴⁴ Neste artigo a autora defende que o historiador pode contribuir nos órgãos de gestão do patrimônio com a introdução de uma visão crítica das relações sociais. Trabalhando em equipes multidisciplinares também poderá ser corresponsável pela pesquisa e organização de acervos e a elaboração de exposições, projetos educacionais e culturais.

Contudo, para que a atuação do historiador traga uma contribuição significativa para a construção do conhecimento histórico nesses espaços é essencial que os cursos de graduação se adaptem a essa nova realidade profissional, buscando formar um profissional que esteja pautado no tripé: pesquisa, ensino e ação cultural.

Muito claramente isso exigiria a alteração de currículos dos cursos de História com a intenção de criar novas disciplinas. Nestas seria fundamental inserir em suas discussões as problemáticas que envolvem os conceitos como história, memória, documento, arquivo e patrimônio. O estudante tem que ser preparado para trabalhar em equipes, estar habilitado para trabalhar com todos os tipos de documentos e conhecer as nuances da linguagem expográfica, bem como o funcionamento dos diferentes setores dessas instituições. Aqui se insere o papel que cabe às instituições ligadas à preservação, elas precisam se preparar para receber os estudantes estagiários e inseri-los em atividades ligadas ao campo da história em cada um dos seus setores e não direcioná-los para demandas tarefas burocráticas e administrativas.¹⁴⁵

A intenção do próximo subitem é aprofundar as reflexões a respeito da produção de conhecimento histórico em museus. A ideia é apresentar exemplos de estudos, pesquisas e práticas desenvolvidas por historiadores em museus que possuem acervos relacionados à atuação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

¹⁴⁴ POSSAMAI, Zita. **O ofício da história e novos espaços de atuação profissional**. In Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, 2008.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p. 9.

3.3 PRÁTICAS DOCENTES EM MUSEUS MILITARES

As práticas educativas em museus militares são ainda pouco abordadas em trabalhos acadêmicos, porém não é intenção dessa pesquisa procurar se aprofundar nas razões dessa apatia e até certa indiferença das universidades brasileiras, ao invés disso, a ideia é abordar exemplos de práticas e estudos realizados em museus militares que possam dar suporte ao produto pedagógico que será apresentado no capítulo 3.

Desse modo, é importante destacar o já mencionado paradidático desenvolvido por Rodrigo Musto Flores¹⁴⁶, pois ele tem algumas similaridades com a proposta de trabalho que será desenvolvida no próximo capítulo. Afinal, a pesquisa de Flores envolve um museu militar, ensino de história e o desenvolvimento de um produto pedagógico. O material apresentado por Flores foi pensado para ser aplicado em estudantes do 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio que frequentaram um museu temático da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Além de propor discussões sobre memória e história e inserir no ambiente escolar o resultado de pesquisas acadêmicas.

O livro paradidático proposto abordou a participação brasileira no conflito desde o estreitamento das relações entre o governo Vargas e os “irmãos do norte”, os EUA. O material possui linguagem bastante acessível para a faixa etária proposta, contando com imagens, dicas de filmes, sites, livros e músicas que podem contribuir para discutir o tema em sala de aula. Almejando colaborar para diminuir um pouco a lacuna existente sobre o referido tema nos livros didáticos. Um importante artifício do paradidático foi utilizar referências imagéticas para tratar da participação da FEB no conflito, contrariando a realidade da grande maioria dos livros didáticos que quando apresentam o tema o fazem de maneira superficial e sem destacá-lo e aprofundá-lo através de imagens.

A parte inicial do material conta com uma introdução ao contexto político brasileiro às vésperas do início da Segunda Guerra Mundial. Na sequência o material também aborda a política externa do governo Vargas, imbuído dessas informações o estudante pode compreender como era atuação diplomática do país no contexto que antecedeu o conflito. Momento marcado por uma política externa pragmática e pendular, na medida em que o país manteve durante algum tempo relações comerciais tanto com aliados quanto com o Eixo.

¹⁴⁶ FLORES, Rodrigo Musto. **O jogo de luz e sombras: os usos e abusos de uma memória sobre a Força Expedicionária Brasileira (1945 – 2019)**. Dissertação de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2019.

Na sequência o material paradidático aborda a participação brasileira no esforço de guerra marcado nesta fase pela concessão de alguns portos e aeroportos para servirem de bases para as forças armadas dos EUA. Já na parte subsequente, “A Guerra chega ao Brasil”, procurou-se destacar o torpedeamento dos navios brasileiros por submarinos do Eixo e as consequentes manifestações populares que pressionaram o governo a assinar a declaração de guerra. Existe ainda uma referência aos “Soldados da Borracha”, trabalhadores nordestinos que foram deslocados para a exploração do látex amazônico, indispensável para o esforço de guerra aliado.

No bloco seguinte é apresentada a organização e a composição da FEB a partir de dados a respeito da escolaridade, profissões e origens geográficas dos convocados. A atuação da FEB, é claro, faz parte de um bloco à parte, contando com relatos de pracinhas, estes foram extraídos tanto das fontes consultadas pelo autor quanto de livros de memórias escritos por ex-combatentes. Neste ponto fica bastante evidente que uma das intenções do material é discutir as diferenças existentes entre a memória oficial do conflito e as memórias dos pracinhas.

A tônica desta parte do material é apresentar uma narrativa sobre alguns episódios do conflito que tiveram a participação da FEB, da FAB ou das enfermeiras brasileiras na Itália. Aqui o aluno terá contato com algumas versões e passagens relacionadas ao cotidiano do soldado brasileiro no *front*. O frio inóspito e as adaptações encontradas para enfrentá-lo permitem humanizar o combatente da FEB. O ponto alto é o texto escrito pelo então correspondente de guerra do jornal “Diário Carioca”, Rubem Braga, que descreve com uma grande riqueza de detalhes o serviço de guarda num fox-hole, espécie de abrigo (trincheiras individuais) construídos pelos soldados para se camuflarem e protegerem das ações do inimigo.

A saga dos brasileiros na guerra é concluída com o retorno ao Brasil, que apesar da bonita comemoração no Rio de Janeiro, foi marcada na sequência pela readaptação à vida civil após a dura experiência de guerra. O paradidático é concluído com a sugestão de livros, documentários e filmes sobre o tema disponíveis na internet que podem servir para aprofundamento de estudantes e professores. Constan ainda algumas curiosidades a respeito do intercâmbio linguístico envolvendo italianos e brasileiros e o envolvimento e participação de intelectuais na FEB.

O paradidático produzido por Flores é um material riquíssimo que através de uma abordagem muito simples contribui para instigar a curiosidade dos estudantes e inspirar professores a trabalharem com mais afinco a participação brasileira na Segunda Guerra

Mundial. Talvez o cotidiano vivenciado pelo pracinha nas elevações italianas pudesse ter sido melhor abordado, faltou descrever a alimentação, os momentos de lazer e, mesmo as adaptações ao inverno nos Apeninos. Do mesmo modo, poderia ter contado com mais depoimentos dos pracinhas. Mesmo assim, o material é inspirador e a sua qualidade gráfica é um dos pontos altos, atraindo a atenção do leitor e instigando a curiosidade sobre o tema. A narrativa do texto fugiu da simples valorização de símbolos e de heróis pátrios, ao contrário, apresentou uma narrativa sustentada nas memórias e impressões dos combatentes e, desta maneira, incorporou ao tema o conceito de memória.

A pesquisa desenvolvida pelo historiador Ianko Bett envolvendo o acervo do Museu Militar do Comando Militar do Sul (MMCMS) e seu interesse em refletir sobre a educação museal nessa instituição de memória também serviu para pensar o caso do MEXP e os possíveis aportes teóricos e metodológicos que permitam sustentar uma prática pedagógica sob a luz da “nova museologia” representada pelo Caderno da PNEM e de toda a literatura que lhe serve de suporte e deriva dela.

Bett escreveu um artigo¹⁴⁷ onde destaca a implantação de um programa de pesquisa no MMCMS e de parcerias com as universidades, oficinas e cursos nos quais é crescente o interesse por parte dos acadêmicos do curso de história tendo como consequência um maior intercâmbio entre o conhecimento acadêmico e as atividades desenvolvidas no museu. O autor procurou apresentar algumas das estratégias adotadas pelo Setor de Pesquisa e História do Museu, tendo por objeto transformar o MMCMS numa referência para a produção do conhecimento histórico e contribuindo para o desenvolvimento do campo da história militar.

O artigo procurou articular alguns preceitos teóricos e metodológicos que envolvem a atuação de historiadores em instituições de memória. Ianko Bett, em consonância com Ulpiano de Menezes, Francisco Régis Ramos, Eduardo Knack, entre outros, defende a implantação de programas de pesquisa nos museus para equilibrar o tripé que deve sustentar toda a instituição: preservação, comunicação (através das exposições) e investigação.

Do contrário, o museu ficará restrito a um mostruário de objetos e a sua consequente fetichização, valorizados apenas pelas suas funções originais. O objeto do museu transformado em fonte de pesquisa e como tal tratado com os mesmos cuidados e técnicas de qualquer outro tipo de documento histórico.¹⁴⁸ Ou seja, após a seleção de objetos que farão parte da análise, na sequência serão formuladas questões para criar mecanismos que poderão

¹⁴⁷ BETT, Ianko. **Instituições de memória e a historiografia militar: o caso do museu militar do Comando Militar do Sul – MMCMS**. Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2023.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 8.

dar conta (ou, ao menos, ter noção) da complexidade social e cultural da irrupção dos objetos em determinados contextos históricos.¹⁴⁹ A investigação servindo para que o museu também ensine a “fazer história”¹⁵⁰ a partir de objetos. O historiador incorporado às equipes de trabalho em museus pode cooperar para a transformação dessas instituições de meros apoiadores do ensino escolar em locais de produção de conhecimento.

Bett, juntamente com o historiador Kelvin Emmanuel Pereira da Silva, escreveu também outro artigo¹⁵¹ no qual se buscou aprofundar a relação entre os objetos presentes num museu militar e a produção de conhecimento. Para os autores, a construção do conhecimento não pode ser um processo engessado que não “permita ao público questionar o discurso museológico apresentado.”¹⁵² Afinal de contas as pessoas trazem muitas vezes consigo informações sobre o tema que adquiriram a partir de filmes, livros, jogos, entre outros.¹⁵³

A partir de uma análise quantitativa e qualitativa do acervo do Museu Militar do Comando Sul (MMCMS) constatou-se que a Segunda Guerra Mundial possui praticamente 50% dos objetos do acervo em exposição, ou seja, 27. Eles estão distribuídos no museu em exposições temáticas de média e longa duração como, por exemplo, nas “As armas da FEB” e “Artilharia da MMCMS: 4 séculos de História”, nos dioramas* que representam as armas da artilharia, infantaria, cavalaria e engenharia ou nos blindados, viaturas e canhões que se encontram presentes no pátio externo.

Os autores sugerem que a mediação que utiliza o acervo do museu da MMCMS deve ir muito além de somente apresentar os armamentos nos seus usos originais, ao invés disso, deve buscar através dos carros de combate, canhões e armamentos produzir conhecimento histórico. Segundo os autores, uma possibilidade para alcançar esse objetivo é associar a aquisição destes artigos às relações comerciais e diplomáticas brasileiras do referido período, que oscilaram da esfera alemã para a estadunidense.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 8.

¹⁵⁰ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Do teatro da memória ao laboratório de história: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. Resposta aos comentários. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 3, jan./dez.1995, p. 40.

¹⁵¹ Bett e Silva. **O tema da Segunda Guerra Mundial no Museu Militar do CMS: da constituição do acervo à educação museal**. In. O Brasil no Contexto da 2ª GM: Estudos contemporâneos. Wilson de Oliveira Neto, organizador. – Joinville, SC : Editora Univille, 2020.

¹⁵² *Ibidem*, p. 127.

¹⁵³ Os autores exploraram conceitos como: “didática histórica”, “consciência histórica” e “narrativa histórica” elaboradas pelo filósofo alemão Jörn Rüsen.

* Representações tridimensionais, maquetes, de cenas reais ou imaginárias.

Isso explica a presença no museu de equipamentos bélicos alemães anteriores às apreensões realizadas pela FEB durante os enfrentamentos contra os germânicos em solo italiano, como o canhão Krupp. E principalmente de artigos bélicos de origem estadunidense cedidos tanto para as ações da FEB quanto para a defesa interna brasileira.

Portanto, o acervo pode contribuir para o entendimento das relações internacionais do Brasil antes, durante e após o conflito, especialmente os meandros que envolveram a aliança entre Brasil e Estados Unidos. Aliança que além de definir a efetiva experiência guerra remodelou o pensamento bélico do Exército Brasileiro.

O acervo é entendido como uma base documental na qual são aplicadas problemáticas históricas que servem para a produção de conhecimento histórico. Dentro dessa perspectiva, é possível “construir ponte de inteligibilidade essencial para um museu de tipologia histórica, qual seja, aquela que liga e relaciona o objeto ao conhecimento.”¹⁵⁴

O uso do acervo do museu para impulsionar provocações e questionamentos em uma mediação pode ir ainda mais além, quando ele é entendido enquanto um patrimônio que fomenta um determinado discurso museológico. Ou seja, o acervo deve ser analisado e entendido enquanto patrimônio, sendo que este por sua vez suscita uma perspectiva educacional que é responsável pela elaboração da mediação.

Outro ponto importante discutido pelos autores diz respeito à flexibilidade do discurso museológico, o referencial teórico-metodológico não pode ser engessado, deve estar aberto a adaptações e inclusões. Por exemplo, o próprio visitante que muitas vezes possui uma experiência filmica da Segunda Guerra pode vir a indagar a exposição e conseqüentemente a mediação. Nesse ponto, a mediação poderá com base no acervo corrigir as discrepâncias entre o informado pelo filme e o discutido, como também poderá questionar a própria mediação e os motivos para tal objeto ter sido preservado. Evidentemente que o educador que realiza a mediação deve possuir algum tipo de formação ou ter passando por algum tipo de aperfeiçoamento profissional no campo da história.

Nesse ponto, insere-se um dos objetivos do trabalho que tem na mediação no MEXP um de seus embasamentos, contudo, diferente da proposta dos autores a ideia é demonstrar que o próprio professor imbuído de determinados conhecimentos específicos pode

¹⁵⁴ BETT e SILVA. **O tema da Segunda Guerra Mundial no Museu Militar do CMS: da constituição do acervo à educação museal.** In. O Brasil no Contexto da 2ª GM: Estudos contemporâneos. Wilson de Oliveira Neto, organizador. – Joinville, SC : Editora Univille, 2020, p. 123.

desenvolver um trabalho pedagógico que se inicie em sala de aula, depois se prolongue numa mediação no museu e que seja finalizado em sala de aula através da análise de documentos históricos.

No próximo capítulo toda a bibliografia explorada até o momento a respeito de memória, história, identidade e educação museal irá corroborar a confecção de um produto pedagógico sobre a participação brasileira na Segunda Guerra que atenda as expectativas de professor e estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental no que diz respeito a produção de um conhecimento histórico que parta de problematizações.

4 PRODUTO PEDAGÓGICO: O ACERVO DO MEXP COMO FONTE PARA O CONHECIMENTO HISTÓRICO

4.1 O PRODUTO PEDAGÓGICO E AS SUAS INTENÇÕES

É necessário iniciar este capítulo fazendo alguns esclarecimentos. O produto pedagógico que será apresentado nas próximas páginas não tem a pretensão de se colocar como um guia, ou mesmo uma ferramenta obrigatória ou ainda o único caminho possível para a produção de conhecimento histórico num museu temático da Segunda Guerra Mundial. Muito pelo contrário, a intenção é elaborar uma metodologia de mediação pedagógica no MEXP que sirva de suporte para que professores do 9º ano do ensino fundamental possam trabalhar a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, numa proposta de ação que privilegie o debate, o diálogo e uma maior interação com o acervo exposto. Um material que possa inspirar outras mediações e intervenções de professores no MEXP, ou em outros museus que possuam um acervo referente a esse evento histórico.

A ideia é integrar museu e sala de aula no processo de construção do conhecimento histórico. O caminho adotado passará por uma análise minuciosa dos objetos expostos no acervo de longa duração, entendidos como documentos históricos, e do exame de fontes históricas em sala de aula. Sempre com o olhar atento para as questões que envolveram a criação do museu e as escolhas que moldaram a organização do acervo exposto, na medida em que isto pode identificar as memórias escolhidas e as negligenciadas pela instituição. Procurando ir além da simples heroicização, tão comum nesses espaços, apresentando aspectos relacionados ao cotidiano dos soldados brasileiros num processo de humanização das suas ações.

Basicamente o produto pedagógico será dividido em três etapas, a primeira será a investigação dos conhecimentos prévios, a segunda a mediação no MEXP e a última a análise de fontes históricas. O objetivo é construir coletivamente um conhecimento histórico sobre a participação brasileira na Segunda Guerra.

O produto pedagógico pode indicar um caminho possível para professores que pretendam despertar nos seus estudantes o interesse e a curiosidade sobre a atuação da FEB na Segunda Guerra Mundial fazendo uso de conceitos como memória e história de modo a contribuir para a produção de um conhecimento histórico que privilegie a formação integral. Entendendo o diálogo e o debate com os estudantes como ferramentas importantes através das quais serão abordadas algumas problemáticas históricas como racismo e as adaptações dos

soldados às questões climáticas e alimentares. Contudo, novos caminhos e direcionamentos podem ocorrer em cada uma das etapas na medida em que os alunos apresentarem novos questionamentos e intervenções, pois eles são peças essenciais na produção do conhecimento histórico tanto em sala de aula quanto no espaço museal.

Na parte inicial da pesquisa será apresentada uma análise do Plano museológico da instituição e das monitorias disponibilizadas aos estudantes que visitam as suas dependências, tanto no que diz respeito às orientações desenvolvidas pelo “Caderno da PNEM” e autores inseridos nos debates que envolvem a “Nova Museologia”. A utilização do termo “monitoria” para o trabalho pedagógico realizado no MEXP vem da pouca interação entre os ouvintes e o educador museal, ou seja, não pode ser considerada uma ação que privilegie o diálogo entre as partes envolvidas. Também através da análise das monitorias será possível realizar uma investigação a respeito de quais memórias que o MEXP busca consolidar tendo como principais referenciais Nora, Le Goff e Candau. Especialmente os conceitos de “memória”, “história” e “lugares de memória”.

Depois disso, será apresentada uma pesquisa realizada no Museu do Expedicionário, que contou com apoio da equipe técnica da instituição, com o intuito de conseguir informações sobre as peças presentes na exposição de longa duração da sala “Dia a dia do combatente”, fundamentais para a realização da mediação.

Na sequência será necessária uma investigação a respeito dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, para tanto serão apresentadas imagens / fontes relacionadas ao acervo do museu através de slides em *power point* além de conceitos e informações que abordarão questões relacionadas às razões da entrada do Brasil no conflito, os preparativos para o envio dos soldados, a realidade enfrentada por eles na Itália, o retorno para o Brasil e a criação da LPE.

Esta parte inicial da proposta de trabalho pedagógico, investigação dos conhecimentos prévios, e a parte final, análise de fontes sobre a participação do Brasil no conflito; terão como referencial teórico Isabel Barca e a ideia de oficina histórica ¹⁵⁵. A autora é uma das expoentes atuais da educação histórica, ou seja, um ensino de história orientado para o desenvolvimento de “instrumentalização essencial (trato com a fonte, concepções, vestígios, tempo e recorte espaço temporal) – específicas (próprias da disciplina) e articuladas

¹⁵⁵ BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. *Para uma educação de qualidade*: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.

(o que transita entre as disciplinas)...”;¹⁵⁶ instrumentalização entendida como um processo gradual que leva a compreensão do passado a partir de evidências apresentadas e pelo desenvolvimento de uma determinada “orientação temporal que se traduza na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado.”¹⁵⁷

Na etapa inicial serão apresentados slides com imagens do MEXP, da fachada do prédio e da praça do Expedicionário, o objetivo é fazer o levantamento das ideias iniciais dos estudantes sobre a relação das imagens com a memória e a história do Brasil na Segunda Guerra, trabalhando de modo particular cada uma delas. Mesmo que as ideias expostas sejam vagas ou menos fundamentadas, elas servirão para, ao final da última etapa, avaliar a progressão da aprendizagem dos estudantes.

A primeira imagem apresentada conterá parte da praça e a fachada do museu. Os alunos terão que responder a questões sobre o conhecimento que possuem sobre aquele lugar, sua localização e a que tipo de memórias ela remetem. Neste momento serão abordados os conceitos de “memória” e “lugar de memória”. As problemáticas surgidas durante essa sondagem prévia servirão de suporte para que os alunos elaborem possíveis indagações a serem feitas durante a visita ao MEXP e também para mapear possíveis preconceitos, distorções, silenciamentos e omissões a respeito da FEB. Será sugerido aos alunos que a partir dos conceitos apresentados busquem identificar durante a visita ao museu, tanto através da monitoria quanto do acervo exposto, sinais da influência da memória que o MEXP e o EB querem preservar e transmitir.

Na aula seguinte, os slides explorarão resumidamente o contexto brasileiro na década de 1940, a entrada do Brasil no conflito e algumas imagens de peças em exposição no MEXP. Informações bem básicas para que os estudantes aproveitem de maneira mais significativa a experiência no museu. Será sugerida uma visita virtual ao MEXP através da sua página na *web* para que os alunos possam se inteirar previamente da exposição de longa duração da instituição.

O passo seguinte, a mediação, será desenvolvida tendo como pressupostos os referenciais já citados. Esta intervenção pedagógica será realizada em três turmas do 9º ano do ensino fundamental do Colégio da Polícia Militar do Paraná em Curitiba, contando com mais ou menos 90 alunos em três oportunidades. A ideia é se apropriar do conceito de museu enquanto *lugar de memória*, memórias que podem ser identificadas através da escolha dos

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 131.

¹⁵⁷ BARCA, *loc.cit.*

objetos presentes no acervo em exposição e consequentemente nas monitorias que utilizam esses materiais como referenciais. A mediação no MEXP será orientada a partir das discussões sugeridas pelo “Caderno da PNEM”, museólogos e historiadores, ou seja, entendida como interação e diálogo, valorizando a troca de saberes com a intenção de contribuir para uma *formação integral* dos estudantes, que privilegie uma educação mais abrangente tanto nos aspectos cultural, tecnológico, científico e artístico. Com este intuito a ideia é incorporar o acervo do museu ao plano de aula, como fonte histórica, incentivando em todas as etapas do trabalho a participação dos alunos, num formato que o BNCC caracteriza como metodologia ativa.

As informações necessárias para elaborar a mediação virão da bibliografia sobre a FEB, em especial Cesar Campiani, Francisco Alves Ferraz, Dennison de Oliveira e Maria do Carmo Amaral. Além do Guia do MEXP criado pelo DEHIS que contém informações a respeito do acervo exposto para os visitantes.

A sala do MEXP que mais se adapta a esta proposta é a do “Dia a dia do combatente”, denominada anteriormente de sala do “Acampamento”. Além do que foi preciso escolher uma sala para facilitar o trabalho investigativo, pois do contrário a proposta poderia se tornar irrealizável. Nessa sala será possível explorar características relacionadas ao cotidiano dos pracinhas e as possíveis representações da participação brasileira presentes nos quadros e demais peças do acervo.

No entanto, para conseguir mais informações sobre as peças da sala “Dia a dia do combatente” foi necessário realizar no MEXP, entre maio e julho de 2023, uma pesquisa nas fichas de doação dos objetos que compõem essa parte da exposição de longa duração. As fichas estavam acondicionadas em 4 pastas do tipo fichário, foram separadas todas as fichas que tinham relação com as peças expostas nessa sala.

A equipe técnica do MEXP se comprometeu a escanear as fichas e posteriormente enviá-las via e-mail o que foi gentilmente realizado. Importante ressaltar que em nenhum momento o MEXP criou qualquer tipo de obstáculo à pesquisa cedendo todos os recursos necessários, lugar e tempo apropriados para a análise do material. Portanto, o pesquisador teve acesso irrestrito às fontes que foram de suma importância para este trabalho de pesquisa.

Geralmente as fichas continham os nomes dos doadores, os tipos de materiais doados e o seu estado, somente algumas fichas traziam informações e características mais detalhadas em relação à sua utilização no *front*. Infelizmente estas seriam extremamente necessárias para responder possíveis questionamentos e impulsionar diálogos com os

estudantes durante a mediação. O que exigiu a procura de uma bibliografia apropriada de onde se pudessem extrair tais informações.

A análise das fichas de doação comprovaram algo que já havia sido relatado a partir de conversas informais com antigos diretores e funcionários da LPE, as doações foram realizadas por ex-combatentes, ou quando de seus falecimentos, pelas famílias; além também de associações de ex-combatentes, tanto brasileiras quanto estrangeiras. A instituição, através da museóloga responsável, exigiu que os nomes dos doadores não fossem divulgados, a justificativa foi que aquela era a política do museu, os doadores deveriam permanecer no anonimato.

O professor-pesquisador se comprometeu formalmente com a manutenção do anonimato em relação aos doadores via a assinatura de um documento redigido pelo MEXP, este consta nos anexos para conferência. Depois disso, a instituição autorizou o acesso às fichas escaneadas via drive de compartilhamento (*nuvem*).

Portanto, as informações contidas nas fichas e os conhecimentos extraídos de uma bibliografia específica composta por historiadores especializados na participação brasileira na Segunda Guerra Mundial contribuirão para elaborar diferentes reflexões e problemas históricos que terão como ponto de partida a peça exposta, ou a representação do inverno ou ainda as fotos da sala “Dia a dia do combatente”.

A mediação que será explorada mais adiante estará centrada no cotidiano dos pracinhas, ou seja, tanto na sua adaptação às condições do meio ambiente e a alimentação fornecida (rações americanas), quanto na própria construção da experiência da tropa moldada em pleno conflito.

O cotidiano pensado novamente através do crivo de Jacques Le Goff¹⁵⁸, que destaca que o interesse por tal tema se insere nos escritores setecentistas e as suas descrições dos “usos e costumes” dos ditos “povos selvagens”,¹⁵⁹ mas o exponencial crescimento dos estudos sobre a História do Cotidiano são um somatório dos interesses dos historiadores da Escola de Annales e dos seus novos métodos de pesquisa. Entre estes, a interdisciplinaridade, essencial para o aprofundamento “dos métodos teóricos de pesquisa da vida cotidiana”.¹⁶⁰ Para Le Goff a importância dos estudos do cotidiano está na possibilidade de servir como ponto de partida para análises estruturais.

¹⁵⁸ LE GOFF, J. A História do cotidiano. In: **História e Nova História**. 2. Edição. Lisboa: Teorema. pp.73-82.

¹⁵⁹ TINOCO, Ismael. **A História do cotidiano: uma análise conceitual**. In: Revista Acadêmica – Historien, UPE – Campus Petrolina, p. 325

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 326.

Sendo assim, no caso da exposição de longa duração do MEXP ao mostrar aspectos como a americanização dos métodos, táticas e formas de suprir as tropas com alimentos e utensílios de higiene, pode servir de ponto de partida para discussões que abordem a própria americanização da sociedade, consequência da “política da boa vizinhança” desenvolvida pelos EUA e de como isso moldou alguns dos gostos e costumes da sociedade brasileira tendo seus reflexos ainda hoje. Os exemplos disso podem ser identificados em alguns objetos expostos como os chicletes, a pasta de dente, as marcas americanas de cigarro, o kit contra doenças venéreas, entre outros.

Ou ainda, pode-se pensar que partindo do estudo do cotidiano do soldado brasileiro na Segunda Guerra Mundial é possível analisar a existência de “racismo” em algumas situações, como o caso do desfile dos combatentes antes da partida da FEB para a Itália. Dentro dessa mesma perspectiva também é possível pensar a respeito de como o MEXP trabalha ou não o esse tema e se existe espaço na sua exposição ou nas imagens presentes nos quadros distribuídos pelas suas salas para a presença de soldados negros.

Seguindo esse direcionamento, é essencial desenvolver problemáticas que façam os alunos pensarem sobre as relações entre o passado e presente e mesmo as intenções que cooperaram para que tais objetos fossem preservados, ou seja, as diferenças que existem entre os usos que fizeram deles no passado, a construção simbólica definida pelos organizadores da exposição e o seu usos atuais enquanto partes do acervo. Aqui poderá ser realizada a discussão entre memória e história.

É muito importante realçar que de modo algum a ideia pretende amarrar a mediação a um único tipo de análise, pelo contrário, os alunos poderão a qualquer momento expor suas impressões e conhecimentos oriundos da sua própria experiência com o tema, cabendo ao professor aproveitar esse conhecimento de modo a ampliá-lo.

Na primeira aula após a mediação os conhecimentos sobre a participação do Brasil no conflito acumulados pelos alunos serão verificados através de imagens dos objetos da sala “Acampamento” do MEXP e outros registros e fontes da FEB na Segunda Guerra. Os alunos deverão formar equipes a fim de responderem questões cujo objetivo será demonstrar a capacidade de interpretação crítica de documentos históricos. As fontes que passarão pela análise dos estudantes vão contar com imagens do acervo e com textos de época, estes documentos irão abordar as memórias dos ex-combatentes e apresentar o conteúdo de memorandos militares estadunidenses. Essa atividade está em conformidade com a proposta expressa no BNCC que prioriza a análise de documentos históricos como parte das competências e habilidades necessárias para o ensino fundamental.

Do mesmo modo que a investigação dos conhecimentos prévios a etapa final também terá como referência a Aula Oficina¹⁶¹, ou seja, a análise de fontes em sala de aula deve estar alicerçada na elaboração de questões problematizadoras que sejam um verdadeiro desafio cognitivo para os estudantes, que permita a eles irem além da interpretação linear das fontes ou de entendimentos simplistas que acabam contribuindo para versões históricas limitadas sobre o passado.¹⁶²

A intenção é criar possibilidades para “instrumentalizar” os alunos em História, ou em outras palavras, desenvolver uma atividade com fontes que contribua para o desenvolvimento de uma orientação temporal para esses estudantes. Neste ponto a ideia é apresentar uma atividade de leitura e cruzamento de fontes com mensagens variadas selecionadas segundo critérios metodológicos.¹⁶³

Assim é possível chegar a um grau mais elaborado de instrumentalização em História, a compreensão contextualizada. Ou seja, entender as situações humanas e as relações sociais em distintas temporalidades e espaços, de modo a relacionar os sentidos do passado e as suas próprias atitudes e reações diante do presente e da projeção para o futuro. Através desse entendimento é possível levantar questões e até mesmo novas hipóteses tendo a capacidade de se expressar fazendo uso dos meios de comunicação e das mídias atuais para expressar o seu entendimento a respeito das experiências humanas do passado.¹⁶⁴

Seguindo o modelo apresentado por Barca,¹⁶⁵ inicialmente deve-se definir a instrumentalização que se pretende focalizar, no caso a leitura de fontes com a intenção de complementar ou até mesmo questionar as informações e as memórias transmitidas pelo MEXP. O tema escolhido é a memória da FEB e o cotidiano dos soldados brasileiros no conflito. Conceitos e questões orientadoras: memória, lugar de memória envolvendo questões relacionadas à americanização, racismo, memórias preservadas no MEXP, etc.

O modelo também destaca que o registro das experiências anteriores é um dado importante para fazer os ajustes finos para aperfeiçoar a atividade. O passo seguinte é a definição da estratégia, no caso serão as discussões suscitadas a partir de questões que deverão ser respondidas em grupo tendo como referência as fontes compostas por textos de memórias e de especialistas na atuação brasileira no conflito. O tempo necessário para essa

¹⁶¹ BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. *Para uma educação de qualidade*: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.

¹⁶² BARCA, p. 133.

¹⁶³ BARCA, *loc. cit.*

¹⁶⁴ BARCA, p. 134.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 136.

atividade será de uma aula. Os resultados serão transformados em notas que comporão uma parte da nota trimestral dos alunos dos nonos anos.

No entanto, antes de aferir notas aos resultados é importante definir como horizonte os princípios da aprendizagem em História,¹⁶⁶ do contrário as respostas serão apenas classificadas em ordem crescente de resultados satisfatórios. Evidentemente que existe toda uma necessidade burocrática documental que torna obrigatória a transformação de desempenho acadêmico em números. Contudo, na análise das respostas deverá ser levada em conta os princípios da aprendizagem histórica que serão descritos a seguir.

A história será compreendida se o trabalho desenvolvido apresentar contextos e situações que tiverem significado para os estudantes. Os conceitos são assimilados de maneira gradual a partir do senso comum, da inserção cultural e das influências das mídias. Por isso mesmo é importante investigar os conhecimentos prévios na medida em que são o ponto de partida para a aprendizagem histórica.

O simples ato de procurar explicações para situações do passado com base em suas experiências é um esforço de compreensão histórica. Além do que, o raciocínio histórico não se apresenta como um processo invariante, ao contrário, tem oscilações, conforme a situação a criança poderá pensar de maneira mais simplista ou mais elaborada. Interpretar o passado não se resume a compreender uma versão histórica apresentada no livro didático ou pelo professor, o questionamento, mesmo quando contraditório, pode se tornar uma oportunidade para o debate e a aprendizagem histórica.

Cada documento conterà sete questões, 6 com valor 0.3 e uma com valor 0.2, totalizando 2.0. As questões terão a intenção de indagar os estudantes a respeito da alimentação fornecida para a FEB durante o conflito e a reintegração dos pracinhas à sociedade civil. Um exemplo é o documento que trata do fornecimento de alimentos para os soldados brasileiros no *front*, a fonte informa que o governo brasileiro complementava a alimentação processada e ultra processada fornecida pelos EUA com produtos típicos do cardápio do brasileiro; o acervo diferente disso, representa e menciona somente os produtos e rações fornecidas pelos norte americanos.

A intenção é discutir as representações presentes nas peças expostas e a sua relação com a escolha de memórias que de certa forma foram edificadas através dos debates e lutas que envolveram os veteranos de guerra paranaenses e a sua principal associação. Enfim,

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 137.

as questões servirão para provocar uma reflexão sobre a memória que o MEXP busca divulgar e consequentemente a história contada através dos objetos expostos.

É importante ressaltar que em todas as etapas os estudantes terão total liberdade para abordarem outras questões, mesmo que fujam das discussões propostas, lembrando que uma mediação deve permitir até mesmo o questionamento do próprio discurso desenvolvido pela mediação. Ainda pensando nos conceitos de memória e história se por acaso os estudantes demonstrarem interesse nas armas utilizadas pela FEB, ou mesmo mencionarem a respeito da presença dos negros no conflito, outros documentos já catalogados podem ser acrescentados à atividade com fontes históricas. Na medida em que outros questionamentos forem sendo feitos haverá a necessidade de novas pesquisas para compor o material necessário para desenvolver essa atividade.

Os resultados da mediação e os demais materiais produzidos pela pesquisa cooperarão para o desenvolvimento de uma metodologia que contribua para que outros professores também possam realizar suas próprias mediações utilizando outros recortes em outras salas do MEXP, ou até mesmo em outros museus históricos. Sempre buscando historicizar os objetos através de problemáticas para transformá-los em documentos históricos que contribuam decisivamente para impulsionar a construção do conhecimento.

4.2 A ANÁLISE DAS MONITORIAS DO MEXP

O Plano museológico do MEXP e as monitorias disponibilizadas pela instituição para os estudantes que visitam as suas salas trazem informações sobre as intenções relacionadas às memórias elencadas pela instituição para serem transmitidas aos visitantes. Por isso mesmo, antecedendo todo o planejamento de cada uma das etapas da intervenção pedagógica que aqui será exposta é preciso se debruçar sobre a organização do setor pedagógico do museu e os seus objetivos.

Ao assumir o MEXP em 2017 o Exército Brasileiro implementou uma série de mudanças, sendo que muito disso vem das sugestões e ideias da nova diretoria e da presença quase diária de uma museóloga na instituição. Dentre as novidades podem ser citadas as informações em português e inglês sobre o acervo exposto aos visitantes fixadas nas paredes; a aquisição de novos mapas para melhor ilustrar o percurso da FEB desde a sua saída do Brasil; alguns expositores ganharam uma nova disposição e novas peças substituíram outras que foram para a reserva técnica; adquiriu-se e adaptou-se um novo expositor para as exposições temporárias. Cabe um elogio especial para a reserva técnica que conta agora com

estagiários de museologia que supervisionados pela museóloga do Exército estão catalogado de maneira mais criteriosa o acervo e acondicionando adequadamente os mais diferentes materiais relacionados à Segunda Guerra Mundial. Esse empenho e cuidado contribuirá consideravelmente para a preservação do acervo e consequentemente para futuras pesquisas, atendendo uma das funções primordiais do museu.

No entanto, alguns equívocos também ocorreram, na ânsia de preservar o fogão de campanha, utensílio exposto na sala do “Dia a dia do combatente”, foi decidido equivocadamente pintá-lo com o tom de verde usado atualmente pelo Exército, originalmente o fogão era prateado, o que de certo modo descaracterizou-o.

Pensando a partir da já citada pesquisa realizada por Fernanda Rabelo de Castro sobre a estruturação do setor educacional dos museus¹⁶⁷ constatou-se a partir do Plano Museológico que os profissionais do museu se envolvem na curadoria das exposições. Uma demonstração disso foram algumas modificações realizadas que deram uma nova identidade visual ao museu. As vitrines, por exemplo, ganharam um fundo em feltro verde e nas paredes foram fixadas placas informativas. Contudo, devido ao espaço físico relativamente pequeno do museu falta um lugar específico para realizar trabalhos pedagógicos com as escolas que visitam o estabelecimento.

O Plano Museológico do MEXP traz como uma de suas prioridades o desenvolvimento de atividades para crianças de 5 a 11 anos¹⁶⁸ com o objetivo de inseri-las no contexto da temática do museu a partir da ideia de educação patrimonial, o primeiro passo foi a confecção pelo EB da revista em quadrinhos “Recrutinha”, personagem infantil que narra a história da FEB e da Casa do Expedicionário. Aparentemente essa publicação deixou de ser produzida após a pandemia do Covid-19. Com exceção dessa revista, que foi produzida por um período muito curto, nenhum outro tipo de material específico foi confeccionado para desenvolver a educação museal no estabelecimento. Outra ação citada no Plano Museológico da instituição foi uma atividade educativa desenvolvida em cooperação com o Instituto dos Cegos que promoveu a organização de um circuito tátil para atender esse público específico.

A análise da mediação, ou melhor, monitoria do museu realizada com três turmas do 9º ano do ensino fundamental de 2022 foi inspirada nas sugestões de Martha Marandino,¹⁶⁹ contudo, as reflexões de Ulpiano de Menezes e outros autores já mencionados envolvidos nas

¹⁶⁷ CASTRO, Fernanda Santana Rabelo de. **“O que o museu tem a ver com educação?” Educação, cultura e formação integral: possibilidades e desafios de políticas públicas de educação museal na atualidade.** UFRJ. Rio de Janeiro, 2013, p. 92.

¹⁶⁸ MEXP, **Plano Museológico (2020-2023)**. Ministério da Defesa – Exército Brasileiro, 2020, p. 20.

¹⁶⁹ MARANDINO, Martha (org.). **Educação em museus: mediação em foco.** Geenf / FEUSP, São Paulo, 2008.

discussões sobre o ensino de história em museus históricos também contribuíram para essa fase da pesquisa.

A monitoria é disponibilizada para os estudantes de colégios que fazem o agendamento com certa antecedência, no caso desta pesquisa, o professor solicitou junto a equipe pedagógica do Colégio da Polícia Militar que por sua vez entrou em contato com o MEXP. O professor escolheu o mês de agosto para monitoria no museu porque o tema “Participação Brasileira na Segunda Guerra” conforme o planejamento elaborado pela equipe de história deve ser trabalhado no 2º Trimestre.

Nos dias 9, 12 e 16 de agosto de 2022 os 9º anos do ensino fundamental do Colégio da Polícia Militar do Paraná (CPM) foram ao MEXP. Inicialmente, como em quase todos outros 20 anos que este professor leva os seus alunos ao MEXP, eles foram direcionados ao salão nobre do museu e lá foi repassado um vídeo que é uma espécie de resumo da participação da FEB no conflito. O vídeo não é o mesmo que era passado quando o museu era administrado pela LPE, o som e as imagens melhoraram muito, no entanto o tom ainda é o mesmo, a glorificação dos heróis brasileiros na Itália que continua sendo a maneira como os pracinhas devem ser lembrados pela sociedade. A problematização histórica aparece apenas quando são mencionadas as relações diplomáticas e comerciais do Brasil com a Alemanha e os EUA depois da segunda metade da década de 1930.

Após a apresentação do vídeo os alunos são direcionados para as salas do museu na mesma sequência de sempre*, percorrem sob orientação do monitor os 4 ambientes do museu divididos em salas temáticas como “Aviação”, “Eixo” e “Engenharia”.

O circuito de visitação seguido pelo monitor é o mesmo indicado aos visitantes no site do museu¹⁷⁰ Inicia-se no piso 1 denominado pelo MEXP de ambiente 1 localizado à direita da portaria. Este local tem desenhado em uma de suas paredes o mapa do percurso realizado pela FEB desde a sua saída do Brasil, os outros destaques são os uniformes dos exércitos aliados e objetos da Marinha e informações sobre os ataques do Eixo aos navios mercantes brasileiros. Neste espaço tem início a monitoria, o monitor, um soldado do EB, começa abordando o mapa e por algumas vezes provoca os alunos com perguntas. Em uma delas, questionou os estudantes sobre qual era governante brasileiro na época da declaração

* A única exceção foi em 2019 na experiência já mencionada realizada pelo PET, sob a coordenação do professor Dennison de Oliveira, nesta oportunidade os alunos circulavam livremente pelas salas do MEXP tendo em cada uma delas um acadêmico responsável pela mediação

¹⁷⁰ <https://museudoexpedicionario.5rm.eb.mil.br/index.php/informacoes-aos-visitantes-2>

de guerra. Em outra indagou a respeito do motivo da entrada do Brasil no conflito e por último perguntou se os alunos conheciam a natureza dos terrenos nos quais os brasileiros enfrentaram os soldados alemães. Estes questionamentos são facilmente respondidos por quem assistiu atentamente ao vídeo apresentado anteriormente. Na sequência, o militar monitor citou alguns dos objetos presentes no ambiente e permitiu que os alunos observassem as peças e fotos expostas por aproximadamente 5 minutos.

No ambiente 2, que fica no segundo andar à direita das escadas, estão expostas algumas das armas utilizadas pelos soldados, objetos do 1º Grupo de Aviação de Caça, objetos da Engenharia de Combate e das Comunicações. O monitor questionou os estudantes a respeito da simbologia criada pelos aviadores brasileiros, representada pelo avestruz e pelo grito de guerra “Senta a Púa”.

O avestruz foi escolhido para figurar no símbolo, segundo os ex-pilotos da FAB, porque os brasileiros tinham que se acostumar com alimentos e combinações alimentares estranhas ao paladar nacional. O grito de guerra “Senta a Púa” era uma gíria originalmente nordestina, região de muitos pilotos brasileiros, sendo pronunciada antes de cada missão.

Algumas das funções do batalhão de engenharia foram citadas, porém, não foi explanada nenhuma informação a respeito dos equipamentos de comunicações ou mesmo sobre os armamentos utilizados e a sua procedência. Um problema nesse ambiente é a presença de um fuzil que era usado até recentemente pelo EB junto com outros fuzis da Segunda Guerra sob alegação de mostrar a evolução deste tipo de armamento. Os estudantes puderam novamente explorar esse ambiente por 5 minutos.

No terceiro ambiente, no piso superior, à esquerda das escadas, existem três espaços o primeiro é dedicado ao Eixo, contém armamentos, medalhas, quadros que remetem à “guerra psicológica”^{*} alemã, além de fotos sobre a rendição de 148ª Divisão de Infantaria exército alemão em Forno¹⁷¹, origem de muitas das peças do acervo, como por exemplo, os canhões e a metralhadora MG42. Em uma das outras salas podem ser visualizados objetos usados pelo Departamento de Saúde como ampolas, maca, uniforme e fotos das enfermeiras brasileiras, entre outras peças. Na última sala do terceiro ambiente existe um fogão de campanha; uma vitrine que busca representar um acampamento de inverno da FEB; fotos que ilustram as dificuldades enfrentadas pelos pracinhas no inverno nos Apeninos italianos e um

^{*} Muitas vezes lançadas pela artilharia ou mesmo pela aviação inimiga eram mensagens desmotivadoras com a clara intenção de provocar rendições e deserções.

¹⁷¹ OLIVEIRA, Dennison de. **Para entender a Segunda Guerra Mundial: síntese histórica**. Curitiba, Juruá, 2020, p.100. Este feito das Armas Brasileiras é desconsiderado pela historiografia estadunidense, ocasião em que toda uma divisão inimiga, 14.000 homens, renderam-se a FEB incluindo o seu general comandante.

expositor com diversos artigos referentes a alimentação em combate, cigarros, purificador de água, artigos relacionados à higiene, entre outros.

O soldado responsável pela monitoria descreveu brevemente os objetos presentes nas três salas do ambiente 3. Destacou a condecoração dada às mães alemãs que tivessem mais de 8 filhos e a perigosa MG42 temida pelos combatentes brasileiros ao ponto de ser apelidada de “Lurdinha”.

Esta alcunha se deve, de acordo com as memórias de ex- combatentes, a duas histórias que são constantemente citadas pelos monitores. Uma diz que a Lurdes era a namorada muito falante de um pracinha, outra fala que a origem se deve a velocidade com que a radialista brasileira de nome Lurdes anunciava nos alto-falantes os nomes dos soldados quando da chegada deles na Itália. A cadência de tiros da metralhadora alemã era extremamente alta para a época, ou seja, não parava de “falar”.

Mais uma vez os alunos tiveram 5 minutos para visualizar as peças em exposição. No entanto, em nenhuma das 3 monitorias analisadas foram explorados aspectos relacionados ao cotidiano enfrentado pelos combatentes, as adaptações às questões climáticas, ou ainda os momentos fora dos combates e os contatos com a população civil.

No último ambiente encontra-se a sala dedicada ao sargento Max Wolff Filho, o restante do espaço é dividido entre a vitrine na qual são realizadas as exposições temporárias, objetos e condecorações do coronel Machado Lopes e fotos que remetem a momentos e personagens que marcaram a história da LPE, sua fundação e datas comemorativas. O monitor falou rapidamente sobre o sargento Max Wolff Filho, não se aprofundando na sua história sugerindo que os estudantes poderiam saber um pouco mais observando os objetos referentes a este personagem presentes na exposição. Novamente, como fez em todos os ambientes, deu um tempo de aproximadamente 5 minutos para os alunos explorassem todo o espaço. Finalizou se despedindo dos alunos e sugerindo que viessem novamente com os pais para olharem tudo com mais calma.

O professor deu mais um tempo para que os estudantes explorassem as peças expostas na praça em frente ao museu e demais monumentos, tirassem fotos e indagassem à respeito de curiosidades que ainda ficaram pendentes.

Bem, parece bastante claro que a monitoria na verdade é um roteiro muito bem memorizado pelo soldado do EB que é repassado de maneira bastante eloquente aos estudantes, estes têm que acumular o conhecimento transmitido para ser usado num momento oportuno. As perguntas feitas pelo monitor têm muito mais o objetivo de verificar o progresso dos alunos no acúmulo de informações sobre a participação do Brasil no conflito e chamar a

atenção para uma determinada peça ou símbolo exposto. Apesar do esforço do monitor, o que poderia transformar essa monitoria numa mediação seria uma ação que priorizasse o diálogo e a curiosidade. O ideal seria que os alunos primeiro explorassem as peças do acervo para só então o educador museal iniciar a sua intervenção, assim eles poderiam interagir mais intensamente através da elaboração de questionamentos sobre o acervo ou mesmo a respeito da mediação.

A ausência de um profissional ou acadêmico de história para conduzir ou mesmo organizar as visitas ao MEXP impede que as monitorias sejam transformadas em verdadeiras mediações. A presença desse profissional no museu contribuiria significativamente para o desenvolvimento de problematizações históricas, elemento essencial no ensino de história.* Por exemplo, a exposição sobre as correspondências dos febianos poderia ter sido problematizada com a questão da censura da Ditadura Vargas, eram retirados pelos censores partes das cartas que pudessem desmotivar os soldados ou mesmo expusessem questões relacionadas às agruras vivenciadas pelos combatentes ou a violência do conflito.

Outro exemplo de problematização que poderia envolver os estudantes seria a aquisição dos armamentos dos EUA, como sugerido por Ianko Bett¹⁷², fazendo uso das pesquisas desenvolvidas por autores como Dennison de Oliveira¹⁷³. As questões envolvendo os governos dos dois países e o seus comandos militares podem explicar a não aquisição por parte da tropa brasileira de fuzis semiautomáticos estadunidenses como o Garand M1, que inclusive estão expostos na mesma vitrine que contém os fuzis de ferrolho, especialmente o Springfield M1903, que equiparam a FEB. Essas escolhas deram uma vantagem bélica para os alemães. A diplomacia incidindo diretamente nas ações brasileiras no conflito e quem sabe contribuindo juntamente com a falta de experiência dos soldados brasileiros nas derrotas iniciais da Campanha da Itália.

Desde o início da formação da LPE ficou muito evidente a intenção por parte dos ex-combatentes de transformar algumas datas e fatos numa espécie de memória a ser preservada, como já foi mencionado, os veteranos paranaenses convidaram a sociedade e alguns de seus representantes da esfera militar e política a participar de algumas comemorações, projeto que se intensificou após a fundação da Casa do Expedicionário em 1951. Transformar algumas das memórias desse grupo relativamente pequeno em memórias

* Entre os responsáveis pela elaboração do Plano Museológico do MEXP consta a assinatura de um coronel do EB formado em História, mas pelo que se presenciou ele não participa da organização das monitorias.

¹⁷² BETT, Ianko. **Instituições de Memória e a Historiografia Militar: o caso do Museu Militar do Comando Militar do Sul – MMCMS**, 2017.

¹⁷³ OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança Brasil – EUA**. Curitiba, Juruá, 2015.

da sociedade, ou seja, em *memórias coletivas* associando-as muitas vezes a comemorações cívicas nacionais, processo que tinha o intuito fortalecer determinadas lembranças, tornando-as *memórias fortes*.

A fundação do museu em 19 de dezembro de 1980 trouxe como consequência o contato mais intenso com as escolas principalmente por causa das visitas monitoradas ao museu e da possibilidade de através dessa ação levar essas memórias para as aulas de história, tornando-as com o passar do tempo, quem sabe, a história oficial da FEB. Este aspecto é comentado na história do MEXP presente no Guia do Museu do Expedicionário, ou seja, da necessidade de manter a memória da guerra e da LPE nasceu o MEXP.¹⁷⁴

O Plano Museológico do MEXP deixa muito claro que a sua principal missão continua sendo o de preservar a memória dos expedicionários, ou seja, “a instituição atua hoje como a guardiã e divulgadora da memória da Força Expedicionária Brasileira e dos expedicionários paranaenses”.¹⁷⁵ Cabendo ao professor, como já foi dito, transformar as escolhas de memórias da instituição e a sua história em tema de discussão para as suas aulas.

Na medida em que tanto no tempo que era administrado pela LPE quanto atualmente as monitorias e as escolhas para a organização da exposição de longa duração partem de um discurso que tem a mesma origem: a bibliografia sobre a participação brasileira no conflito produzida por oficiais da FEB e por praças, lembrando que nestas obras não foram realizadas críticas à atuação do Alto Comando Militar Brasileiro. Ao percorrer cada uma das salas do museu, o monitor demonstrou que a preservação da memória da FEB é uma missão levada muito a sério. Somente para exemplificar ele destacou que o terreno extremamente íngreme foi uma das grandes dificuldades encontradas pelos soldados brasileiros que de maneira surpreendente superaram todas as expectativas negativas e obtiveram várias vitórias marcantes. Ao mencionar a Engenharia de Combate citou as importantes contribuições dos soldados da FEB nesse setor e durante a sua fala na sala do “Eixo” valorizou a rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã.

Todavia foi percebido que fatos e personagens relevantes para história da LPE e dos ex-combatentes paranaenses não tiveram durante a monitoria o destaque merecido. Max Wolff Filho, como foi citado, e sua problemática ascendência alemã não recebeu a atenção devida, e o Coronel Machado Lopes, figura chave na resistência democrática ao golpe militar de 1961 que visava impedir a posse de Jango e personagem de relevância para a construção da Casa do Expedicionário, foi completamente negligenciado. Assim também como não foram

¹⁷⁴ OLIVEIRA, Dennison de (Org.). **Guia do Museu do Expedicionário**. Curitiba, 2012, p. 19.

¹⁷⁵ MEXP, **Plano Museológico (2020-2023)**. Ministério da Defesa – Exército Brasileiro, 2020, p. 4.

lembrados que os nomes de algumas salas homenageiam pracinhas que se destacaram na organização e na administração tanto da LPE, da Casa ou mesmo do MEXP. Afinal de contas, a instituição se define como guardiã e propagadora da memória dos expedicionários do Paraná. Essa situação gerou uma dúvida: será que a administração do EB não tem interesse em preservar as memórias da LPE ou não prepara adequadamente os seus monitores sobre esse tema?

Entretanto faltou o principal para um museu temático de história: a produção do conhecimento histórico. Ação que se o monitor fosse um historiador, ou se tivesse sido devidamente instruído por um profissional desta área, poderia pelo menos dar início a uma reflexão que seria concluída posteriormente em sala de aula, pelo professor de história da turma.

Sem sombra de dúvida, os expedicionários brasileiros realizaram feitos importantes em solo italiano independente de comporem uma força bélica relativamente pequena em relação às outras nações envolvidas e de terem lutado em um *front* considerado secundário em comparação com outros *teatros de guerra*. É inquestionável que as ações brasileiras durante o conflito foram importantes não só para o país ganhar relevância na geopolítica mundial nas décadas que se seguiram, mas também para a reestruturação das próprias Forças Armadas. No entanto, para que o estudante consiga compreender questões como essas ou mesmo sugerir outras problemáticas a monitoria não pode estar centrada no simples repasse de informações para a perpetuação de determinadas memórias.

A sala “Dia a dia combatente” que pertence ao ambiente 3 não foi satisfatoriamente explorada pela ação educativa do museu. Não houve uma tentativa sequer de relacionar os hábitos corriqueiros dos estudantes com as mais diversas situações enfrentadas pelos soldados brasileiros no *front* italiano, não apenas as ações de combate, mas também aquelas relacionadas à alimentação, à higiene pessoal, aos momentos de lazer, etc.

Uma atividade pedagógica em um museu que priorizasse a reflexão sobre as situações que vão além dos combates, aticaria a curiosidade e aproximaria os alunos da realidade dos pracinhas, promovendo a humanização destes personagens o que contribuiria para uma educação muito mais completa e significativa. Levando os discentes a ressignificarem as diversas situações do seu cotidiano como inerentes à condição humana e que podem se apresentar tanto em tempo de guerra quanto de paz. Evidentemente que a guerra é algo atípico, mesmo assim ela também é carregada de situações e dificuldades inerentes à própria condição humana, por isso mesmo servem de aprendizado para a vida atual e vindoura mesmo decorridos quase 80 anos do seu término.

Deste modo, a monitoria disponibilizada pelo Museu do Expedicionário, com raríssimas exceções, ao longo dos anos manteve um discurso preocupado quase exclusivamente em glorificar a FEB. Discurso que não tem como ponto de partida as problemáticas e como consequência não produz conhecimento histórico, pelo contrário, transmite informações que muitas vezes não se aproximavam da realidade do interlocutor, ou de questões relacionadas ao seu presente. Aqui nasce a insatisfação de um professor com o formato das visitas agendadas ao MEXP e também a necessidade de adequá-la as expectativas de produção de conhecimento histórico em sala de aula tendo o museu como uma de suas ferramentas.

No subitem a seguir será exposto o resultado de uma pesquisa a respeito das peças e fotografias expostas na sala “Dia a dia do Combatente” do MEXP. As informações obtidas foram coletadas tanto através da leitura minuciosa das fichas de doação do museu quanto através de obras e blogs especializados no tema FEB na Segunda Guerra.

4.3 A EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO DA SALA “DIA A DIA DO COMBATENTE”

4.3.1 Pesquisando o acervo – a busca por informações

Antes mesmo de detalhar cada uma das etapas da aplicação do produto pedagógico é importante entender que para a realização da segunda etapa, a mediação na sala “dia a dia do combatente”, foi necessário coletar informações detalhadas sobre cada uma das peças em exposição na sala “Dia a dia do combatente”. Afinal de contas essas informações são essenciais para em conjunto com as observações dos alunos, iniciar um diálogo com intuito de construir coletivamente um conhecimento histórico. Ou simplesmente responder a possíveis indagações dos estudantes a respeito das peças. Além do mais, como esse material pode servir para inspirar e quem sabe auxiliar professores para desenvolverem suas próprias práticas é imprescindível uma descrição do acervo exposto nessa sala do MEXP.

Infelizmente, o próprio museu reconheceu suas limitações atuais em relação a informações detalhadas sobre as peças de seu acervo e se comprometeu a criar um sistema de informação o que irá minimizar tais problemas o que contribuirá para futuras pesquisas no museu:

O número de peças que integram o acervo ainda não pode ser determinado com exatidão e certeza, visto que muitas referências relativas aos acervos museológicos e bibliográficos foram perdidas ao longo da última metade do século passado. Quanto a isso, espera-se dentro do próximo triênio a realização de inventário e descrição do material que compõe o acervo museológico e bibliográfico, formando assim um banco de dados conciso.¹⁷⁶

Mesmo sabendo das dificuldades, a pesquisa nas fichas de doação das peças do acervo era necessária. A exploração desses arquivos foi realizada com total apoio da equipe técnica do MEXP. A solicitação de acesso aos arquivos com as referidas fichas foi feita por *e-mail* e posteriormente por *whatsapp* ao MEXP, após mais um mês desse trâmite burocrático o pedido foi atendido e entre os meses de abril e junho de 2023 se realizou a pesquisa. A equipe técnica do museu disponibilizou as caixas de arquivos que continham as fichas e gentilmente se comprometeu a escaneá-las e disponibilizá-las em arquivo digital. A única condição exigida: a manutenção do anonimato dos doadores. A informação repassada foi que essa era a política adotada pelo MEXP desde a sua fundação.

A intenção dessa pesquisa era obter mais informações sobre as peças como, por exemplo, quem doou e quando, informações e curiosidades sobre utilização, qual a sua nacionalidade (Brasil ou EUA), etc. A museóloga de início alertou a respeito de que as fichas de doação estavam todas em caixas de arquivo não ordenadas cronologicamente, ou por tipo de material, ou ainda de acordo com a sua distribuição em cada uma das salas do museu. O próprio museu reconhece este problema quando afirma que existe: “alguma documentação em suporte papel, referente à catalogação das coleções que consistem em algumas fichas catalográficas com informações insuficientes e descrições incompletas.”¹⁷⁷

Inclusive uma das propostas do MEXP para os próximos anos é a produção de fichas catalográficas que sigam as mais modernas normas da nomenclatura museológica, o que seria sem dúvida muito importante para saber mais a respeito das doações.

Realizou-se uma varredura completa dos arquivos em busca das fichas que continham informações detalhadas a respeito de cada uma das peças doadas, sua origem, utilização e estado de conservação. Contudo, na maioria das vezes as informações estavam mesmo incompletas ou feitas de maneira apressada e sem os devidos cuidados para que pudessem futuramente servir para fins específicos do museu ou mesmo para pesquisa.

¹⁷⁶ MEXP, **Plano Museológico (2020-2023)**. Ministério da Defesa – Exército Brasileiro, 2020, p. 12.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 16.

Em muitos casos não foi possível definir se a peça citada no documento estava exposta na sala “Dia a dia do combatente” ou fazia parte da reserva técnica. É possível que muitas peças tenham sido perdidas ou mesmo desviadas durante esse período. Além é claro, do problema do mal acondicionamento das peças na época, o que acabou contribuindo para que muito do material doado se deteriorasse.

Em relação à origem dos doadores, respeitando as exigências do MEXP, suas identidades serão omitidas, inclusive foram riscados os nomes contidos nas fichas na cópia digitalizada presente nos anexos. Porém, o Plano Museológico da instituição pode fornecer algumas pistas a esse respeito.

Para aquisição do acervo o Museu recebe principalmente doação de particulares, em geral famílias de Expedicionários, ou através de colecionadores e/ou entusiastas havendo algumas exceções à doação de alguns órgãos públicos como a Polícia Federal, por exemplo, no que diz respeito a aquisição de armamento.¹⁷⁸

Além do que já foi citado, a pesquisa revelou que algumas doações partiram de instituições de veteranos de outros países, especialmente estadunidenses e de departamentos do próprio EB. Ainda existem insígnias e fardamentos que fazem parte de um material cedido em comodato pelo Imperial War Museum de Londres desde os anos 1980.¹⁷⁹

Uma parte significativa das doações ocorreu ainda durante o período de funcionamento dos serviços assistenciais da Casa do Expedicionário, ou seja, entre as décadas de 1950 e 1980, antes mesmo da existência do museu. Nas décadas seguintes com a morte de muitos ex-combatentes suas famílias provocaram um novo crescimento no número de doações de artigos relacionados a FEB

Em relação à utilização das peças no *front*, como já mencionado, as fichas não traziam na maioria das vezes informações substanciais. O que exigiu um plano B, buscar uma obra que pudesse atender a essas necessidades, com este objetivo se recorreu novamente ao renomado especialista no envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, Cesar Campiani que escreveu uma obra que trata especificamente sobre esse tema.¹⁸⁰

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 15.

¹⁷⁹ MEXP, *loc cit.*

¹⁸⁰ CAMPIANI, Cesar. **120 objetos que contam a história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 1 ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2019.

A respeito da alimentação fornecida a FEB durante o conflito, tema presente na sala “Dia a dia do combatente”, foi usado como referência o artigo escrito do historiador Dennison de Oliveira¹⁸¹ no qual foram analisadas as negociações militares entre Brasil e EUA a respeito do abastecimento de gêneros alimentícios à FEB. Estas negociações acabaram por levar a diferentes ideias, iniciativas e projetos, no entanto, a alimentação da FEB acabou por não ser formalizada através de um documento firmado entre as partes envolvidas. As fontes utilizadas nesse artigo foram documentos nacionais e estrangeiros, muitos deles inéditos, e memórias de veteranos de guerra.

No entanto, as informações sobre algumas peças somente foram obtidas consultando o blog “*O resgate da Força Expedicionária Brasileira*”¹⁸² e o artigo “*Chega de Nabisco na lata! Queremos arroz, feijão e farinha no prato: alimentação da FEB na 2GM*”.¹⁸³ Mesmo depois da leitura das fontes e da bibliografia citada, algumas peças ficaram sem as informações necessárias. A seguir serão expostos os resultados obtidos através dessa pesquisa.

As fichas de doação seguiam basicamente dois modelos de impressão, também foram encontradas algumas anotações em papel sulfite, talvez um rascunho que posteriormente foi transcrito para um dos modelos de ficha. O primeiro modelo adotado, dedução feita porque somente as fichas desse continham registros com a data 1947, estava todo ele escrito em caixa alta. Bem no alto em letra em tamanho consideravelmente maior o nome “Legião Paranaense do Expedicionário”. Logo abaixo com letra em tamanho menor, “museu”. Um pouco mais abaixo do lado direito, “ficha n.”, descendo no lado esquerdo “objeto”, na sequência “doador por”, “em” e por último “histórico”. No espaço “objeto” os responsáveis optaram por registrar como “ficha do doador” quando havia muitos utensílios doados e realizar os registros mais detalhados no “histórico”.

O segundo modelo, tinha no alto o selo da LPE, que por sua vez era composto pelo nome “Legião Paranaense do Expedicionário” e um desenho que agregava o símbolo do estado do Paraná e a cobra fumando da FEB. Do lado direito novamente o nome da instituição

¹⁸¹ OLIVEIRA, Dennison de. **O combatente melhor alimentado da Europa”: a alimentação da Força Expedicionária Brasileira e a Aliança Brasil-EUA durante a Segunda Guerra Mundial (1943-1945).** Revista Esboços, Florianópolis, 2016.

¹⁸² PINTO, Henrique de Moura Paula. A Alimentação da FEB. **Blog O resgate Força Expedicionária Brasileira**, Brasília, 2/09/2011.

¹⁸³ SAVAL, Priscila Ervin. **Chega de Nabisco na lata! Queremos arroz, feijão e farinha no prato: alimentação da FEB na 2GM.** Revista Latino americana de História - Unisinos, 2019.

seguido de “Casa do Expedicionário”, “Curitiba”, “Estado do Paraná”. No canto direito constam: “registro n.”, “data” e “natureza”: logo abaixo “localização” (em caixa alta), “sala”; “mostruário” e “espaço reservado para a fotografia” (nunca utilizado). Do lado esquerdo, escrito em caixa alta, constam o espaço “descrição”, seguido logo abaixo de “procedência” e “forma de incorporação ao acervo”, espaço no qual era incluído o nome do doador.

Do segundo modelo foi possível obter mais informações para pesquisa, o espaço “descrição”, por exemplo, continha algumas vezes detalhes sobre a forma de uso no *front*. Assim como “localização”, “sala” e “mostruário” permitiram saber se algumas daquelas doações correspondiam aos objetos expostos na sala “Dia a dia do combatente”. O primeiro modelo tinha na maioria das vezes poucos detalhes sobre o uso e localização da peça no museu. Os registros nas fichas em sua grande maioria foram datilografados, mas algumas vezes as informações sobre as peças doadas foram manuscritas.

A partir das informações adquiridas pode-se iniciar a descrição do acervo presente na a sala “Dia a dia do combatente”. Assim que se adentra neste espaço, logo se destaca uma **vitrine** que simula um **acampamento de inverno** da FEB, um **fogão de campanha**, um **expositor** com diversos artigos, além de vários **quadros com fotos**.

4.3.2 Fogão de campanha, quadros e fotos

O fogão de campanha estadunidense é um dos objetos que mais chamam a atenção dos visitantes, ele era abastecido com gasolina, devido às suas dimensões ficava na retaguarda e era manuseado por pessoal especializado. Acima do fogão estão afixadas informações sobre o objeto, um relato curioso é que depois do conflito uma fábrica de Curitiba ganhou o direito de fabricá-lo para o EB. Recentemente foi pintado de verde mudando sua aparência original que era um tom de cor mais acinzentado.

Na parede acima do expositor tem três quadros com fotos, todos representam momentos vivenciados na retaguarda. As fotos mostram a “cantina Brasil”, ponto de encontro dos soldados brasileiros em dias de folga, um acampamento estadunidense e a vista aérea do acampamento brasileiro em Pisa. Importante destacar que em relação às fotos expostas no museu, não consta nada sobre sua autoria. No entanto, estas fotografias em sua maioria são

originárias da OCIAA (Office for Inter-American Affairs), agência dos Estados Unidos que promovia a cooperação interamericana durante a década de 1940, atuando principalmente em áreas comerciais e econômicas. Segundo registrado em algumas das fichas as fotos foram transformadas posteriormente em quadros por encomenda do MEXP.

Importante ressaltar que as fotos não só desta sala, mas de todo o museu contribuíram para que os estudantes analisassem a problemática do racismo na FEB. Nesta etapa do produto didático, que será descrita no último subitem, os estudantes reunidos em equipes em sala de aula tiveram contato com depoimentos de veteranos de guerra. Para tal foi usado como referencial o artigo escrito por Dennison de Oliveira e Cesar Maximiliano Campiani.¹⁸⁴

O artigo em questão descreve que a FEB foi a única tropa na Segunda Guerra racialmente integrada utilizada em combate. No exército estadunidense a segregação impediu brancos e negros de lutarem juntos, resultando na criação de uma unidade específica para os negros, a 92ª Divisão de Infantaria. Do mesmo modo, as tropas coloniais dos exércitos ingleses e franceses eram distribuídas em várias divisões, sempre comandados por brancos que na maioria das vezes eram oriundos da metrópole. Em ambos os casos a grande maioria dessas unidades atuaram em serviços da retaguarda, recebendo um soldo menor do que os brancos.

A 92ª Divisão foi uma exceção a estas situações, ela desenvolveu ações de combate e era composta por uma quantidade proporcionalmente maior de oficiais *colored* do que a maioria dos batalhões de serviços nos quais atuavam negros. Esta unidade, talvez não por acaso, lutou próximo aos brasileiros o que possibilitou comparações com a FEB em relação à discriminação racial, fato constatado em várias de suas memórias.

Assim, esses historiadores recorreram a depoimentos de integrantes da FEB e a estudos clássicos sobre o tema racismo no Brasil para chegar a algumas conclusões. O mito da democracia racial brasileira é reverberado nas Forças Armadas, ou seja, a ideia de que o brasileiro a despeito de sua índole é incapaz de promover qualquer tipo de distinção baseada em raças e etnias e que a todos são concedidas as mesmas oportunidades de ascensão social.

¹⁸⁴ MAXIMIANO, C. C.; OLIVEIRA, D. de. **Raça e Forças Armadas: o caso da campanha da Itália (1944/45)**. Estudos de História. UNESP, Franca, 1994-2001.

O acentuado convívio com esses exércitos segregados acabou por reforçar entre os combatentes brasileiros o pensamento de que no Brasil não existia racismo. Durante o conflito a suposta ausência de racismo na FEB foi identificada como algo que contribuiu para o bom desempenho dos brasileiros nas operações militares em solo italiano. Portanto, a ideia de integração racial e apologia à miscigenação permeiam as memórias de ex-combatentes brasileiros.

Apesar disso é possível identificar exemplos de manifestações de acentuado preconceito racial tanto na FEB quanto nas Forças Armadas. Um exemplo muito claro disso são os depoimentos que descrevem ordens de retirar os negros dos desfiles militares que antecederam o envio dos soldados para a Itália. Ou no pós-guerra, nas décadas subsequentes, quando negros escolarizados foram barrados da possibilidade de ascenderem a postos de oficiais. Outra constatação da existência de racismo pode ser identificada na predominância de soldados brancos nas imagens, fotografias e cartazes de propaganda da FEB. É exatamente a respeito disso que os estudantes foram questionados na parte final da experiência didática, o que será apresentado mais adiante.

Retomando a descrição da sala “Dia a dia do combatente”, a vitrine que simula um acampamento de inverno e os quadros com fotos referentes à adaptação dos soldados ao clima montanhoso contribuem para construir um cenário muito impactante. Os quadros do interior da vitrine ilustram o apoio de tropas alpinas italianas para entregarem alimentos para os soldados brasileiros, dois soldados desativando uma mina terrestre e quatro soldados com pesados casacos de inverno. Com exceção deste último, em todas as outras imagens os soldados estão utilizando camuflagem de inverno.

Ainda fora da vitrine num pequeno corredor que leva até a sala da administração do MEXP, têm dois outros quadros. No primeiro, de acordo com as fichas de doação posaram para foto 2 soldados e 4 oficiais, entre eles o comandante do 1º Regimento de Infantaria, Major Olívio Gondin Uzeda. Na segunda consta um soldado armado com uma submetralhadora ao lado do seu mascote, um cão. Ao lado da vitrine tem mais um quadro de dois soldados brasileiros de guarda no interior de *fox hole*. Nas três imagens todos os militares estão usando a camuflagem de inverno.

Nesse mesmo corredor, mas na entrada da sala do Dia a Dia do Combatente, também constam uma homenagem aos generais que comandaram a FEB e mais dois quadros

com fotografias, um com vários caminhões da FEB num cenário de inverno e o outro com soldados brasileiros aprendendo a andar de esqui.

4.3.3 Vitrine e acampamento de inverno

A vitrine, do lado direito de quem entra na sala, conta com treze objetos dispostos de modo a simular um acampamento de inverno da FEB. O primeiro é o uniforme de combate para o inverno que veste o manequim à esquerda sendo composto por: capacete de aço / fibra, gorro de lã, japonsa de lã verde oliva, cinto de guarnição com porta carregadores de munição, luva de couro, calça de lã verde oliva e bota de combate.

Segundo Campiani¹⁸⁵, o capacete é o modelo M1 fabricado pelos EUA, servindo basicamente para a proteção contra estilhaços arremessados quando da explosão de uma granada. A proteção contra tiros era muito pequena, não sendo adequada contra tiros diretos e estilhaços causados por explosões próximas. Mesmo assim salvou incontáveis vidas. Era possível desencaixar a parte de aço da parte de fibra (tecido embebido em resina plástica) e isto dava ao equipamento outras utilidades na linha de frente. A parte de aço servia como uma espécie de bacia para a higiene pessoal ou ainda segundo relatos de ex-combatentes de panela para cozinhar alimentos: “A gente cozinava batatinha no capacete”.¹⁸⁶

O gorro de lã, as luvas de couro e a jaqueta de lã segundo as informações extraídas das fichas, são de origem norte-americana, esta última, nominada no museu de acordo com o sotaque paranaense de *japonsa*. A calça de lã era de fabricação nacional assim como o cinto de guarnição com porta carregadores de munição. A bota de combate que veste o manequim não se parece com as galochas estadunidenses distribuídas no inverno de 1944-1945 “que eram calçadas sobre os borzeguins de couro preto da FEB”.¹⁸⁷ O “galochão” não tinha cadarços, mas presilhas. As fichas não têm mais informações sobre a bota que calça o manequim.

¹⁸⁵ CAMPIANI, Cesar. **120 objetos que contam a história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 1 ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2019, p. 69.

¹⁸⁶ CAMPIANI, César Maximiliano. **As trincheiras da Memória, brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945**. São Paulo, 2005, p. 140.

¹⁸⁷ CAMPIANI, Cesar. **120 objetos que contam a história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 1 ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2019, p. 103.

Uma das memórias preservadas pela FEB e que também é identificado no MEXP diz respeito aos equipamentos e fardamentos usados durante a guerra. Comenta-se muito sobre a aquisição de produtos estadunidenses para suprir a tropa brasileira, mas pouco se menciona que apesar do uso significativo de produtos *ianques* o Brasil também forneceu à FEB vários artigos durante o conflito. E as roupas que vestem este manequim podem ser usadas para entrar com os estudantes nessa discussão.

Na busca de assemelhar a FEB às forças mais modernas envolvidas no conflito, o Brasil além de adquirir utensílios norte americanos (designados de NA), também fabricou cópias de muitos equipamentos do Exército dos Estados Unidos, chamados de “tipo NA”. O cinto cartucheira é outro bom exemplo disso. Ela era desmontável e comportava de 80 a 100 cartuchos dependendo do tipo de fuzil.¹⁸⁸

Outra peça dessa vitrine que pode ser usada nessa mesma discussão é a barraca para duas pessoas, segundo as fichas, ela também foi fabricada em território nacional. Extremamente versátil poderia ser transformada em poncho ou capa de chuva, o que evidencia a modernização da FEB durante o conflito.

Dentro da barraca são apresentados vários artigos usados pela FEB, roupas, utensílios pessoais entre outros artigos. As vestimentas de inverno são compostas por peças de lã: cobertor, meias, luvas, ceroula, cachecol e gorro improvisado de um pedaço de cobertor. Nas palavras dos próprios soldados eles recebiam uma mistura de agasalhos de origem americana e brasileira¹⁸⁹, as fontes pesquisadas não indicaram com exatidão a origem desses artigos.

Durante o inverno de 1944-1945 a FEB recebeu uma significativa quantidade de agasalhos da *Peninsular Base Section*, intendência dos EUA diretamente responsável pelo *front* do Mediterrâneo.¹⁹⁰ Um bom exemplo disso foi a aquisição de sobretudos de lã do Exército Americano, em tom verde oliva. Indumentária que veste os soldados num dos quadros à direita do interior da vitrine e em outros espaços do museu. Esse material era adequado para missões de vigilância e observação, mas inadequado para as ações de combate na linha de frente que requeria mais mobilidade e camuflagem. Um caso exemplar

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 43.

¹⁸⁹ CAMPIANI, César Maximiliano. **As trincheiras da Memória, brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945**. São Paulo, 2005, p. 126.

¹⁹⁰ CAMPIANI, Cesar. **120 objetos que contam a história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 1 ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2019, p. 99.

foi a Batalha de Monte Castelo, em razão das dificuldades encontradas muitos desses casacos foram deixados na base de partida.¹⁹¹

Outro agasalho muito utilizado pelos soldados da FEB era a *field jacket* (jaqueta de campo), foram fornecidas 15000 delas para os brasileiros e completavam a proteção do soldado na linha de frente contra um frio que variou entre 15 e 20 graus negativos. Tornou-se a imagem mais comum do combatente brasileiro durante do conflito a combinação do uso dessa jaqueta sobre a blusa de lã e as calças B-2 (que vestem o manequim do lado esquerdo da barraca), galocha ou o borguezim preto e o capacete dos EUA. A *field jacket* não está presente na sala “Dia a dia do combatente”, mas na sala 1 (dos Mapas, uniformes e maquetes).

Ainda no interior da barraca encontram-se sacos de bagagem para transporte de equipamentos e artigos de uso pessoal. E para finalizar um estojo de higiene em lona com compartimentos que contém saboneteira, pincel de barba e aparelho de barbear*; um fogareiro de campanha, um conjunto de marmita e talheres, um cantil com caneco e uma pá para cavar trincheiras.

A respeito destas peças, também são uma mescla de produtos nacionais e dos EUA. Os sacos de bagagem, por exemplo, feitos de lona eram fabricados no Brasil. O estojo de higiene e os itens incluídos nele eram todos de produção nacional, está faltando o creme de barbear estadunidense exposto na outra vitrine. Todo combatente recebia um kit de higiene, parte dele fornecido inclusive por entidades de assistência aos expedicionários. Neste ponto é possível mencionar a preocupação com a higiene na linha de frente, mesmo que em muitos casos isto fosse muito difícil em determinadas posições muito expostas à observação do inimigo.¹⁹²

O fogareiro era de fabricação americana e atendia um grupo de soldados que aqueciam as marmitas uma a uma. Tinha o tamanho de uma garrafa térmica, possuía uma cápsula de alumínio que podia ser transformada em caneca e panela de pressão, possuía ainda

¹⁹¹ *Ibidem*, p. 104.

* Segundo consta nas fichas de doação o kit original completo dispunha de: pente, saboneteira, pincel de barba, aparelho de barbear e escova de dentes, mas infelizmente o kit doado está incompleto faltando o pente e a escova de dentes.

¹⁹² CAMPIANI, Cesar. **120 objetos que contam a história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 1 ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2019, p. 90.

agulha para limpeza, um bico, três telas e uma chave para fazer a manutenção. Movido à gasolina deveria ser usado em lugares ventilados.¹⁹³

A marmitta e os talheres eram fabricados no Brasil seguindo um modelo dos EUA, “tipo NA”. Eles vinham num estojo de lona¹⁹⁴ e eram carregados dentro de um bernal de mesmo material, ambos *made in* Brasil. De modo semelhante, o conjunto de alumínio composto por um cantil, com capacidade para um litro, e caneca também eram envoltos por um estojo de lona*, uma demonstração de que a indústria nacional participou do esforço para equipar a FEB.

Contudo, por não ter ainda atingido os padrões de exigência das grandes potências produzia equipamentos muito aquém dos similares produzidos pelos EUA. O alumínio dos cantis e marmitas “era de má qualidade, enrugado e de fácil oxidação.”¹⁹⁵ Além do mais, a tampa de rolha do cantil fornecido à FEB era de cortiça, muito diferente do modelo americano que possuía uma sólida rosca de plástico. Isto provocava vazamento e gosto ruim na água.¹⁹⁶ Mesmo sendo mais moderno do que os modelos anteriormente utilizados no Brasil, o detalhe da tampa era um claro sinal da incapacidade industrial do Brasil na época.¹⁹⁷

O equipamento da FEB de origem nacional trazia estampada a palavra BRASIL, ideia também inspirada nos EUA. Era uma maneira de fazer com que o soldado sentisse que o seu país se preocupava com a infraestrutura fornecida aos seus soldados. Porém, nos similares brasileiros não havia etiquetas com indicações de validade e de qualidade.¹⁹⁸

A pá de sapa ou pá de trincheira, de origem estadunidense, era uma ferramenta essencial para a sobrevivência do soldado na linha de frente, com ela era possível cavar rapidamente um *fox hole* para se proteger de estilhaços e do deslocamento de ar causado pelas explosões.¹⁹⁹

¹⁹³ PINTO, Henrique de Moura Paula. O fogareiro usado pela FEB. **Blog O resgate Força Expedicionária Brasileira**, Brasília, 26/08/2011, não paginado.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 72.

* O manequim do lado esquerdo da barraca está equipado com o conjunto completo.

¹⁹⁵ CAMPIANI, César Maximiliano. **As trincheiras da Memória, brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945**. São Paulo, 2005, p. 297.

¹⁹⁶ *Ibidem*, p. 298.

¹⁹⁷ CAMPIANI, Cesar. **120 objetos que contam a história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 1 ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2019, p. 44.

¹⁹⁸ CAMPIANI, César Maximiliano. **As trincheiras da Memória, brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945**. São Paulo, 2005, p. 298.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 86

Os objetos expostos do lado direito da barraca além de fazerem referência ao frio das montanhas do norte da Itália exploram a temática da camuflagem na neve. São eles: saco de dormir, mochila com capa de camuflagem, conjunto de uniforme com camuflagem e conjunto para esqui, todos de origem estadunidense.

O saco de dormir era de tecido impermeável e acolchoado com penas de ganso sendo utensílio essencial para aplacar o frio no interior de um *fox hole*. O conjunto de uniforme com camuflagem exposto na vitrine é composto por: um par de luvas brancas sem dedos (*mittens sheel*), uma calça branca, um pulôver de lã, bernal, galocha, um revestimento para a galocha na cor branca, uma sobreveste (capa) reversível de cor branca / verde e uma capa branca para camuflar a mochila. A sobreveste, forrada com pele de alpaca, era muito utilizada nas patrulhas de inverno. No entanto, o efeito de camuflagem era muito relativo, sendo muito mais eficaz durante as noites com neblina.²⁰⁰

O bernal no caso era uma bolsa / mochila feita de lona na qual o soldado carregava o seu equipamento individual composto basicamente por armamento, ferramentas para escavar, peças de armas coletivas (morteiros e metralhadoras) além de munição extra. Cada combatente carregava mais ou menos 35 quilos.²⁰¹ Havia o modelo americano e também o “tipo NA”, aparentemente o manequim camuflado está usando o segundo modelo.

Um dado interessante é que o uniforme B-1 de fabricação nacional, apelidado de “Zé Carioca”, que havia sido fornecido antes do embarque, não foi abandonado como sugere muitas das análises sobre o assunto. Pelo contrário, foi usado durante toda a campanha apesar de ser inapropriado para enfrentar um frio de -15° C com um agravante, sua cor verde acinzentada era muito similar ao padrão cromático adotado pela *Wehrmacht*, o exército alemão. Apesar desses problemas continuou sendo usado durante todo o conflito, sofrendo adaptações e adições de agasalhos dos EUA. Com certa frequência foram enviadas do Brasil peças de reposição e também uma fábrica-oficina de reparos foi estabelecida em Livorno.

Um relato recorrente e que faz parte das memórias preservadas pela FEB diz que as galochas fornecidas pelos EUA eram muito maiores do que os pés dos soldados da FEB. Com um agravante elas deveriam ser calçadas sobre as botas, maneira pela qual os pracinhas não se adaptaram. Então o *jeitinho* brasileiro entrou em ação, os combatentes adaptaram o material,

²⁰⁰ CAMPIANI, Cesar. **120 objetos que contam a história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 1 ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2019, p. 112.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 45 e 87.

não usavam o coturno e o espaço que sobrava era completado com tiras de manta, palha, feno, folhas secas e jornal. Deste modo, ao manter os pés aquecidos e secos conseguiram sem querer resolver o problema do “pé de trincheira”*, o que surpreendeu os oficiais estadunidenses devido ao pequeno número registros de casos deste problema na tropa brasileira.

Inclusive sobre essa questão o MEXP destaca em um dos seus informativos fixados na vitrine do acampamento de inverno que o número de casos de “pé de trincheira” entre os soldados da FEB foi menor que entre os estadunidenses. Bem, evidentemente que em números totais, devido à desproporção entre os contingentes dos dois exércitos, foi muito menor mesmo. Sem dúvida, que essa medida funcionava, mas os materiais utilizados para forrar a galocha tinham que ser trocados a cada pelo menos três dias, do contrário, eles umedeciam, molhando os pés e provocando o temível problema. Por isso mesmo, os índices de “pé de trincheira” não foram tão baixos na FEB como afirmam os mitos do pós-guerra.²⁰²

Outra questão que as memórias da FEB e consequentemente do MEXP não mencionam é a diferença entre os materiais das fardas do tipo B-2, fabricadas no Brasil, que eram disponibilizadas para praças das que eram fornecidas para os oficiais²⁰³. A qualidade da lã das fardas confeccionadas para o oficialato era muito superior ao das vestimentas entregues para os soldados. Um bom exemplo de que as gritantes diferenças de classe da sociedade brasileira eram refletidas dentro do EB, uma triste realidade que não se modificou no além mar. Esta diferenciação do material fornecido para oficiais e soldados não era identificada no Exército dos EUA.

4.3.4 Vitrine / expositor

A esquerda de quem entra na sala “Dia a dia do combatente” existe uma vitrine do tipo expositor** com vários artigos que foram fornecidos à FEB, com raras exceções, pelos EUA. São artigos de higiene, saúde, rações militares, cigarros, entre outros utensílios que

* Congelamento dos pés dos soldados em condições de frio extremas que provocava gangrena e em muitos casos a necessidade de amputação.

²⁰² CAMPIANI, Cesar. **120 objetos que contam a história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 1 ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2019, p. 103.

²⁰³ *Ibidem*, p. 99

** Modelo utilizado em várias das salas do MEXP.

faziam parte do cotidiano do combatente da FEB na Segunda Guerra Mundial. Por isso mesmo, de grande relevância para a mediação.

Na parede existe um informativo sobre a alimentação fornecida à FEB, a comida quente normal feita na cozinha de campanha e a ração operacional para situações que envolviam movimentações e combates. Também menciona a grata surpresa dos brasileiros ao se depararem com uma comida tão farta e colorida como a da ração operacional fornecida pelos EUA. Outra informação repassada é que logo na primeira refeição era distribuído um maço de cigarros americanos para cada soldado. E por último ainda destaca que por intermédio da Superintendência de Suprimento Reembolsável os soldados da retaguarda através de uma quantia relativamente baixa podiam adquirir itens suplementares como cigarros, bebidas e agasalhos.

No entanto, é importante destacar que não consta nesse espaço informações sobre o fornecimento de gêneros alimentícios nacionais aos combatentes da FEB, eles também não estão representados na exposição. Omitindo-se que toneladas de alimentos típicos da culinária brasileira foram enviadas para o *front* italiano, dando a impressão de que a dieta alimentar da tropa brasileira sofreu um processo de total *americanização*, ou seja, uma completa aquisição e assimilação de padrões estadunidenses.

O historiador Dennison de Oliveira²⁰⁴ demonstra que o abastecimento alimentar da FEB provocou disputas, conflitos e contradições entre autoridades militares envolvidas na definição de que tipo de regime alimentar seria implementado na FEB. Ela poderia ter sido exclusivamente nacional ou inteiramente estadunidense ou uma combinação de ambas.²⁰⁵

Contudo, prevaleceu o regime misto: ingredientes contidos nas rações padronizadas estadunidenses e itens da culinária brasileira. Este regime seria provisoriamente implantado para que os soldados fossem aos poucos se adaptando aos produtos dos EUA, mas o que acabou ocorrendo de fato foi a sua manutenção até o final do conflito. Embora o seu preparo tenha diminuído na cozinha de campanha na medida em que foram chegando novos escalões da FEB e as suas reservas diminuíram. Portanto, a *americanização* integral em relação à

²⁰⁴ OLIVEIRA, Dennison de. **O combatente melhor alimentado da Europa”: a alimentação da Força Expedicionária Brasileira e a aliança Brasil-EUA durante a Segunda Guerra Mundial (1943-1945).** Revista Esboços, Florianópolis, 2016.

²⁰⁵ *Ibidem*, 117.

alimentação sugerida na exposição jamais se concretizou, tema que será explorado através das fontes trabalhadas em sala pelos estudantes.²⁰⁶

Voltando a descrição do lado esquerdo da sala, um dos primeiros produtos visualizados no expositor, da direita para a esquerda, é uma lata de combustível sólido para o fogareiro de campanha, produzido por uma empresa paulista para o Estado Maior das Forças Armadas (EMFA), mas aqui foram verificados alguns problemas. O fogareiro de campanha americano era fabricado pela empresa Coleman e usava um copo de combustível, preferencialmente de gasolina branca²⁰⁷, ou seja, não usava gasolina sólida.

Além do mais, o EMFA foi criado somente em 1º de abril de 1946, praticamente um ano após o fim da participação brasileira no conflito, ao que tudo indica essa peça não foi utilizada pela FEB. Aliás, uma rápida pesquisa por essa relíquia em sites de compra da *internet** mostrou que existem ainda outros modelos e que o exposto no MEXP pode não ter sido o primeiro a ser fabricado para o EB. Uma das primeiras versões pesava 70 g e mantinha o fogo aceso por 50 minutos e a versão exposta na vitrine prometia a chama durante 45 minutos e pesava 100 g, ambas fabricadas por Paulo de Araújo Pinto Representações Ltda.

É importante mencionar que nessa mesma vitrine junto aos utensílios de higiene pessoal encontra-se um caixa de comprimidos para a combustão** de origem americana, o combustível sólido em questão era feito de Trioxano e servia principalmente para o aquecimento das rações. Na caixa estão escritas em inglês as instruções para o uso do produto. A barra somente poderia ser removida no momento do uso, usada sempre inteira deveria ser queimada a aproximadamente duas polegadas abaixo do recipiente, era importante durante o processo estar protegido do vento. Infelizmente nem nas fichas e nem na bibliografia pesquisada foi encontrada nenhuma informação a respeito dessa peça.

Próximo da lata de combustível fabricado para o EMFA existe outra lata, essa segundo a legenda, contém pão de carne de vaca e porco, não foi possível encontrar nenhuma informação sobre tal objeto. Em nenhuma das fichas catalográficas pesquisadas no MEXP constam informações sobre essa peça. Na verdade existe o registro da doação de uma “lata de carne de porco e queijo”, que era um componente da ração tipo K. Inclusive está registrado

²⁰⁶ *Ibidem*, 132.

²⁰⁷ PINTO, Henrique de Moura Paula. Fogareiro usado pela FEB. **Blog O resgate Força Expedicionária Brasileira**, Brasília, 26/08/2011, não paginado.

* Mercado Livre e Shoppe Brasil.

** Pelo menos é o que consta na legenda, mas a tradução das inscrições em inglês na caixa indica que contém na verdade 3 barras de combustível sólido.

que o objeto fazia parte do acervo exposto sala E, vitrine 15, nome dado a antiga sala do “Acampamento”²⁰⁸* nesses arquivos. Uma curiosidade sobre um determinado enlatado de carne de porco chamado *Pork Lunch* é que foi tão rotineiramente servido na cozinha da retaguarda que tanto os soldados brasileiros quanto os americanos passaram a detestá-lo²⁰⁸.

No centro do mostruário existem três caixas de ração tipo K respectivamente para o café da manhã (caixa na cor marrom), almoço (caixa de cor azul) e ceia (caixa de cor verde). Bem próximo, do lado esquerdo, estão distribuídos os seguintes produtos: *fundge* de chocolate embalado em celofane, 2 tabletes de açúcar refinado, um pacote de biscoito quadrado, uma lata contendo café e goma de mascar e estranhamente um adoçante alemão. Com exceção deste último produto, que não era distribuído para a FEB, todos os demais pertenciam à ração do tipo K.

Nas fichas constam algumas instruções em inglês, compiladas das próprias caixas que continham as rações, sobre a maneira adequada de prepará-las para serem consumidas. Os alimentos podiam ser consumidos frios ou depois de aquecidos. Do mesmo modo, também foi encontrada uma descrição dos produtos que vinham na caixa correspondente ao café da manhã: carne e ovos, biscoito sortido, café, barra de frutas, açúcar e cigarro. A barra de frutas podia ser consumida fria ou na forma de geleia, precisando somente ser cozida com 4 colheres de água.

Em qualquer uma das três caixas de rações tipo K geralmente eram encontrados uma lata com uma mistura de ovos e verduras, um doce de fruta, uma bebida solúvel (café, chocolate ou limonada), tabletes de açúcar, biscoitos, chicletes e cigarros²⁰⁹, fósforos, uma lata de queijo, café ou sopa desidratada, uma colher, um abridor de latas e um tablete de halozone para a purificação da água²¹⁰. Os alimentos combinados em cada uma das caixas correspondiam a 900 cal.

²⁰⁸* Atual sala “Dia a dia do combatente”.

PINTO, Henrique de Moura Paula. A Alimentação da FEB. **Blog O resgate Força Expedicionária Brasileira**, Brasília, 2/09/2011. Não paginado.

²⁰⁹ SAVAL, Priscila Ervin. **Chega de Nabisco na lata! Queremos arroz, feijão e farinha no prato: alimentação da FEB na 2GM**. Revista Latino americana de História - Unisinos, 2019, p. 202.

²¹⁰ PINTO, Henrique de Moura Paula. A Alimentação da FEB. **Blog O resgate Força Expedicionária Brasileira**, Brasília, 2/09/2011, não paginado.

As fichas descrevem que os pacotes nos quais eram acondicionadas as rações K podiam servir como uma proteção impermeável para fósforos, do contrário, deveriam ser guardados de modo que não possibilitassem que fossem encontrados pelo inimigo.

Além da ração K havia ainda a ração do tipo C e B*. A primeira era composta de pares de latas pequenas, chamadas pelos veteranos de “pesada” e “leve”, que podiam conter feijão branco com carne, carne com batatas amassadas ou carne com mix de verduras. A lata leve continha bolachas, balas ou chicletes, uma bebida em pó, açúcar, um tablete de halozone e às vezes cigarros ou papel higiênico²¹¹. A combinação de alimentos correspondia a 3.800 cal.²¹²

A ração do tipo B era elaborada nas cozinhas de campanha com muitos alimentos pré-preparados. Os alimentos fornecidos eram muito variados: carnes congeladas, vegetais desidratados, ovos, leite, pães, geleias, frutas em caldas, etc. Com esses ingredientes eram possíveis combinações como ovos fritos com presunto.²¹³ Cada refeição combinava em média 4.000 cal.²¹⁴ Havia ainda as rações de emergência como uma barra de chocolate altamente concentrado e a ração “10 por 1”, contendo 10 refeições em um só recipiente para uso coletivo. Além de complementos multivitamínicos distribuídos no inverno duas vezes por dia em cada uma das principais refeições.²¹⁵

Apesar das já mencionadas informações sobre a surpresa agradável dos soldados brasileiros diante dessa grande variedade de alimentos fornecidos. Os brasileiros sentiram falta do arroz, do feijão e da carne seca. Alguns alimentos não condiziam com o paladar do brasileiro, sendo necessária a complementação da alimentação padronizada estadunidense com gêneros alimentícios de origem brasileira. Como já mencionado, com tempo buscou-se uma dieta mista, composta 90% pela ração americana e 10% por produtos nacionais. Porém, em períodos de ofensiva a tropa adotava 100% de alimentos NA²¹⁶. Essa proporção foi

* Não presentes no MEXP.

²¹¹ SAVAL, Priscila Ervin. **Chega de Nabisco na lata! Queremos arroz, feijão e farinha no prato: alimentação da FEB na 2GM.** Revista Latino americana de História - Unisinos, 2019, p. 202.

²¹² PINTO, Henrique de Moura Paula. A Alimentação da FEB. **Blog O resgate Força Expedicionária Brasileira**, Brasília, 2/09/2011, não paginado.

²¹³ SAVAL, Priscila Ervin. **Chega de Nabisco na lata! Queremos arroz, feijão e farinha no prato: alimentação da FEB na 2GM.** Revista Latino americana de História - Unisinos, 2019, p. 202.

²¹⁴ PINTO, Henrique de Moura Paula. A Alimentação da FEB. **Blog O resgate Força Expedicionária Brasileira**, Brasília, 2/09/2011, não paginado.

²¹⁵ *Ibidem*, não paginado.

²¹⁶ SAVAL, Priscila Ervin. **Chega de Nabisco na lata! Queremos arroz, feijão e farinha no prato:**

estabelecida através da análise do Relatório do Depósito de Pessoal, que em abril de 1945, no quadro de provisão das necessidades de viaturas para o transporte de suprimentos norte-americanos, foram necessárias 360 viaturas de 2 ½ toneladas, enquanto para o transporte de víveres nacionais, apenas 36 viaturas foram suficientes, o que mostra, pela tonelagem das viaturas, que foi transportado 10 vezes mais viveres norte-americanos que brasileiros.²¹⁷

A Goma de mascar, produto integrante da ração K, é uma peça que pode gerar uma relação de proximidade com os visitantes, pois o hábito de mascar chicletes ainda está muito presente na sociedade atual. Podendo gerar questionamentos, intervenções e discussões sobre o processo de americanização da FEB e mesmo da sociedade brasileira na década de 1940. O chicletes em questão era da marca Beeman's e segundo os registros nas fichas era distribuído por conter entre os seus ingredientes pepsina que servia para auxiliar na digestão.

Um produto da ração K presente na vitrine é um vidro esverdeado com a inscrição *Halozone*, indicado na legenda como “purificador de água para cantis”. De acordo com os registros em inglês nas fichas, cada frasco continha 100 tabletes para a purificação. Cada tablete era composto por 0,004 g de Halozone (Borato de sódio e cloreto de sódio), dois tabletes seriam o suficiente para purificar a água de um cantil cheio. Bastando agitar e esperar por 30 minutos antes de beber. Porém, se a água estivesse muito suja podiam ser necessários quatro tabletes do produto.

Do lado esquerdo das caixas de ração K estão presentes uma série de produtos relacionados ao tabagismo: cachimbos, fósforos, isqueiro de gasogênio, carteiras de cigarros e embalagem em couro para carteiras de cigarros com o símbolo do 5º Exército Americano (A5). Com exceção do cachimbo e do isqueiro, os demais produtos são de origem estadunidense. Lembrando que maços de cigarro eram distribuídos diariamente com as rações. Apesar de o Brasil enviar para a FEB cigarros, charutos e fumo para cachimbo, os expedicionários preferiam as marcas americanas, por serem de qualidade muito superior. A ponto de uma marca nacional que usava em seu logotipo uma garota loira ganhar o apelido de *Bionda Cattiva* (Loira Malvada) dos civis italianos que recebiam o produto dos expedicionários. Os isqueiros eram adquiridos nas cantinas e lojas para os militares da

alimentação da FEB na 2GM. Revista Latino americana de História - Unisinos, 2019, p. 208.

²¹⁷ FARIA, Durland Pupin de. **Mudança de cardápio e impacto cultural: um estudo sobre alimentação da Força Expedicionária Brasileira (1944-1945).** Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Niterói, 2017, p. 107

retaguarda.²¹⁸ No contexto do conflito o ato de fumar era natural e altamente apreciado, os malefícios do fumo eram em grande parte ignorados.

Depois dos produtos relacionados ao tabagismo, do lado esquerdo, estão expostos artigos relacionados à higiene. Mais perto das carteiras de cigarro se encontra um creme de barbear dos EUA, artigo que podia ser adquirido nas cantinas da retaguarda, porém nos pontos mais avançados onde a exposição ao fogo inimigo era ainda maior os soldados podiam ficar meses sem tomar banho ou se barbear, com consequências terríveis para o moral e a saúde da tropa.²¹⁹

Estranhamente nesta parte do expositor, além dos artigos de higiene, podem ser identificados mais alguns artigos americanos: um canivete, uma lata de graxa de sapatos, e a já citada “caixa com comprimidos para combustão”. Todos os três poderiam estar mais próximos da extremidade direita da vitrine. O canivete era de grande serventia em variadas ocasiões na linha de frente, porém sapatos engraxados e lustrados eram cobrados com mais afinho somente na retaguarda.

Além do já mencionado creme de barbear, todas as demais peças em exposição na extremidade mais à esquerda eram distribuídas pelos EUA e fazem alusão a aspectos relacionados à higiene dos combatentes: papel higiênico, talco para os pés, pó dental, solução para irritações causadas por fumaça, loção inseticida, porta kit primeiros socorros e kit profilaxia DST.

O papel higiênico está acondicionado em um envelope que possivelmente contém uma ou mais folhas dobradas, não foi encontrado nas fichas nenhum registro a respeito de sua aquisição, talvez se trate de um similar mais atual. Do mesmo modo, outro objeto sobre o qual também não foi encontrado nenhum registro de entrada no MEXP é a solução para irritações causadas por fumaça. Contudo, traduzindo o que está escrito na sua embalagem percebe-se que na verdade é um colírio para nariz e olhos em caso de contato com fumaça intensa, o que evidentemente é muito corriqueiro em combates intensos em especial envolvendo a artilharia, o que tornava esse um artigo de grande utilidade para evitar irritações nos órgãos citados.

²¹⁸ CAMPIANI, Cesar. **120 objetos que contam a história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 1 ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2019, p. 89.

²¹⁹ *Ibidem*, p. 90.

O talco para os pés da marca *Power Foot*, indicado nas fichas de doação como pó antisséptico, era muito importante no combate à umidade nos pés que provocava além do odor desagradável, frieiras e outros tipos infecções. O pó dental, denominado nas fichas de dentifrício, era um artigo relacionado a um hábito ainda pouco disseminado no Brasil na década de 1940. Um importante indicativo a esse respeito foi a necessidade de tratamento dentário para uma parte significativa da tropa brasileira antes do início dos treinamentos ainda em solo brasileiro. A “loção inseticida para repelir insetos” é indicada nas fichas de doação como repelente de insetos sendo descrito como um objeto de vidro transparente com tampa de rosca em latão escuro.

O porta kit primeiros socorros é composto por uma bolsa em lona para o cinto de guarnição que contém uma pequena lata retangular de cor esverdeada indicada nas fichas como kit curativo individual. O modelo em questão era um Carlisle que era fornecido a todo o combatente²²⁰. As informações sobre a forma de uso estão contidas na parte externa da lata em alto relevo, para abrir o recipiente puxava-se a ponta da fita que ficava do lado de fora. No interior do invólucro metálico tinha pó antisséptico (5 g de “sulfa” – sulfato de zinco) e bandagem tornando possível o estancamento rápido do ferimento e a sua proteção contra contaminações. A bandagem possuía dois lados com cores diferentes para facilitar o seu uso, o lado branco da bandagem ficava em contato direto com o ferimento, enquanto o lado vermelho permanecia do lado externo.

O primeiro atendimento a um ferido em campo de combate era muitas vezes realizado por um companheiro de farda. Após isso o ferido era atendido pelo enfermeiro que acompanhava o pelotão, na sequência ele era retirado pelos padioleiros do Batalhão de Saúde que forneciam um atendimento um pouco mais completo e o seu transporte até os hospitais de campanha. Esse tratamento inicial com o kit curativo individual, aliado a eficiência dos médicos e enfermeiras tanto do Brasil quanto dos Estados Unidos, o uso da penicilina e do plasma sanguíneo foram responsáveis por uma alta porcentagem de sucesso no tratamento dos feridos.²²¹

O último objeto, na extremidade esquerda da vitrine, um kit de prevenção contra DST ou como registrado nas fichas, “preventivo de doenças venéreas”, nada mais é do que uma “camisinha” envolta em um envelope de papel bege. A presença desse objeto fornece

²²⁰ *Ibidem*, p. 76.

²²¹ CAMPIANI, *loc. cit.*

subsídios para entender os hábitos sexuais dos soldados da FEB. Por ser um assunto muito espinhoso em nenhum momento das monitorias do museu ou mesmo no vídeo institucional são feitas menções as relações sexuais durante a participação da FEB no conflito ou a presença de tal item na exposição de longa duração. É sabido que a Itália aquela época era dominada pela prostituição em massa de mulheres, idosas e meninas, além da violência sexual perpetrada por soldados de ambos os lados.

Outro artigo que faz parte da reserva técnica, ou pelo menos é o que diz nas fichas de doação, é uma lata de inseticida em pó para insetos parasitas externos (piolhos e chatos). O produto deveria ser aplicado suavemente com a mão em todo o corpo dando uma atenção especial para as roupas íntimas e nas costuras internas de camisetas e calças. A aplicação deveria ser repetida duas vezes por dia durante uma ou duas semanas dependendo do tipo de parasita. Para o controle dos “piolhos pubianos” (*chato*) o produto tinha que ser aplicado em todas as regiões do corpo onde a área do cabelo (pelo) estava com prurido. Os indivíduos com muito cabelo deveriam tomar um cuidado especial, pois os parasitas poderiam estar espalhados por todo o corpo.

Evidentemente que sobre o tema devem ser evitadas as perigosas generalizações. Os soldados da linha de frente dificilmente tinham tempo para colóquios amorosos e os integrantes da FEB não foram para a Itália para fazer turismo sexual, embora participassem ativamente dos serviços oferecidos por prostitutas de todas as idades. Relacionamentos amorosos, mais fixos ou não, entre mulheres italianas e combatentes brasileiros se deram em áreas já ocupadas, ou ainda com elementos da retaguarda que passavam meses na mesma localidade.²²² A ponto de no final da guerra um navio ser enviado para a Itália para buscar 50 noivas italianas, o que contribuiu para construir o mito de turismo sexual.²²³

Em relação aos odiáveis estupros, inclusive reconhecido como crime de guerra, é importante destacar que os episódios envolvendo integrantes da FEB foram muito raros. No entanto, o envolvimento com prostitutas foram menos incomuns, mas nos momentos de folga e envolvendo o pessoal de apoio na retaguarda. Como se pode imaginar essas não são

²²² CAMPIANI, César Maximiliano. *As trincheiras da Memória, brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945*. São Paulo, 2005, p. 353.

²²³ CAMPIANI, *loc. cit.*

memórias que os ex-combatentes procuraram divulgar principalmente em respeito às suas famílias, esposas e namoradas, pois fazem parte de narrativas consideradas desagradáveis.²²⁴

Existiam inclusive na retaguarda clubes de prostituição frequentados por oficiais e soldados, nestes locais as mulheres eram examinadas regularmente e possuíam um cartão de identificação. Eles se localizavam nos mesmos endereços onde antes tinham funcionado estabelecimentos que prestavam serviços similares para os alemães, inclusive na maioria das vezes com as mesmas prostitutas. Nas áreas conquistadas foram instituídas as “estações de profilaxia” onde eram distribuídos preservativos e também sabonetes para a desinfecção pós-relação sexual.²²⁵

A ocorrência de doenças venéreas justificava a distribuição de “camisinhas” e de medicamentos para combater parasitas pubianos por causa dos hábitos sexuais não da linha de frente, mas sim da retaguarda. Além do pessoal de apoio, muitos dos combatentes com mais de três meses no front passavam por períodos de descanso, com isso se evitava a fadiga extrema e os casos de baixa por razões neuropsiquiátricas.²²⁶ Durante esses momentos muitos se dedicavam a gastar seus bônus de guerra com programas como ópera e turismo, mas nem todos se dedicavam a atividades tão nobres. O consumo de vinho era elevado na retaguarda assim como a prostituição, esta devido ao estado de calamidade social em que se encontrava a sociedade italiana.²²⁷

Após essa minuciosa, mais necessária, descrição dos objetos que fazem parte da exposição de longa duração da sala “Dia a dia do combatente” é possível definir caminhos para a mediação nesse espaço através da escolha de algumas problemáticas que foram apresentadas e ao mesmo tempo estar preparado para questionamentos que possam vir a gerar outros problemas de natureza histórica sobre o cotidiano vivenciado pelos soldados da FEB no conflito.

Na sequência será descrito o produto pedagógico, como dito anteriormente ele será dividido em três momentos. O primeiro, subdividido em duas aulas, apresentado no subitem a seguir, analisará os conhecimentos prévios dos alunos a respeito de conceitos como memória,

²²⁴ CAMPIANI, César Maximiliano. **As trincheiras da Memória, brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945**. São Paulo, 2005, p. 354.

²²⁵ CAMPIANI, loc. cit.

²²⁶ CAMPIANI, Cesar. **120 objetos que contam a história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 1 ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2019, p. 106.

²²⁷ CAMPIANI, loc. cit.

história e lugar de memória; além de repassar alguns conhecimentos básicos sobre a participação do Brasil no conflito. Os outros dois momentos, detalhados respectivamente nos outros subitens abordarão a mediação no MEXP realizada na sala “Dia a dia do combatente” e a análise de fontes históricas e textos de historiadores em sala de aula.

4.4 A ANÁLISE DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS: O QUE OS ALUNOS CONHECEM SOBRE A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL?

Nas próximas páginas será apresentado o produto pedagógico, objetivo principal desta dissertação de mestrado, ele não deve ser entendido como um roteiro obrigatório, mas apenas como uma sugestão de trabalho que possa inspirar novas experiências e encaminhamentos para se realizarem aulas de campo e mediações que envolvam o MEXP, ou mesmo outros museus que tenham por tema a participação brasileira na 2ª Guerra Mundial. Na impossibilidade de ser realizada uma visita física ao MEXP é possível adaptar este encaminhamento a uma visita virtual, como foi dito, não se pretende amarrar o planejamento e impor de alguma forma o que aqui foi feito, mas dar asas para que os docentes utilizem os seus métodos, planejamentos e leituras para tornar a experiência num museu mais agradável e enriquecedora possível com o intuito principal de construir conhecimento histórico.

Nesse subitem a intenção foi desenvolver uma aula expositiva no *power point* que servisse para investigar os conhecimentos que os alunos possuíam a respeito da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial ao mesmo tempo em que fossem repassadas algumas informações básicas sobre o tema e conceitos como memória e lugar de memória. O objetivo foi preparar os alunos para observarem os elementos e conceitos que seriam abordados na etapa seguinte, ou seja, durante a monitoria disponibilizada pelo MEXP e na mediação na sala “Dia a dia do combatente”.

É importante destacar que foi acertado com o MEXP que os estudantes dos três 9ºs anos fariam todo o percurso da visita monitorada, tendo contato com o discurso museológico da instituição e que na sala “Dia a dia do combatente” o professor-pesquisador seria o responsável por uma intervenção pedagógica no formato de mediação. Deste modo, o que será descrito a seguir tinha por intenção analisar o que os estudantes sabiam sobre o tema e o

seu objetivo era dar suporte tanto à intervenção pedagógica no MEXP quanto à futura atividade avaliativa.

Antes de descrever essa etapa do produto pedagógico é preciso pontuar que o Colégio da Polícia Militar do Paraná é um estabelecimento de ensino que pertence a rede pública de ensino do estado do Paraná e está localizado na cidade de Curitiba. Portanto, está sujeito aos mesmos documentos norteadores da educação estadual que tem a sua origem na Secretaria Estadual de Educação (SEED), assim sendo, conforme o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP)²²⁸ O conteúdo “Participação do Brasil no conflito”, faz parte do Objeto de Conhecimento “Segunda Guerra Mundial” e da Unidade Temática “Totalitarismos e conflitos mundiais”.

De início foi elaborado um plano de aula seguindo o padrão estipulado pelas orientações exigidas pela SEED na segunda etapa dos Processos Seletivos Simplificados (PSS) para professor de história e também no concurso interno para o Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), etapa exigida para ingressar no último nível da carreira de professor nas escolas da rede pública paranaense.

Evidentemente que o assunto Segunda Guerra Mundial foi trabalhado de maneira mais geral em 3 aulas procurando apresentar aos estudantes as motivações, os antecedentes, as principais batalhas, as fases da guerra, o final do conflito, as consequências e as suas implicações no presente. Deste modo, a ação pedagógica implementada partiu de um conhecimento já construído em sala de aula tanto através da bagagem de conhecimento trazida da experiência histórica dos alunos quanto do que foi apresentado durante esses três encontros. Portanto, a descrição do protótipo didático se iniciou após essas aulas sobre aspectos mais gerais da Segunda Guerra Mundial

As 2 aulas expositivas que serão descritas na sequência foram trabalhadas com o uso de slides produzidos através do programa *power point*, no caso do Colégio da Polícia Militar eles foram repassados aos alunos utilizando o quadro interativo presente em cada sala de aula. No entanto, a *TV Educatron*, fornecida pela SEED para as escolas do estado, atenderia perfeitamente essa necessidade. As imagens utilizadas nos slides são em sua maioria fotos

²²⁸ No site <https://professor.escoladigital.pr.gov.br/crep> consta que a versão consolidada do CREP ficou pronta em 2021. É considerado o documento curricular orientador da construção da Proposta Pedagógica Curricular (PPC). Segundo o mesmo site, os conteúdos estão separados por disciplinas para facilitar a organização do trabalho pedagógico, bem como as escolhas metodológicas dos professores (as) e os processos de avaliação que visam alcançar os níveis de proficiência dos estudantes, previstos para cada ano.

tiradas pelo próprio professor, com exceção de 4 delas, uma do site do museu e outras três de fontes devidamente citadas. A bibliografia utilizada contou com o livro didático padronizado para todas as escolas da rede pública do estado²²⁹ e de autores como Maria do Carmo Amaral, Cesar Campiani, Dennison de Oliveira, Nora, Le Goff e Candau.

A primeira aula expositiva teve por objetivo entender o Museu do Expedicionário enquanto um *lugar de memória*. O 1º slide apresentou a seguinte indagação direcionada aos alunos: “Vocês conhecem este lugar?”, seguida de slides que continham imagens da fachada do MEXP e da praça do Expedicionário. Eles responderam conforme a sua experiência, muitos nunca os visitaram ou sequer tinham passado em frente ao museu. Alguns mencionaram que era a “praça do avião”, mas não sabiam dizer nada da sua procedência se era uma peça original ou réplica. Em pelo menos 2 turmas mais ou menos 5 alunos sabiam que eram imagens de um museu que tratava da Segunda Guerra, e pelo menos 3 já haviam visitado o estabelecimento. Nenhum aluno tinha reparado que no alto do prédio existia um monumento que representava um grupo de soldados durante uma patrulha. Portanto, poucos alunos conseguiram relacionar o local às memórias da Segunda Guerra e uma porcentagem ainda menor teve a oportunidade de em alguma oportunidade visitar o MEXP.

O 5º slide apresentou mais uma questão: “Como pode ser classificado esse tipo de local?”. Por ser um conhecimento mais específico, poucos alunos em todas as 3 turmas sugeriram que “era um local que servia para lembrar da guerra”. Ou seja, estava relacionado às memórias do conflito. A partir disso o professor utilizou os slides seguintes para apresentar de maneira bem simplificada o conceito de *lugar de memória* segundo Nora. No nono slide foi lançada mais uma pergunta: “História e memória são a mesma coisa?”. Aqui um grande número de alunos se mostrou atento a algumas peculiaridades que diferenciam uma da outra, como por exemplo, o rigor no trato com as fontes que para muitos realçava o aspecto científico do estudo da história. Foi basicamente esse o ponto que permitiu que muitos diferenciassem as duas categorias, enquanto uma tem critérios rigorosos e uma metodologia própria, a outra depende da memorização de fatos previamente selecionados por grupos sociais que buscavam preservar e divulgar suas memórias. Coube ao professor no 11º slide aprofundar os conceitos de História, *memória coletiva* e *identidade* tendo como base os conhecimentos construídos respectivamente por Le Goff e Candau.

²²⁹ BOULOS, Júnior Alfredo. **História sociedade & cidadania: 9º ano: ensino fundamental: anos finais**. São Paulo: FTD, 2018.

No 12º slide mais um questionamento para os alunos: “O Museu do Expedicionário faz vocês lembrarem do quê?” Em duas salas este slide foi desnecessário porque alguns alunos já haviam identificado que o MEXP era um local que buscava perpetuar memórias relacionadas à Segunda Guerra Mundial. No entanto, em uma das turmas foi preciso explorar ainda mais um pouco o MEXP como um lugar de memória do referido conflito. Neste ponto foi finalizada a primeira aula expositiva.

O objetivo da segunda aula expositiva foi apresentar aspectos importantes sobre a participação brasileira no conflito e incitar a curiosidade dos alunos a respeito das peças presentes na exposição de longa duração do MEXP. Ela teve início a partir no 14º slide que apresentou a seguinte pergunta: “O Brasil participou da Segunda Guerra? Por quê?” Depois da aula anterior, a maioria dos alunos tiveram condições de responder a primeira parte da pergunta. A segunda parte recebeu algumas respostas como: “porque os americanos atacaram o Brasil e mentiram que foram os alemães”; “porque os EUA pressionaram o Brasil a entrar na guerra”; e ainda, “porque o governo tinha interesse em territórios”. Porém, alguns declaram que o Brasil foi atacado, mas não sabiam dizer como isso aconteceu e nem os motivos.

Conforme a necessidade, em novas aplicações deste material pedagógico, poderão ser utilizados os slides 17, 18, 19 e 20 para recordar aspectos relacionados às causas da guerra e as suas alianças. No caso da experiência realizada isso foi feito muito rapidamente porque o tema tinha sido explorado recentemente, o professor na verdade indagou os alunos sobre as causas do conflito e a composição das alianças bélicas, perguntas às quais um grande número de discentes soube responder sem dificuldades.

A participação brasileira no conflito começou a ser apresentada aos estudantes por intermédio da imagem da capa do jornal “O Globo” do dia 12 de agosto de 1942, no slide de número 21. Portanto, através da cópia de um documento histórico os estudantes passaram a ter conhecimento de que o país era governado Getúlio Vargas e que este reuniu o ministério para anunciar a declaração de guerra à Itália e à Alemanha.

No 23º slide foi apresentado aos alunos o contexto social-econômico brasileiro, foi novamente destacado que o Brasil era governado pelo ditador Getúlio Vargas, e que era ainda um país essencialmente agroexportador que importava combustíveis, maquinários e uma enormidade de produtos industrializados. País que nas décadas de 1930 e 1940 tinha problemas educacionais e sanitários muito maiores do que na atualidade, mesmo que ainda

esteja muito aquém do ideal se comparado a países de elevado Índice de Desenvolvimento Humano. No entanto, as ricas matérias primas brasileiras e o seu potencial geopolítico na América do Sul faziam com que o Brasil fosse disputado avidamente por alemães e estadunidenses.

O 24º slide mostrou aos 9ºs anos o mosaico de uma cobra fumando que se encontra na calçada em frente ao museu e no slide seguinte junto de mais uma imagem do símbolo da cobra fumando, esta retirada do site do MEXP. Logo após foi feita mais uma indagação para os alunos: “Por que o símbolo dos brasileiros na guerra era uma cobra fumando?” Algumas das respostas foram: “a cobra fumou porque o Brasil entrou”, “a cobra fumou quando o ‘bicho pegou’.” Coube ao professor descrever que a escolha aconteceu em consequência das dúvidas das reais condições do Brasil em adentrar no conflito e pela demora do governo para enviar o primeiro contingente de soldados. Para muitos brasileiros, inclusive autoridades e jornalistas, era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil ir para a guerra.

O 27º e o 28º slides apresentaram os ataques dos submarinos alemães aos navios mercantes brasileiros e a pressão popular para o país declarar guerra ao Eixo. A organização da FEB e da FAB com o intuito de fazer frente ao inimigo também foi lembrada. Do mesmo modo, foram destacadas as dificuldades para organizar, treinar, deslocar e alimentar os 25.000 soldados selecionados. Assim como as agruras relacionadas à adaptação à topografia e ao clima do norte da Itália. Foi realçado que apesar desses percalços o Brasil obteve importantes vitórias. A conquista de Montese foi devidamente ilustrada através de uma imagem apresentada no 29º slide.

A partir do 30º slide foram apresentadas algumas imagens da exposição de longa duração do museu, principalmente da sala “Dia a dia do combatente”. A intenção foi atizar a curiosidade dos alunos para que deste modo pensassem em questões e problemáticas que poderiam ser feitas no museu tanto para o monitor do museu quanto para o professor. Com a mesma intenção, ou seja, preparar os alunos para a visita e estimular o surgimento de questionamentos, foi indicado para que fizessem um *tour* virtual ao museu através do site <https://zheit.com.br/post/visita-virtual-no-museu-do-expedicionario-em-curitiba>.

É muito importante destacar que nessas duas aulas expositivas houve a preocupação de apenas dar uma noção do envolvimento brasileiro na guerra sem procurar se aprofundar em demasia, imaginando que algumas informações poderiam ser melhor esmiuçadas durante a monitoria realizada pelo MEXP ou mesmo da mediação do professor.

4.5 A SALA DIA A DIA DO COMBATENTE; UMA MEDIAÇÃO DIALOGADA

É necessário apresentar algumas considerações. O produto pedagógico, principal pretensão do presente trabalho de pesquisa foi dividido em três partes. A primeira parte, relatada anteriormente, contou com duas aulas. Nelas foi realizada uma análise dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre conceitos como *história, memória, lugar de memória, memória coletiva e identidade*. Além de investigar o que também sabiam sobre a participação brasileira na Segunda Guerra e apresentar informações básicas sobre o tema de modo a ativar a curiosidade dos alunos a respeito da exposição de longa duração do MEXP.

Ressaltando que conforme o planejamento de história dos nonos anos do Colégio da Polícia Militar, do qual o professor foi um dos elaboradores, o tema Segunda Guerra Mundial deveria ser trabalhado no segundo trimestre, por isso as aulas sobre o assunto foram realizadas bem antes da visita. Alguns dias antes aconteceram as 2 aulas expositivas relatadas. Portanto, a proposta da intervenção pedagógica (ou produto pedagógico) seguiu rigorosamente o planejamento de história dos nonos anos.

Agora neste subitem será descrita a segunda parte do produto pedagógico, a mediação no MEXP. Esta foi realizada no mês de agosto de 2023 com três turmas de nono ano do Colégio da Polícia Militar do Paraná. As visitas ao MEXP tinham sido agendadas com bastante antecedência já no início do ano letivo, pois como mencionado anteriormente elas são muito concorridas.

As três turmas de nonos anos foram levadas em dias diferentes para a visita ao museu. Os estudantes foram atendidos pelo monitor que desenvolveu a sua fala exatamente como ocorreu em anos anteriores e que foi analisada no subitem 3.2. Com a prévia autorização da equipe técnica do museu foi acertado que seria realizada uma mediação com os alunos no espaço “Dia a dia do combatente”.

Na primeira experiência foi aproveitada a sequência da monitoria disponibilizada pelo museu, ou seja, após a fala do monitor na sala do Eixo foi solicitado que os alunos se dirigissem para a referida sala na qual seria desenvolvida a mediação. No entanto, percebeu-se que o melhor seria esperar toda a monitoria do MEXP ser finalizada para só depois, enquanto a maioria dos alunos novamente exploravam sozinhos algumas das salas do museu, ordená-los em grupos de 10 para a sala “Dia a dia do combatente”.

Inicialmente foram realizadas duas indagações para os estudantes: “A partir dos conceitos de memória e lugar de memória como eles identificavam a monitoria realizada até aquele momento? Qual era a memória que o MEXP preservava e buscava transmitir aos visitantes?”

Algumas das respostas foram: “Que o Brasil lutou bravamente na Itália”. “Que o Brasil precisou se adaptar ao armamento dos EUA”. “Que os soldados brasileiros ‘mandaram bem’ na guerra.” “Que conseguiram muitas medalhas”. “Que o armamento usado pelos alemães era muito melhor que o dos pracinhas”. “Que o Brasil foi para a Guerra sem conhecer de verdade as dificuldades que iria enfrentar”.

Ficou muito claro, a partir de algumas das falas, que tanto o vídeo passado antes do início da visita quanto a monitoria tinham deixado as suas impressões em alguns estudantes, ou seja, as memórias transmitidas estavam carregadas de um discurso que se concentrava no heroísmo e no grandes feitos, no entanto que pouco exploravam possíveis discussões históricas.

Então os alunos foram convidados a explorarem a já mencionada sala e se tivessem alguma dúvida poderiam questionar o professor, para tanto foi disponibilizado um tempo de 10 minutos. Lembrando que uma experiência num museu será mais rica quanto mais liberdade os visitantes tiverem para perambular pelo espaço, de modo a fazerem suas próprias descobertas.

Coube a o professor-mediador de início apenas escutar as opiniões dos estudantes, restringindo a sua intervenção quando se fez necessário completar as opiniões com informações mais apuradas ou mesmo responder as indagações. Importante ressaltar que não houve nenhuma discrepância nas falas apresentadas ou perguntas que não condiziam com o momento representado, talvez devido ao preparo anterior em sala e ao trabalho desenvolvido pelo monitor do museu. As questões e indagações que surgiram sobre a utilização das peças no *front* foram prontamente sanadas com base na pesquisa realizada e relatada nesta dissertação no subitem 3.4.

A partir das questões e indagações feitas por cada um dos grupos de 10 alunos das três turmas foram desenvolvidas algumas problemáticas históricas relacionadas ao cotidiano dos combatentes da FEB e às memórias preservadas e transmitidas pela instituição e pelo Exército.

Dois alunos em salas diferentes comentaram que estavam surpresos com a variedade de produtos utilizados pelos soldados. As indagações e curiosidades a respeito da alimentação dos soldados e da utilização do equipamento de inverno também estiveram presentes nas três turmas que foram respondidas com base na já citada pesquisa. Apesar da região sul ter um inverno um tanto quanto mais rigoroso do que no restante do país, as temperaturas extremas enfrentadas pelos soldados chamaram muita a atenção das turmas. Lembrando que o vídeo produzido pelo MEXP e a monitoria já haviam destacado esta questão o que permitiu fortalecer esse tipo de memória nos estudantes deixando os feitos da FEB ainda mais grandiosos.

Neste momento o professor-mediador voltou a mencionar o conceito de memória e as intenções dos criadores e mantenedores do museu em relação às escolhas de memórias a serem preservadas e divulgadas, nestas a adaptação às intempéries do meio têm um lugar de destaque.

Depois disto, foi indagado se aquele espaço em que estavam apresentava algum aspecto que não havia sido até então explorado e se era possível definir qual era em resumo a essência daquela sala. Em todas as turmas teve alguém que respondeu que ali era mostrada a realidade enfrentada pelos pracinhas, e destacou o frio. Um deles inclusive chegou a apontar os quadros e a vitrine com a representação do acampamento de inverno.

Em uma das turmas foi mencionado que a sala apresentava os alimentos consumidos pelos soldados e que essa alimentação era fornecida pelos EUA, estas informações estão contidas em alguns painéis fixados nas paredes desse ambiente. Neste momento alguém questionou se tudo foi “dado pelos americanos” e se o governo brasileiro ficou “só na folga”. Então foi relatado que o governo tinha fornecido sim produtos alimentícios, fardas entre outros utensílios, além de que associações no Brasil fizeram campanhas para angariar alguns tipos de roupas e utensílios de limpeza. Deste modo, é um erro acreditar que o exército estadunidense forneceu integralmente os materiais utilizados pela FEB durante o conflito, o correto é entender que houve na realidade uma mescla de produtos de origem *ianque* e brasileira. E mesmo o que foi fornecido pelos EUA teve que ser em grande parte pago pelo governo brasileiro. Foi adiantado que futuramente em sala eles teriam contato com um texto que abordaria este assunto.

Em outra turma uma aluna mencionou os chicletes, confidenciando que “não imaginava que os soldados *curti*am chicletes, porque ela também os amava”. Um estudante

mencionou o kit com papel higiênico, a peça para ele era uma evidência de que os combatentes “tem as mesmas necessidades de qualquer outra pessoa”, mas tinham que “se virar porque na guerra era mais complicado”.

Em um grupo dois alunos ficaram surpresos com a distribuição de artigos relacionados ao tabagismo aos soldados, o professor-mediador aproveitou o momento para explorar os já bem conhecidos malefícios de tal hábito, mas que naquele momento ainda não eram consenso na sociedade. Ponderou que era uma forma dos soldados tentarem aliviar as tensões psicológicas, além de que os cigarros serviam de moeda de troca e até mesmo de estreitamento de amizade entre os combatentes ou mesmo para humanizar o tratamento concedido aos prisioneiros de guerra.

No entanto, uma questão desconcertante surgiu quando dois alunos de grupos e salas distintas identificaram um “kit de prevenção de doenças venéreas”, depois de muito riso e brincadeiras, alertei que as relações sexuais eram bastante incomuns na linha de frente, e que isto ocorria com o pessoal da retaguarda e em dias de folga. Assunto bastante espinhoso para tratar com alunos com idade média de 14 anos tendo o cuidado de não deixar transparecer, de maneira errônea, que os soldados brasileiros foram para a Itália a passeio ou em busca de turismo sexual. Finalmente, perguntei o que eles poderiam concluir a partir do acervo exposto nessa sala.

Vários alunos concluíram que apesar de estarem na guerra eles tinham necessidades similares a de qualquer outra pessoa e que o equipamento fornecido tinha que atender a estas necessidades. Essas oportunidades e as outras descritas anteriormente possibilitaram reforçar que as peças e as informações que elas continham aproximavam os combatentes da realidade de qualquer outra pessoa, apesar de estarem num ambiente hostil no meio de um conflito bélico.

A visita nas três turmas foi encerrada com uma rápida exploração da parte exterior do museu e da praça localizada em frente, agora não mais divididos em grupos de 10. Novas dúvidas pontuais foram esclarecidas. Vários estudantes das três turmas perceberam que alguns elementos presentes na praça exploravam aspectos e símbolos relacionados à participação do Brasil na guerra. Alguns deles chamaram a atenção dos demais para o monumento exposto na fachada do MEXP e perguntaram qual era o seu significado. Foram orientados que ele representava uma posição de patrulha e que este era um momento bastante tenso no qual os combatentes se expunham a possíveis retaliações do exército inimigo, pois muitas vezes se

encontravam nos limites do território conquistado e até mesmo na “terra de ninguém”, área ainda em disputa.

O memorial aos mortos paranaenses em combate também foi bastante explorado, com uma busca a partir dos sobrenomes inscritos de possíveis graus de parentesco consigo mesmo ou com colegas de sala, ninguém conseguiu identificar a existência de um soldado morto em ação com algum familiar ou antepassado.

Os detalhes dos símbolos presentes no calçamento e os altos relevos esculpidos em suas paredes externas representando batalhas da FEB foram percebidos por alguns alunos que os relacionaram com o conceito de *lugar de memória*. Coube ao professor reforçar nas três turmas essa relação e a importância dessas simbologias com as intenções de perpetuar determinadas lembranças na memória coletiva.

A seguir será apresentada a terceira e última parte do produto pedagógico, ela estará centrada no uso de fontes históricas em sala de aula e no debate em grupos com a intenção de responder algumas questões sobre a participação da FEB no conflito, sendo entendida também como uma estratégia fundamental para a produção do conhecimento histórico.

4.6 CRUZANDO INFORMAÇÕES: A ANÁLISE DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS EM SALA DE AULA

Na parte final dessa ação pedagógica os estudantes tiveram contato com documentos históricos e análises de especialistas, foram exploradas problemáticas históricas, como o racismo, além de aspectos relacionados alimentação e às condições climáticas que fizeram parte do cotidiano dos combatentes brasileiros no norte da Itália*. E na medida do possível verificou-se o que esses alunos conseguiram compreender das questões que envolvem o MEXP e as memórias desse momento histórico.

Como referencial teórico para desenvolver essa análise de fontes em sala de aula foi escolhida a Aula Oficina²³⁰, ou seja, será norteadas por questões problematizadoras buscando

* Os textos distribuídos e analisados pelos estudantes dos nonos anos foram inseridos nos anexos desta dissertação.

²³⁰ BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. *Para uma educação de qualidade*: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.

ir além da simples interpretação linear e que ao mesmo tempo tenham algum tipo de contribuição na orientação temporal para os estudantes dessas três turmas de nonos anos.

Dentro desse aspecto, discutir racismo na FEB e questões relacionadas à transmissão de memórias que fortalecem determinadas versões históricas tem relevância, afinal são pontos que fazem parte de discussões atuais e futuras e por isso mesmo contribuem para orientar os estudantes na sua leitura de mundo.

Essa etapa foi avaliativa e os resultados contribuíram para a composição da nota do segundo trimestre, valendo 1.8. No entanto, foi levada em conta a progressão dos conhecimentos partindo da verificação dos conhecimentos prévios, passando pela intervenção através da mediação e finalmente com o trabalho em equipes de leitura e interpretação das fontes. Deste modo a avaliação levou em conta uma aprendizagem em história gradual, processual e contínua.

As fontes continham mensagens variadas selecionadas com a intenção não só de reforçar alguns pontos anteriormente debatidos, como o reconhecimento e / ou questionamento das informações e de memórias transmitidas pelo MEXP, mas também acrescentar algo a mais em relação ao que foi apresentado durante a visita ao museu, permitindo uma compreensão mais contextualizada do tema e criando possibilidades para o levantamento de questões e de hipóteses sobre a experiência brasileira no conflito.

Os conceitos e questões que buscaram orientar esta atividade foram: *memória, lugar de memória, identidade, americanização e racismo*. Pensadas a partir da ótica do cotidiano no *front* e analisadas através de memórias de combatentes e de análise de especialistas.

Até mesmo as respostas que aparentemente não atingiram o grau esperado de compreensão histórica foram analisadas a partir do entendimento que o raciocínio histórico é oscilante, ou seja, em alguns momentos pode se mostrar simplista e em outros mais elaborado.

Inicialmente a ideia era usar imagens de peças do museu e de fotos de objetos utilizados pela FEB durante o conflito, contudo, as imagens quando transformadas em fotocópias não ficavam nítidas, obrigando a atividade a se concentrar em textos de especialistas e relatos de ex-combatentes presentes nas obras desses mesmos autores.

Os alunos formaram equipes que variaram de duplas a quintetos, os que se ausentaram no primeiro dia da atividade ou não puderam ir ao museu fizeram sozinhos ou

foram reunidos em duplas. Cada equipe recebeu um dos três modelos de atividades: “Condições climáticas”, “Racismo” ou “Alimentação da Força Expedicionária”.

As questões a, c, d, e, f e g eram as mesmas nos três modelos. Na ordem: a) “A que contexto ou questão as fontes se referem?”; c) “As fontes escritas apresentam alguma divergência em relação ao que foi apresentado e visualizado no MEXP? Se a resposta for afirmativa qual seria?”; d) “As memórias que o MEXP procura transmitir a partir da exposição de longa duração e da monitoria contribuem para a construção de uma imagem (identidade) dos pracinhas da FEB? Como vocês podem descrever essa imagem (identidade)? Qual é a imagem do ex-combatente transmitida pelo MEXP?”; e) “As memórias transmitidas pelo MEXP procuram apresentar uma determinada história da FEB (ou versão histórica). A partir do que vocês viram e ouviram no museu, como essa versão pode ser descrita?”; f) “É possível questionar essa versão histórica? Como?”; e, g) “A partir dos conhecimentos adquiridos no MEXP e de análise das fontes históricas, como vocês poderiam descrever o combatente brasileiro da FEB?”.

A questão b era um pouco mais específica, no texto que explorava o racismo: “No MEXP, o acervo exposto na sala ‘dia a dia do combatente’ explora a questão do racismo? Vocês identificaram no MEXP alguma imagem / foto que contava com a presença de soldados negros?”; no texto referente às condições climáticas do norte da Itália: “No MEXP, o acervo exposto na sala ‘dia a dia do combatente’, explora o aspecto climático e topográfico enfrentado pelos pracinhas? Cite alguns desses objetos e imagens visualizados no MEXP.”; e, no texto que faz referência a “alimentação da Força Expedicionária Brasileira”: “No MEXP, o acervo exposto na sala ‘dia a dia do combatente’ explora as aquisições de rações e equipamentos de guerra dos EUA? Cite alguns objetos expostos”.

De início foi percebido um problema, a questão “g” continha um erro de digitação, estava escrito “combate” ao invés de combatente; o que teve que ser corrigido durante a atividade em grupos. Da mesma maneira, houve a necessidade de alterar a questão “f”, de: “É possível questionar essa versão histórica?”; para; “é possível questionar e complementar essa versão histórica?”

A questão “a”, que abordava o contexto das fontes documentais foi tranquilamente respondida pelos grupos, todos identificaram que se tratava da participação da FEB na 2ª Guerra, muitos também especificaram o conteúdo tratado no texto como: “treinamento da FEB”; “questões raciais *no militarismo* (sic) da FEB”; “regime de alimentação para suprir a

FEB”; “ao dia a dia dos combatentes e sobre o racismo”; “as dificuldades vivenciadas pelos combatentes”; “as condições do serviço de sentinela de um combatente da FEB”; “as condições dos combatentes brasileiros que combatiam nas montanhas italianas, no contexto da Segunda Guerra Mundial”.

Com relação à pergunta b, mais específica a respeito do tema explorado nas fontes e a sua presença no MEXP, os resultados também foram muito satisfatórios no que diz respeito à progressão do conhecimento. A seguir vou destacar algumas dessas respostas de acordo com o tema apresentado. No que concerne ao aspecto climático, houve um grande número de equipes que confirmaram que o MEXP abordou a questão do clima e do relevo montanhoso enfrentado pelos soldados e citaram como objetos presentes na exposição barracas, imagens de pracinhas aprendendo a esquiar, roupas / fardas adaptadas ao frio.

Quando o assunto em destaque foi o racismo, questão “b”, somente duas equipes lembraram que tinham visto fotos com a presença de soldados negros, realmente não há na sala “Dia a dia do combatente” nenhuma dessas fotos, ou pelo menos não é possível identifica-las. Isto ocorre de maneira muito sutil em um dos corredores e também no auditório. Ou seja, o tema não é contemplado pelo MEXP. Então, a fonte acrescentou algo novo para os estudantes fazendo com que eles refletissem sobre os casos relatados e existência de racismo dentro do alto comando da FEB e de como esse tipo de memória foi ocultada. Lembrando que a FEB era única divisão racialmente integrada no front italiano, todas as demais, britânicas e estadunidenses, praticavam segregação racial.

Nas equipes em que a pergunta “b” trabalhou a aquisição de rações e equipamentos dos EUA as respostas foram unânimes, pois a sala abordada dá claramente muita ênfase ao assunto. Os grupos citaram com muita riqueza de detalhes os objetos expostos.

A questão de “c” e a identificação de divergências entre a exposição de longa duração do MEXP e as fontes analisadas em sala de aula foram bastante satisfatórias realçando a importância da escolha dos textos e do trabalho de análise de fontes. Quando o tópico abordado foi a alimentação os alunos perceberam que ela não era fornecida apenas pelos EUA e que arroz, feijão e farinha foram disponibilizados pelos governo brasileiro praticamente durante todo o conflito, porém não fornecidos ao longo do conflito com a mesma intensidade e regularidade dos primeiros meses. Podendo destacar as seguintes respostas: “Sim, temos divergências, pois lá só havia comidas americanas”; “Sim, as fontes citam diversos alimentos enquanto no MEXP citam só as rações”; “Sim, a segunda fonte

apresenta grande diversidade, enquanto no museu *informaram (sic)* uma alimentação à base de ração”; e, “Há divergências, pois no museu não é exposto o arroz, feijão e farinha”. Pelo menos três equipes também chamaram a atenção sobre uma informação do segundo texto, a insatisfação dos pracinhas quando retornaram ao Rio de Janeiro com a qualidade dos alimentos que lhes foram servidos.

Na questão “c”, do tema racismo, a maioria das equipes relatou sobre a sua ausência na exposição e na monitoria. Podem ser citadas as seguintes descrições: “No museu todo não mostra o racismo ou fatos relacionados sobre”; “Há divergências pela romantização do conflito por parte do MEXP, onde certas questões racistas, como a dita nos relatos, são omitidas”; “Sim, tem uma certa divergência já que o museu não retrata nada sobre o racismo ou sobre as minorias e o texto comprova isso”; e, “no museu foi *apresentado (sic)* uma união muito grande entre os combatentes, porém nas fontes apresentadas é possível perceber que não era bem assim, havia racismo e uma certa exclusão”. Neste ponto, coube ao professor intervir e comentar que os relatos que as tentativas de exclusão de soldados pretos dos desfiles bem como a ausência de fotografias e imagens de negros podem ser entendidas como evidências de racismo na FEB. Permitindo, desta maneira, entender que a FEB funcionava como um microcosmo do mito democracia racial brasileira extraídas

No quesito condições climáticas, abordado na questão “c”, as respostas afirmaram que as fontes evidenciaram o que tinha sido mostrado no museu, ou seja, que o frio foi um fator de dificuldade para os soldados brasileiros. No entanto, duas respostas chamaram a atenção por abordar algumas informações conflitantes entre as fontes e o que foi apresentado no museu: “... no MEXP era mostrada a navalha para a *fazedura (sic)* de barba, enquanto no texto é mostrado que isso não era feito (sempre), mas no geral não apresentam divergências nas condições dos soldados na guerra.”; “... no museu vários utensílios que faziam parte de seu cotidiano, dando a entender que acontecia muitas coisas em seu dia a dia, mas pelos relatos dos ex-combatentes, podemos perceber que era algo monótono e com muitas dificuldades e sem o lazer que deu a entender no MEXP”. A última afirmação talvez esteja relacionada a momentos de lazer e passeios turísticos dos combatentes da retaguarda ou de folga que talvez não tenham sido muito bem compreendidos durante a monitoria do museu.

Na questão “d” procurou-se questionar a respeito das memórias que o MEXP busca transmitir e a consequente construção da identidade dos pracinhas. Entre as respostas podem ser destacadas: “A imagem que o MEXP transmitiu é que eles foram heróis imbatíveis sem

muitos erros”; “... passa uma imagem heroica, ... como um vitorioso.”; “...que não eram acostumados com as condições climáticas da região, mas apesar disso, ... mostra que os soldados brasileiros lutavam bravamente contra os alemães”; “Certamente para uma identidade heroica de bravura e conquista como as estátuas de soldados em cima do prédio e o avião com mais de 100 missões bem sucedidas...”. Sem dúvida, que os soldados brasileiros foram heróis, mas uma análise histórica não deve se resumir a isso. Porém, com relação à divulgação das memórias e a construção da identidade do combatente brasileiro da FEB o MEXP, no contato com os visitantes, desempenha o seu papel com maestria.

A pergunta “e”, a respeito da versão histórica explorada pelo MEXP, novamente as palavras que prevaleceram nas análises foram: positiva, vitoriosa, honrosa, herói, heroica e heroísmo, entre outras. Vale a pena destacar as seguintes frases: “Eles descreveram que os soldados eram heróis, sendo assim, não cometiam erros e não tinham defeitos, criando uma imagem de *santo*”; “... a história da FEB é algo que eles querem lembrar para mostrar como eram corajosos”; “... uma versão romântica que mostra a paixão dos soldados pela sua terra”.

A questão “f” abordava a possibilidade de questionar essa versão histórica. Aqui, em muitas frases foi constatado que os estudantes identificaram que no discurso histórico é essencial o cruzamento de uma grande diversidade de fontes: “Sim, através do uso de relatos e também da análise de documentos históricos e científicos”; “...se *tivesse* (sic) outra fonte histórica que justificasse”; “...a FEB não era imbatível, pois os combatentes tinham suas fraquezas, como o frio, a fome e mesmo a saudade de casa”. Uma resposta em particular chamou ainda mais a atenção: “... é possível questionar a veracidade... devido ao fato de que as verdades se perdem com o tempo e (como por exemplo) a insatisfação dos combatentes em relação à comida”. Este comentário provavelmente diz respeito à intolerância em relação a alguns alimentos fornecidos como o suco de tomate e de *grape fruit* presentes num dos depoimentos explorados nas fontes exploradas em sala.

Ainda sobre a questão “f” duas equipes mencionaram que não foi comentado sobre “os detalhes íntimos” dos soldados, ou ainda que “o museu não explora o kit para prevenir DST exposto na sala do Dia a dia do combatente”. Não por acaso os estudantes que tinham anteriormente questionado a presença do kit durante a mediação realizada pelo professor estavam entre os integrantes dessas duas equipes.

Finalmente a questão “g” pedia que os alunos descrevessem o combatente brasileiro. Mais uma vez o heroísmo relatado na monitoria foi lembrado nas respostas, no entanto,

também foram destacadas as dificuldades de adaptação ao fardamento, armas, alimentação e frio. Outro ponto interessante relatado nessas respostas foi a lembrança de que apesar das vitórias o despreparo inicial provocou baixas e sofrimentos que poderiam ter sido evitados pelo alto comando da FEB. Algumas respostas foram: “... foi determinado para aprender outro modelo de guerra”; “....tiveram que se adaptar aos problemas como os outros soldados”; “apesar do MEXP passar a imagem que eles foram grandes heróis, eles sentiram inseguranças, enfrentaram corajosamente os nazistas, salvando milhares de pessoas”; “Eles apresentaram dificuldades, pela presença dos alemães em um terreno mais alto, pelo frio e neve, a baixa experiência em guerras, entre outras.”; “... muitas desgraças, mas com grande triunfo no combate”; Vitorioso e precário devido aos problemas enfrentados”.

Pode-se concluir através de muitas respostas o quanto os estudantes ficaram impactados com a monitoria do museu, mas também muitos deles entenderam que na monitoria do MEXP foram escolhidos para serem descritos fatos e situações que podiam contribuir para fortalecer determinadas memórias e consequentemente uma identidade heroica. Ao contrário, foram omitidas memórias (muitas vezes pelos próprios veteranos) que pudessem de algum modo macular a imagem dos combatentes como heróis exemplares que não cometeram erros e nem excessos.

Nesse momento foi mencionado para os estudantes que um pensamento muito comum entre os veteranos de qualquer conflito bélico é que muitas das decisões tomadas por uma pessoa no *front* jamais seriam entendidas por alguém que não passou por essa experiência. As escolhas podem se resumir em muitos momentos entre matar ou morrer. E que isto define que memórias devem ser preservadas e quais devem ser ocultadas.

É importante realçar que um representante de cada equipe apresentou as respostas momento que o professor aproveitou para retomar e reforçar alguns pontos apresentados e debatidos durante a mediação, ou mesmo outros que os estudantes até aquele instante ainda não tinham percebido.

Um exemplo foi o acendedor de fogareiro fabricado sobre a supervisão da EMFA e que jamais foi utilizado durante a participação brasileira no conflito. Novamente o kit anti-DST foi lembrado e agora todas as três turmas escutaram o que já havia sido comentado para alguns grupos no museu.

Nas três turmas os alunos destacaram que tinham uma visão completamente diferente da participação brasileira na guerra ou mesmo da realidade vivenciada pelos soldados e que foi muito importante terem visitado o museu do Expedicionário e trabalhado com as fontes em sala de aula. Outros reconheceram que não sabiam quase nada sobre o assunto ou mesmo o desconheciam e que agora estavam ansiosos para contarem para o seus familiares a respeito da experiência que tiveram e do quanto que aprenderam.

Mais uma vez ficou bastante claro que a metodologia desenvolvida possibilitou uma progressão de conhecimentos históricos. Houve uma substancial ampliação dos conhecimentos desde a aula da verificação daquilo que já sabiam sobre o tema e alguns conceitos até a apresentação das respostas da atividade com fontes.

Do mesmo modo, foi reforçado que as memórias apresentadas pelo museu e a sua construção da identidade do combatente brasileiro não estão incorretas, apenas que elas são apenas uma parte da experiência de guerra da FEB, cabendo aos historiadores explorarem outras nuances que podem vir a gerar debates e discussões históricas que contribuirão para a construção do conhecimento histórico.

Em sua grande maioria os estudantes envolvidos conseguiram identificar que tanto exposição de longa duração do MEXP quanto à monitoria que trabalha com este acervo foram organizadas a partir de escolhas e que estas têm relação com as memórias e a história que se busca transmitir aos visitantes. Sendo que elas podem ser melhor compreendidas, relativizadas e ou até mesmo questionadas fazendo uso de outras fontes e estudos de historiadores.

Assim, não se buscou de modo algum questionar os feitos da FEB e de seus combatentes durante o conflito, mas pensar sobre alguns problemas históricos e questões que pudessem de certo modo relacionar o passado e o presente. De maneira que o estudo da participação brasileira neste evento contribuísse para ampliar a leitura do mundo dos estudantes.

Portanto, todos os que se envolveram nessas três etapas: levantamento dos conhecimentos prévios e apresentação das informações e conceitos em sala; monitoria e mediação; e, a análise de fontes históricas; participaram ativamente da produção de conhecimento histórico. Numa experiência que permitiu que os estudantes, tendo acesso a um conjunto de informações, pensassem sobre determinadas problemáticas e consequentemente construíssem coletivamente um conhecimento histórico.

No entanto, este não é de forma alguma um roteiro que obrigatoriamente deve ser seguido à risca, o professor que ao ler este material e se interessar em desenvolvê-lo com os estudantes de suas turmas pode adaptá-lo a outras questões e problemáticas ou até mesmo a outras salas do MEXP. Existe uma grande gama de possibilidades que podem dar boas discussões em sala de aula.

Da mesma forma, o professor que não quiser ou não tiver como deslocar os estudantes ao museu do Expedicionário poderá substituir a visita presencial pelo *tour* virtual disponível no site da instituição, com uma importante ressalva, a visita remota não é narrada o que talvez possa ser minimizado através do uso do “roteiro de visita” e do vídeo institucional que também constam no mesmo endereço eletrônico.

Mesmo entendendo o protótipo didático como algo que somente atingirá os objetivos elencados anteriormente se for aplicado na sua totalidade, é possível a partir de outros objetivos definidos pelo docente utilizar apenas uma ou outra parte dele. Como por exemplo, aproveitar o subitem que abordou os conhecimentos prévios dos alunos para discutir conceitos como *memória, história, lugar de memória e identidade* ou mesmo utilizar as informações da aula expositiva para apresentar a atuação brasileira na guerra e finalizar com uma atividade avaliativa de análise de fontes histórica e discussões historiográficas.

A metodologia aqui desenvolvida, em especial as discussões sobre memória, também podem ser aplicadas para construir planos de aula que envolvam outros museus, mas isso exigirá uma pesquisa apurada a respeito do acervo em exposição, pois é daí que serão elaboradas problemáticas e / ou surgiram espontaneamente a partir das questões apresentadas pelos alunos.

Portanto, é possível que o material desenvolvido nessa pesquisa possa inspirar inúmeras práticas pedagógicas, mas para tanto o professor deve elaborar um bom planejamento e se debruçar na pesquisa do tema, acervo e conceitos de modo a fugir da rotina das aulas essencialmente expositivas, buscando desenvolver a curiosidade de seus estudantes para assim construir coletivamente o conhecimento histórico.

5 CONCLUSÃO

O produto didático apresentado nessa pesquisa nasceu do incomodo gerado pela necessidade de uma mediação no MEXP que estivesse fundamentada no trabalho desenvolvido em sala de aula e no entendimento de que o conhecimento é construído coletivamente. As aulas e a mediação desenvolvidas nessa experiência didática priorizaram o diálogo entre os estudantes e o professor, inspirando questionamentos e o levantamento de hipóteses, podendo ser classificada como um tipo de metodologia ativa.

O produto pedagógico partiu da premissa de que o uso do acervo dos museus e demais fontes históricas sempre deve estar balizada por problemáticas históricas, pois do contrário as intenções didáticas podem se perder no campo das simples curiosidades.

O uso do acervo exposto no MEXP, de relatos de soldados da FEB e de textos de historiadores em sala de aula foi uma experiência muito enriquecedora. No entanto, isso seria irrealizável se não tivesse sido desenvolvida uma pesquisa minuciosa para que cada fonte, texto ou objeto do acervo fosse conhecido de maneira profunda.

Portanto, fundamentalmente o docente que quiser criar um plano de aula que inclua peças de museus e outras fontes históricas deve assumir uma postura de professor-pesquisador, aguçando o seu espírito investigativo na busca de conceitos e informações que permitam o desenvolvimento de uma metodologia que atenda a objetivos muito claros e que contribua decisivamente para a construção do conhecimento histórico e da formação integral dos estudantes.

O protótipo didático promoveu a junção de ideias relacionadas à mediação em museus; conceitos relacionados ao campo da memória e da história; discussões acadêmicas; e, fontes históricas, tudo para pensar a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Num processo que buscou trazer para a linguagem escolar conceitos e conhecimentos debatidos nas universidades. E isto pode ser evidenciado quando uma parte significativa dos alunos compreendeu o MEXP enquanto um *lugar de memória* constituído a partir de um conjunto de intenções que promoveram (e promovem) a perpetuação de determinadas memórias do envolvimento da FEB no conflito.

Aliás, é relevante destacar que ao desenvolver um plano de aula que envolva uma mediação num *lugar de memória* não podem ser negligenciados os interesses que envolveram

as escolhas das memórias divulgadas e também das que foram ocultadas. Entendendo que estas escolhas foram fundamentais para a construção da identidade do combatente da FEB, mas também podem definir a construção de uma versão histórica. Portanto, professor e estudantes devem estar conscientes a respeito das escolhas que definiram a exposição, que de modo algum são neutras. Isto por si só já é uma problemática da história que pode dar à experiência didática uma profundidade ainda maior.

Lembrando que o acervo dos museus e os depoimentos de soldados trazem também uma questão importante para a aprendizagem de crianças e adolescentes, a ludicidade, peça essencial no desenvolvimento humano. A partir destas fontes é possível imaginar, questionar e criar hipóteses. Além do mais, o museu como há muito se sabe é um dos locais que possui maior potencial educativo, que se bem aproveitado pode criar pontes para unir as esferas intelectual e científica com a artística e cultural, idealizando uma formação integral.

O trabalho apresentado não tem a pretensão de ser um roteiro para orientar professores para um único tipo de abordagem pedagógica no MEXP, pelo contrário, existe uma grande diversidade de conceitos e problemáticas que podem ser discutidos com os estudantes, vai das intenções e das leituras de cada professor envolvido. Existe a possibilidade de adaptar o material e atividades aqui expostas a outros temas e problemáticas históricas. O mais importante é não fazer da experiência apenas uma apresentação de conhecimentos dispersos que não estejam envolvidos alicerçados em debates e problemáticas de interesse histórico.

Portanto, a expectativa após a conclusão desse produto didático é que a metodologia nele apresentada consiga de algum modo inspirar outros colegas a realizarem junto com seus alunos imersões pedagógicas que envolvam o acervo do MEXP e a análise de fontes históricas em sala de aula. Mas que, sobretudo, incentivem os professores a criarem novas experiências históricas para os seus estudantes, contrariando o comodismo e a insistência de ficarem presos unicamente aos livros didáticos, plataformas educacionais do estado ou a visitas monitoradas, que muitas vezes não estão em consonância com os seus planejamentos e concepções didáticas e históricas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana M.VASCONCELLOS, Camilo de Melo. Por que visitar museus. In: BITTENCOURT, Circe M. Fernandes (Org) **O Saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

AMARAL, Maria do Carmo. **Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós- Graduação em História, UFPR, Curitiba, 2001. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/29706>. Acessado em 10/09/2020.

ARRUDA, D. C. de. **Impressões de um infante o comando**. In: ARRUDA, D. C. et alli. Depoimentos de oficiais da reserva sobre a FEB Rio DE Janeiro: Cobraci Publicações, 3.ed., 1950.

BETT, Ianko. **Instituições de Memória e a Historiografia Militar: o caso do Museu Militar do Comando Militar do Sul – MMC MS**. Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2023. Acessado em: <http://www.uel.br/cch/his/ISNHM/AnaisPDF/iankobett.pdf>

BETT e SILVA. **O tema da Segunda Guerra Mundial no Museu Militar do CMS: da constituição do acervo à educação museal**. In. O Brasil no Contexto da 2ª GM: Estudos contemporâneos. Wilson de Oliveira Neto, organizador. – Joinville, SC : Editora Univille, 2020. Acessado em: https://www.univille.edu.br/community/novoportal/VirtualDisk.html/downloadDirect/2103378/livro_guerra_final.pdf

BIOSCA, Fernando L. **A intendência no Teatro de Operações da Itália**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1950.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BOULOS, Júnior Alfredo. **História sociedade & cidadania: 9º ano: ensino fundamental: anos finais**. São Paulo: FTD, 2018.

BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB - memórias de um chefe de Estado Maior na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: história** . Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC / SEF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC – Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. **Apresentação-PET**. MEC - Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet>.

CAMPIANI, César. **As trincheiras da Memória: brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. PDF acessado a partir de: 10 fev. de 2023.

CAMPIANI, Cesar. **120 objetos que contam a história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 1 ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2019.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, Estevão Leitão de *A Serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Editora a noite, 1952.

COUTINHO, C. N. **Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

CASTRO, Fernanda Santana Rabello de. **“O que o museu tem a ver com educação?” Educação, cultura e formação integral: possibilidades e desafios de políticas públicas de educação museal na atualidade**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós - Graduação em Educação, UFRJ. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.educação.ufrj.br/dfernandarabello.pdf>. Acessado em 10/06/2020

FARIA, Durland Pupin de. **Mudança de cardápio e impacto cultural: um estudo sobre alimentação da Força Expedicionária Brasileira (1944-1945)**. Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Niterói, 2017.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A Guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira (1945-2000)**. Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Considerações Historiográficas sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: Balanço da produção bibliográfica e suas tendências**. Revista Esboços, v. 22, n. 34, p. 207-232, Florianópolis, 2016. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2014v22n34p207>

FLORES, Rodrigo Musto. **O jogo de luz e sombras: os usos e abusos de uma memória sobre a Força Expedicionária Brasileira (1945 – 2019)**. Dissertação de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2019. Disponível em: <https://locus.ufv.br/handle/123456789/27574> Acessado em: 29/07/2020.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 2010.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

IBRAM, **Caderno da Política Nacional de Educação Museal (PNEM)**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf%20>. Acessado em 20/06/2020.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. **História, ensino e pesquisa em museus: uma experiência no Museu Histórico Regional (MHR)**. In: Aedos, nº 12 vol. 5 - Jan/Jul 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

_____. A História do cotidiano. In: **História e Nova História**. 2. Edição. Lisboa: Teorema. pp.73-82.

LISSAGARAY, P. O. **História da comuna de 1871**. Lisboa: Edições Dinossauro, 1995.

MARANDINO, Martha (org.). **Educação em museus: mediação em foco**. Geenf / FEUSP, São Paulo, 2008.

MAXIMIANO, C. C. OLIVEIRA, D. de. **Raça e Forças Armadas: o caso da campanha da Itália (1944/45)**. Estudos de História. UNESP, Franca. v.8, n.1. p. 155-182, 1994-2001.

MENDES, Ubirajara Dolácio. **Soldado com fome não briga**. In: ARRUDA Demócrito Cavalcanti de (org.) Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A. 1950, p. 241

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Do teatro da memória ao laboratório de história: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. Resposta aos comentários. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 3, jan./dez.1995.

MEXP, **Plano Museológico (2020-2023)**. Ministério da Defesa – Exército Brasileiro, 2020. Disponível em:

https://museudoexpedicionario.5rm.eb.mil.br/images/PlanoMuseologico/Plano_Museologico_MEXP_2020-2023.pdf Acessado em 15/01/2024.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Exército Brasileiro**. Brasília, 2015. Disponível em:

<https://www.eb.mil.br/web/guest>. Acessado em 15/07/2024.

MORAES, Joao Baptista Mascarenhas de. **A FEB por seu comandante**. São Paulo: Progresso, 1947.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: Revista Projeto História. Nº 10. São Paulo: Pontificia Universidade Católica de São Paulo, 1993, pp.7-28. Disponível em: <https://revistas.puc.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em 08/09/2020.

OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança Brasil – EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Juruá, 2015.

_____. **Documentos Aliança Brasil EUA 2015**. Imagem 13g disponível em https://drive.google.com/drive/folders/0B4_vcLWzR_oufkN5ZXFHMUYwaUNiMmhwY1BHYm04X3RTaUZ_LcEM5N1hfaGMtbk5DZlVqTGs Acessada em 12/06/20

_____. **Documentos Armas EUA EB IIGM, 2015**. https://drive.google.com/drive/u/1/folders/0B4_vcLWzR_ouUHFwBbEFZUzV6OGM Acessada em 12/06/2023

_____. **Para entender a Segunda Guerra Mundial: síntese histórica.** Curitiba, Juruá, 2020.

_____. **O combatente melhor alimentado da Europa”: a alimentação da Força Expedicionária Brasileira e a aliança Brasil-EUA durante a Segunda Guerra Mundial (1943-1945).** Revista Esboços, Florianópolis, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2016v22n34p116> Acessado em 29/05/2024.

OLIVEIRA, Dennison de (Org.). **Guia do Museu do Expedicionário.** Curitiba, 2012. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/14717986/guia-do-museu-do-expedicionario-2012-universidade-federal-do> Acessado em: 04/06/2023

_____. **Memória, Museu e História – Centenário de Max Wolff Filho e o Museu do Expedicionário.** Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/porta/historia/files/2013/01/livro_memoria_museu_historia.pdf Acessado em 04/06/2023

PARANÁ. **Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações.** SEED – PR – Secretaria de Educação do estado do Paraná, 2018. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial_curricular_para_na_cee.pdf Acessado em 03/02/2024.

PEREIRA, Eugenio Bento Buzo, et al. **Museus e sua utilização como recursos metodológico no ensino fundamental para a construção dos conceitos de cidadania.** Connecti on line Revista eletrônica da UNIVAG n. 25, 2021. Disponível em: <https://periodicos.univag.com.br> Acessado em: 10/07/2022.

PINTO, Henrique de Moura Paula. O fogareiro da FEB. **Blog O resgate Força Expedicionária Brasileira,** Brasília, 26 de ago. de 2011. Disponível em: <https://henriquempffeb.blogspot.com/2011/08/fogareiro-usado-pela-feb.html> Acessado em 24/01/2024.

_____. **A alimentação da FEB. Blog O resgate Força Expedicionária,** Brasília, 2 de set. de 2011. Disponível em: <https://henriquempffeb.blogspot.com/2011/09/alimentacao-da-feb.html> Acessado em: 27/01/2024.

PIOVESAN, Adriane. **Representações da Morte no Museu do Expedicionário.** In: **Memória, Museu e História – Centenário de Max Wolff Filho e o Museu do Expedicionário.** Rio de Janeiro, 2012.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: Estudos Históricos, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

POSSAMAI, Zita. **O ofício da história e novos espaços de atuação profissional**. In Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, 2008.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: O museu no ensino de História**. Chapecó: Argos. 2004.

ROSA, Alessandro dos Santos. **A reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)**. Dissertação de mestrado, UFPR, Curitiba, 2010. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24970>. Acessado em 15/08/2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTIAGO JR. Francisco das Chagas Fernandes. **Dos lugares de memória ao patrimônio: emergência e transformação da 'problemática dos lugares'**. Projeto História, São Paulo, 2015. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/21370/18609>

SILVEIRA, J. X. da. **Cruzes Brancas: diário de um pracinha**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1963.

SAVAL, Priscila Ervin. **Chega de Nabisco na lata! Queremos arroz, feijão e farinha no prato: alimentação da FEB na 2GM**. Revista Latino americana de História – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo - RS, v:8, n. 22, agosto / dezembro de 2019. Disponível em: <https://revistas.unisinos> Acessado em: 27/01/2024.

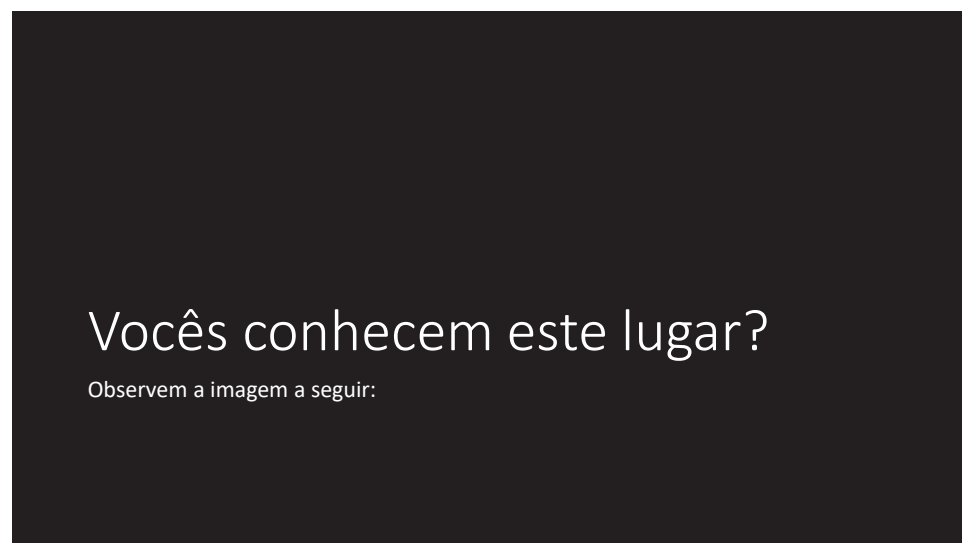
TINOCO, Ismael. **A História do cotidiano: uma análise conceitual**. In: Revista Acadêmica – Historien, UPE – Campus Petrolina. Acessado em: https://www.academia.edu/12270175/A_HIST%C3%93RIA_DO_COTIDIANO_UMA_ANALISE_CONCEITUAL?email_work_card=view-paper Acessado em: 05/01/ 2024.

ANEXO 1- PLANO DE AULA

PLANO DE AULA		
Professor: Anderson Fagundes de Moura		
Tema: Segunda Guerra Mundial. Totalitarismos e conflitos mundiais (conforme a Unidade Temática do CREP)	Disciplina: HISTÓRIA	Ano/Série: 9º ANO – Ensino Fundamental
Objetos de Conhecimento: A Segunda Guerra Mundial	Conteúdos: Segunda Guerra Mundial - A participação do Brasil no conflito.	Objetivos de Aprendizagem: (PR. EF09HI13) Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto), compreendendo os movimentos de luta e resistência a esses regimes, bem como os impactos políticos, sociais e econômicos causados pela Segunda Guerra Mundial para o Brasil e o mundo.
Encaminhamentos Metodológicos: <ul style="list-style-type: none"> • 1º Passo: mostrar a imagem da praça e da fachada do Museu do Expedicionário de Curitiba. Indagar os estudantes a respeito da imagem: “Conhecem este lugar?” • 2º Passo: identificar a praça e o museu como um espaço (lugar) que busca preservar a memória do Brasil na Segunda Guerra. • 3º Passo: explorar contexto brasileiro na época e o que motivou a entrada do Brasil no conflito. • 4º Passo: apresentar aos alunos algumas características, curiosidades e adversidades enfrentadas pelos pracinhas brasileiros. • 5º Passo: para se aprofundar no tema sugerir uma visita virtual ao Museu do Expedicionário. Endereço virtual: https://zzeit.com.br/post/visita-virtual-no-museu-do-expedicionario-em-curitiba 		
Recursos Didáticos/Digitais/ Bibliografia: <ul style="list-style-type: none"> • Jogo de slides (em powerpoint). • AMARAL, Maria do Carmo. Museu do Expedicionário: um lugar de memórias. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós- Graduação em História, UFPR, Curitiba, 2001. • BOULOS, Júnior Alfredo. História sociedade & cidadania: 9º ano: ensino fundamental: anos finais. São Paulo: FTD, 2018. • CAMPIANI, César. As trincheiras da Memória: brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. PDF acessado a partir de: 10 fev. de 2023. • CANDAU, Joël. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2011. • CREP : Currículo da Rede Estadual Paranaense (anos finais). • BNCC: Brasil. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. 		

ANEXO 2- SLIDES DA AULA EXPOSITIVA

https://docs.google.com/presentation/d/1Fc_xKDiVvprMYEH0UkwVhV5yRS6nPejqUmXdY3e5Hb0/edit?usp=drive_link



ANEXO 3-ATIVIDADE: CRUZANDO INFORMAÇÕES

Tema: Alimentação da Força Expedicionária Brasileira

Origem e tipo da fonte histórica: documento do Exército dos Estados Unidos da América.

Memorando para o Coronel Milton A. Hill, GSC. 25.02.1944.

Tema: Resposta ao questionário preparado para sua viagem brasileira, remetido pelo Coronel R. H. Hobbs, GSC, Rio

“Como você sabe, estamos planejando suprir a Força Expedicionária Brasileira com todos seus suprimentos, incluindo comida se possível. O Departamento de Guerra Brasileiro está agora estudando a possibilidade da FEB usar exclusivamente nossa ração. Neste sentido, os oficiais e convocados da FEB estão sendo alimentados com uma ração similar à nossa, vários dias por semana, como uma experiência. Se isso não funcionar será necessário suprir a FEB com arroz, feijão e carne-seca, preferivelmente de origem brasileira. Alguns suprimentos podem ser transportados se houverem porções disponíveis.”²³¹

Origem e tipo da fonte histórica: Brasil – depoimentos de ex-combatentes para historiador.

“Foi só com o tempo, pelo sistema de ensaio e erro, com muito boa vontade e o auxílio de intérpretes – que traduziam as receitas impressas nas latas e pacotes – que os pracinhas designados para o nosso rancho aprenderam a cozinhar. A alimentação, quantitativa e qualitativamente, passou a ser soberba. Numa só refeição tínhamos feijão branco com batatas, purê de batatas, fritadas de ovos com presunto, bolinhos de carne, vagens, pão branco acompanhado de uma geléia, creme de amendoim ou manteigas, sobremesa de frutas em calda, café com leite. E a variação era grande entre os pratos salgados: milho verde cozido, ervilhas, macarrão, ensopados de carne, beterrabas, nabos ou cenouras em pedaços, queijo amarelo, espinafre, etc. Uma vez ou outra, em vez de carne de vaca, recebíamos peru ou galinha. Grande parte desses alimentos vinha, geralmente, já preparada e em latas, bastando aquecer. As frutas em calda também variavam: maçãs, peras, abacaxis, pêssegos, damascos, ameixas, “cocktail” de frutas. Adicionados a isso tudo, vinham sempre sucos de laranja, abacaxi, “grape-fruit” ou tomate. Nunca pudemos tolerar esses dois últimos. (Num parêntese: depois de um ano deste regime, não é de admirar que os pracinhas, de volta ao Rio, tivessem assomos de

²³¹ OLIVEIRA, Dennison de . **Documentos Aliança Brasil EUA 2015**. Imagem 13g disponível em https://drive.google.com/drive/folders/0B4_vcLWzR_oufkN5ZXFHMUYwaUNiMmhwYIBHYm04X3RTaUZ_LcEM5N1hfaGMtbk5DZlVqTGs Acessada em 12/06/2023

revolta, quando lhes serviram, no rancho, o já conhecido feijão preto, bichado, arroz em papa e jabá com mau odor).”²³²

*“Pois apesar de tal riqueza no cardápio, o soldado brasileiro sentia falta do feijão-com-arroz e farinha. E somos obrigados a admitir que, ao menos nisso, houve alguma providência por parte dos organizadores da FEB: uma certa quantidade de feijão, arroz e farinha era distribuída às companhias para o rancho. Nos primeiros tempos, comíamos feijão-com-arroz todos os dias. Com o tempo, porém e principalmente com a chegada sucessiva de outros escalões, parece que o suprimento foi se esgotando. De modo que, pelo fim da guerra, o prato brasileiro só era servido uma ou duas vezes por semana”.*²³³

“... podia já naquele momento a Intendência Divisionária informar que em visita feita aos S-4 das unidades da frente:

Opinaram pelo regime de alimentação exclusivamente brasileira: Esquadrão de Reconhecimento, Cia. de Transmissões, 1º Batalhão de Saúde, 2º Grupo de Artilharia, 4º Grupo de Artilharia e 6º Regimento de Infantaria;

Opinaram pelo regime de alimentação mista: 1º Regimento de Infantaria, 11º Regimento de Infantaria, 1º Grupo de Artilharia, 3º Grupo de Artilharia e 9º Batalhão de Engenharia.”²³⁴

MEXP – expositor cotidiano do combatente

- a) A que contexto ou questão as fontes se referem?
- b) No MEXP, o acervo exposto na sala “dia a dia do combatente” explora a aquisição de rações e equipamentos de guerra dos EUA? Cite alguns objetos expostos.
- c) As fontes escritas apresentam alguma divergência em relação ao que foi apresentado e visualizado no MEXP? Qual?
- d) As memórias que o MEXP procura transmitir a partir da exposição de longa duração e da monitoria contribuem para a construção de uma imagem (identidade) dos pracinhas da FEB? Como vocês podem descrever essa imagem (identidade)? Qual é a imagem do ex-combatente

²³² MENDES, Ubirajara Dolácio. *Soldado com fome não briga*. In: ARRUDA (1950) p. 241

²³³ MENDES, loc. cit.

²³⁴ BIOSCA, Fernando L. *A intendência no Teatro de Operações da Itália*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1950, pp.196-197

transmitida pelo MEXP.

- e) As memórias transmitidas pelo MEXP procuram apresentar uma determinada história da FEB (ou versão histórica). A partir do que vocês viram e ouviram no museu, como essa versão pode ser descrita?
- f) É possível questionar e quem sabe complementar essa versão histórica? Como?
- g) A partir dos conhecimentos adquiridos no MEXP e da análise das fontes históricas, como vocês poderiam descrever o combatente brasileiro da FEB?

Sugestão de Gabarito

- a) A que contexto ou questão as fontes se referem? (valor 0.2)

R: guerra, treinamento e equipamento da FEB

- b) No MEXP, o acervo exposto na sala “Dia a dia do combatente” explora a aquisição de rações e equipamentos de guerra dos EUA? Cite alguns objetos expostos. (valor: 0.3)

R: Sim. No expositor: creme de barbear, pó dental, fósforos, isqueiros, cachimbo, cigarros, talco para os pés, , embalagem de cigarros, loção inseticida, graxa de sapatos, purificador de água, tablets de açúcar, ração K para o café da manhã, ração K para a ceia, kit individual de profilaxia para doenças venéreas, canivete, comprimido para combustão, kit de primeiros socorros, solução para irritações causadas por fumaça nos olhos e nariz, papel higiênico; fora do expositor: fogão de campanha; e, na vitrine uma representação de um acampamento de inverno no *front* italiano (barraca, saco de dormir, trajes especiais de inverno/camuflagem e esquis).

- c) A fonte escrita apresenta alguma divergência em relação ao que foi apresentado e visualizado no MEXP? Qual? (valor; 0.3)

R: Sim. O MEXP não informa sobre o fornecimento de arroz, feijão e jabá pelo governo brasileiro. Somente é destacada a aquisição de rações estadunidenses.

- d) As memórias que o MEXP procura transmitir a partir da exposição de longa duração e da monitoria contribuem para a construção de uma imagem (identidade) dos pracinhas da FEB? Como vocês podem descrever essa imagem (identidade)? Qual é a imagem do ex-combatente transmitida pelo MEXP. (valor: 0.3)

R: Sim. Uma imagem heroica de soldados que seguiram as ordens muito bem arquitetadas pelos comandantes da FEB.

- e) As memórias transmitidas pelo MEXP procuram apresentar uma determinada história da FEB (ou versão histórica). A partir do que vocês viram e ouviram no museu, como essa versão pode ser descrita? (valor: 0.3)

R: A versão histórica construída a partir das memórias escolhidas pela FEB é a de que apesar do pouco treinamento recebido pelos soldados o desempenho brasileiro foi

eficiente e heroico. Isso graças à experiência adquirida em combate, à garra dos combatentes, ao “jeitinho” brasileiro e à eficiência dos comandantes da FEB.

- f) É possível questionar e quem sabe complementar essa versão histórica? Como? (valor:0.3)

R: Fazendo uso de outras fontes históricas, em especial os relatos dos ex-combatentes e artigos científicos.

- g) A partir dos conhecimentos adquiridos no MEXP e da análise das fontes históricas como vocês poderiam descrever o combatente brasileiro da FEB. (valor:0.3)

R: Pessoal

TEMA: Condições climáticas

Tipo e origem da fonte histórica: dissertação de historiador brasileiro.

“O fox-hole ²³⁵ tornava-se o lar do soldado de infantaria. Se um soldado acreditasse que fosse permanecer numa posição por um tempo que justificasse o dispêndio de energia, procurava, se possível, amenizar a falta de conforto por meio de melhorias em seu abrigo. Os fox-holes eram aprofundados e forrados com feno, reforçados com sacos de juta cheios de terra, pedras, troncos de árvore e telhas de metal corrugado, se disponíveis. Tais precauções permitiam uma sensação relativa de maior segurança, sendo ineficazes somente contra um impacto direto de granada.” ²³⁶

Tipo e origem da fonte histórica: depoimentos de ex-combatentes da FEB.

“Ali o senhor tinha que ficar três, quatro metros abaixo da terra, que a gente cavava. E ali a gente tinha que trabalhar. Se não trabalhasse e se protegesse, ainda caía muita neve. Por isso o senhor tinha que ficar protegido. Castanheira, eucalipto, o senhor cortava com um serrote pequeno, e serrávamos, serrávamos e serrávamos para servir a gente. Mas uma granada de canhão arrebenta aquilo. Então o senhor cobria, punha neve em cima, e tinha a porta, o senhor saía, fazia um serviço de guarda durante uma hora, o outro vinha para a casamata, ele ficava lá, de acordo com a escala. E de noite sempre surgiam essas escaramuças. Tinha um pára-quedas, que sustenta aquelas granadas de luz, e inclusive o pessoal pode metralhar com aquilo, porque clareia o terreno. E quando a gente via de lá, aí que a gente podia deitar um pouquinho, mas deita com roupa, com tudo, do jeito que tava. Se tem uma xícara de café só, às vezes tinha um tabletinho de açúcar, um ou outro tinha um cafezinho, juntavam todos, fazia uma xícara de café, cada um bebia um golinho. O cigarro também. Se tivesse um cigarro só, todos experimentavam.” ²³⁷

²³⁵ Espécie de trincheira individual cavada pelo soldado de infantaria, se possível cavado na contra encosta de um morro para se proteger de tiros diretos.

²³⁶ CAMPIANI, Cesar. **As trincheiras da Memória, brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945**. São Paulo, 2004, p. 123.

²³⁷ João Sebastião Domingues, entrevista. São Paulo, 1999.

*"Você enfiava um alfinete na mão, atravessava do outro lado, e você não sentia nada. Quando olhava para a frente, vinha aquela areia de neve. Não cegava a gente, mas você não enxergava nada, endurecia o rosto, você não enxergava".*²³⁸

Além do desconforto físico, o frio podia comprometer a eficiência do combatente: Santo Torres temia enregelar a mão e não poder usar sua metralhadora:

*"Quando você ficava muito tempo na trincheira, se tirasse a luva, os dedos gelavam e endureciam, então você precisava ficar esfregando as mãos para poder enfiar o dedo no gatilho".*²³⁹

*"Não se dormia, não se tomava banho, não se podia fazer barba, não se trocava meia"*²⁴⁰

"Nós também recebemos roupa do Brasil. Uma mescla muito grossa, forte, agasalhava bastante. Cobertores também foram daqui. Agora, lá, a gente tinha blusa, combat boot que não deixava entrar umidade, além disso ela tinha uma meia desse tamanho, americana também, grossa. E nacional também tinha. Por fora do combat boot. As ocasiões de recordação da permanência nos fox-holes são amplamente compartilhadas pelos veteranos, tanto oficiais como praças.

*"Dar serviço de sentinela, na linha de frente, não é tarefa agradável. Quando chove, os pés ficam gelados, amassando barro no fundo da trincheira; e o capote, que absorve a chuva como um mata-borrão, se transforma em verdadeiro refrigerador, além de que passa a pesar algumas toneladas. Quando neva, os pés ficam duros, insensíveis; o nariz fica feito um pimentão e destilando água; as orelhas chegam a doer, de frio; os dedos se tornam pétreos pelo congelamento, de modo que, se o inimigo se aproxima, pega-nos praticamente sem reação, porque dificilmente podemos comprimir a tecla do gatilho."*²⁴¹

Com grande frequência as recordações são balizadas pela presença da lama que abundava nas posições. Um poema de autoria de "Saco A", da 5a Cia. do 6o R.I. tinha a seguinte estrofe:

²³⁸ Armando Ferreira, entrevista. São Paulo, 1992.

²³⁹ Santo Torres, entrevista. São Paulo, 1992.

²⁴⁰ Ferdinando Palermo, entrevista. Campinas, 2002.

²⁴¹ Mendes, U.D. *Brasileiros na Guerra (Zé Silva na F.E.B.)* op. cit. p. 127.

Tipo e origem da fonte histórica: poesia anônima escrita na Itália por um ex-combatente brasileiro.

(...)

São vozes muito sumidas

São vozes entrecortadas

Pelo fragor das granadas

Sobre as linhas brasileiras.

São homens sujos, cansados,

Barbudos e enregelados

Na lama – luz das trincheiras

(...)”²⁴²

MEXP – expositor cotidiano do combatente:

- a) A que contexto ou questão as fontes se referem?
- b) No MEXP, o acervo exposto na sala “dia a dia do combatente” explora o aspecto climático e topográfico enfrentado pelos pracinhas? Cite alguns desses objetos e imagens visualizados no MEXP.
- c) As fontes escritas apresentam alguma divergência em relação ao que foi apresentado e visualizado no MEXP? Se a resposta for afirmativa qual seria?
- d) As memórias que o MEXP procura transmitir a partir da exposição de longa duração e da monitoria contribuem para a construção de uma imagem (identidade) dos pracinhas da FEB? Como vocês podem descrever essa imagem (identidade)? Qual é a imagem do ex-combatente transmitida pelo MEXP.
- e) As memórias transmitidas pelo MEXP procuram apresentar uma determinada história da FEB (ou versão histórica). A partir do que vocês viram e ouviram no museu, como essa versão pode ser descrita?
- f) É possível questionar e quem sabe complementar essa versão histórica? Como?
- g) A partir dos conhecimentos adquiridos no MEXP e da análise das fontes históricas, como vocês poderiam descrever o combatente brasileiro da FEB?

Sugestão de Gabarito

- a) A que contexto ou questão as fontes se referem? (valor:0.2)

²⁴² Saco A (5ª Cia.) *Profissão de Fé. ...E a Cobra Fumou!* Gaggio Montano: 31 de março de 1945.

R: Guerra, treinamento e equipamento da FEB

- b) No MEXP, o acervo exposto na sala “dia a dia do combatente” explora o aspecto climático e topográfico enfrentado pelos pracinhas? Cite alguns desses objetos e imagens visualizados no MEXP. (valor: 0.3)

R: Sim. Isso está presente nas fotos de soldados na neve fazendo uso de equipamento de combate para o frio, nas tipografias com informações sobre as peças em exposição e na vitrine com a representação de um acampamento de inverno no *front* italiano (barraca, saco de dormir, trajes especiais de inverno/camuflagem e esquis).

- c) As fontes escritas apresentam alguma divergência em relação ao que foi apresentado e visualizado no MEXP? Se a resposta for afirmativa qual seria? (valor: 0.3)

R: Não. No entanto, as informações sobre o tema não foram abordadas de maneira satisfatória durante a monitoria na “sala dia a dia do combatente”, as imagens de soldados em posição de combate e do transporte de equipamentos em terreno nevado ou mesmo do acampamento de inverno não foram mencionados.

- d) As memórias que o MEXP procura transmitir a partir da exposição de longa duração e da monitoria contribuem para a construção de uma imagem (identidade) dos pracinhas da FEB? Como vocês podem descrever essa imagem (identidade)? Qual é a imagem do ex-combatente transmitida pelo MEXP. (valor: 0.3)

Sim. Uma imagem heróica de soldados que seguiram as ordens muito bem arquitetadas pelos comandantes da FEB.

- e) As memórias transmitidas pelo MEXP procuram apresentar uma determinada história da FEB (ou versão histórica), a partir do que vocês viram e ouviram no museu como ela pode ser descrita? (valor: 0.3)

R: A versão histórica construída a partir das memórias escolhidas pela FEB é a de que apesar do pouco treinamento recebido pelos soldados o desempenho brasileiro foi eficiente e heroico. Isso graças à experiência adquirida em combate, à garra dos combatentes, ao “jeitinho” brasileiro e à eficiência dos comandantes da FEB.

- f) É possível contestar e quem sabe complementar essa versão histórica? Como? (valor: 0.3)

R: Fazendo uso de outras fontes históricas, em especial os relatos dos ex-combatentes e artigos científicos.

- g) A partir dos conhecimentos adquiridos no MEXP e da análise das fontes históricas, como vocês poderiam descrever o combate brasileiro da FEB? (valor: 0.3)

R: Pessoal

Tema: racismo

Origem e tipologia da fonte histórica: Brasil - Artigo científico de historiador .

“A 1ª Divisão de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que lutou nos campos da batalha da Itália na Segunda Guerra Mundial foi a única tropa racialmente integrada empregada em combate naquele front qualquer outro. Naquela mesma frente, lutaram divisões de infantaria das mais diversas nacionalidades, como os norte-americanos, ingleses e franceses. Dentre aqueles primeiros, cabe destacar a sua política oficial de segregação racial: brancos e negros jamais lutavam juntos, havendo uma unidade específica para os negros (a 92ª Divisão de Infantaria que lutou na Itália; houve também a 93ª DI que lutou no Pacífico), bem como um regimento composto inteiramente de descendentes de japoneses (o 447º Regimental Combat Team). Nestas formações, os cargos de oficial eram preenchidos predominante ou totalmente por brancos, cabendo às outras raças compor o grosso do efetivo da tropa. Dentre as tropas coloniais empregadas na Itália por ingleses e franceses, o padrão se repetia: os indianos, marroquinos, senegaleses etc. compunham várias divisões, mas nestas os cargos de oficial eram reservados aos brancos, geralmente nascidos na metrópole. O Exército Britânico convocou e aceitou como voluntários cerca de 750.000 soldados de várias partes da África. A grande maioria deste contingente atuou em serviços de retaguarda, recebendo pagamento inferior ao dos britânicos brancos que desempenhavam tarefas semelhantes. Pela dimensão que ganhou a segregação racial nas tropas aliadas, esta dificilmente passaria despercebida dos brasileiros que com elas lutaram... os postos de oficiais destas divisões eram em boa medida restritos aos brancos. De fato, até a Segunda Guerra Mundial apenas dois oficiais de cor foram graduados na Academia Militar de West Point. Mais ainda, até a ascensão profissional dos negros a postos de oficialato no serviço de campanha foi também drasticamente limitada. Por exemplo, na 93ª Divisão (também uma unidade segregada) estabeleceu-se que os negros poderiam ocupar no máximo o posto de segundo tenente, transferindo-se automaticamente (se e quando isso corresse) para outra unidade qualquer negro que ultrapassasse esta graduação... Apesar do preconceito contra os negros ser bastante arraigado entre os soldados americanos brancos, principalmente os do sul dos Estados Unidos, durante a guerra ocorreram manifestações de repúdio à segregação entre os soldados negros e uma minoria de brancos liberais, que ecoaram no órgão de imprensa mais lido entre os soldados americanos. O Exército Americano possuía uma publicação oficial em formato de revista chamada Yank. Na edição de abril de 1944, o cabo (negro) Rupert Timmingham enviou a seguinte carta a redação: "Aqui está a pergunta que todo soldado Negro está fazendo: Pelo que o Negro está lutando? Do lado de quem nós estamos?" Timmingham se lembra que ainda no sul dos Estados Unidos, antes de embarcar no trem que os levaria para o porto de embarque para a Europa, seu grupo foi proibido de entrar numa

lanchonete (segregada, de uso exclusivo dos brancos) para tomar um café, cujo gerente os indicou a porta dos fundos caso quisessem comprar algo. No entanto,

... cerca de vinte prisioneiros de guerra alemães, com dois guardas americanos, chegaram à estação ferroviária. Eles entraram na lanchonete, sentaram-se às mesas, foram atendidos, conversaram fumaram, na verdade eles se divertiram para valer. Eu fiquei do lado de fora olhando e não pude evitar de pensar porque eles são tratados de forma melhor do que nós. Por que nós somos empurrados de lado como gado? Se nós estamos lutando pela mesma coisa se nós temos que morrer pelo nosso país, por que então o governo deixa estas coisas acontecerem? Alguns dos rapazes acham que vocês não vão publicar esta carta. Eu acho que vão. (Apud AMBROSE, 1997).²⁴³

Origem e tipologia da fonte histórica: livros de memórias de ex-combatentes brasileiros.

“Havia de tudo: trabalhadores braçais, motoristas de caminhão, de praça, caixeiros viajantes vendedores ambulantes e malandros. Cada um deles me contava a sua vida, cada vida era um chorrilho de lutas e um trecho de Zola, e cada história era para mim uma lição que nunca mais esquecerei... Eles são o povo, e, se já não o era, posso dizer que passei a ser um deles, porque vivi entre eles, sofrendo, curtindo saudades, e tive a ventura de ser-lhes igual. Não havia distinção nem de educação nem de cor; éramos todos pracinhas. A guerra tem seu lado bom, ele me fez ver que todos têm qualquer coisa para se admirar. Os homens, não importa se pobres ou ricos, brancos ou pretos, num determinado momento, são todos iguais perante os próprios homens e perante Deus.²⁴⁴

A vizinhança daquela Divisão de negros americanos levava-nos a meditar sobre a realidade brasileira, em comparação com o que víamos. Ali estava concretizada a perigosa discriminação racial, como grave interrogação para o futuro. De nossa parte, uma diferença fundamental. A 1ª Divisão brasileira, agora na plenitude de seus meios, era uma antítese perfeita, de vez que nas suas fileiras se alinhavam oficiais e praças de todos os recantos do imenso Brasil. Não se discutiam suas origens, nem traziam no coração ressalvas de lutas de famílias, de conflitos raciais ou de competições regionais. Todos estavam unidos pela mesma origem geo-humana e pelo mesmo processo histórico de integração. Isto dava uma grande tranquilidade ao Comando e ao Estado-Maior Divisionário, apesar de ser um RI de São Paulo (6º RI), outro de Minas Gerais (11º RI) e outro, finalmente, do Rio de Janeiro (1º RI). A mesma coisa se poderá dizer das unidades de Artilharia e de Engenharia, esta originária do Mato Grosso longínquo. O sentimento de Pátria era um só. Era bem o tradicional simbolismo da unidade nacional, através de um idioma único, e de uma religião - poderoso elo - da imensa maioria do povo brasileiro. Deus permita que a Nação brasileira jamais esqueça esse ensinamento”.²⁴⁵

²⁴³ OLIVEIRA, Dennison de. **Documentos Armas EUA EB II GM, 2015**
https://drive.google.com/drive/u/1/folders/0B4_vcLWzR_ouUHFwBwEFZUzV6OGM Acessada em 12/06/2023

²⁴⁴ SILVEIRA, J. X. da. Cruzes Brancas: diário de um pracinha. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1963, pp. 38-39.

²⁴⁵ BRAYNER, Floriano de Lima. A verdade sobre a FEB - memórias de um chefe de Estado Maior na Campanha da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p.177.

*“Em 1943, quando o nosso Regimento foi designado para fazer uma demonstração física em São Paulo e se tratou da seleção e organização das turmas componentes, veio uma ordem surpreendente, partida de um General: "tirem fora os negros!" A ordem não foi cumprida, mas houve uma posterior, recomendando colocá-los no meio das turmas, evitando a testa e as pontas. Igual espetáculo ocorreu no Rio em março de 1944, quando se preparava um desfile da infantaria expedicionária. Nas vésperas da sua realização, lá veio do mesmo Comandante, já nosso conhecido, a ordem: "Excluem os negros!" O problema era que, excluídos os negros - e por aproximação, também os cafuzos, os mulatos, os morenos, etc. - pouco restaria da nossa infantaria. A ordem, mais uma vez, foi descumprida.”*²⁴⁶

MEXP – expositor “Dia a dia do combatente”:

- a) A que contexto ou questão as fontes se referem?
- b) No MEXP, o acervo exposto na sala “dia a dia do combatente” explora a questão do racismo? Vocês identificaram nas outras salas do MEXP alguma imagem / foto que contava com a presença de soldados negros?
- c) As fontes escritas apresentam alguma divergência em relação ao que foi apresentado e visualizado no MEXP? Se a resposta for afirmativa qual seria?
- d) As memórias que o MEXP procura transmitir a partir da exposição de longa duração e da monitoria contribuem para a construção de uma imagem (identidade) dos pracinhas da FEB? Como vocês podem descrever essa imagem (identidade)? Qual é a imagem do ex-combatente transmitida pelo MEXP.
- e) As memórias transmitidas pelo MEXP procuram apresentar uma determinada história da FEB (ou versão histórica)). A partir do que vocês viram e ouviram no museu, como essa versão pode ser descrita?
- f) É possível questionar e quem sabe complementar essa versão histórica? Como?
- g) A partir dos conhecimentos adquiridos no MEXP e da análise das fontes históricas, como vocês poderiam descrever o combate brasileiro da FEB?

Sugestão de Gabarito

- a) A que contexto ou questão as fontes se referem? (valor: 0.2)

R: guerra, treinamento e equipamento da FEB

- b) No MEXP, o acervo exposto na sala “dia a dia do combatente” explora a questão do racismo? Vocês identificaram no MEXP alguma imagem / foto que contava com a presença de soldados negros? (valor:0.3)

R: Sim. A presença de soldados negros é identificada em fotos (ex. foto do “Bascuia”).

- c) As fontes escritas apresentam alguma divergência em relação ao que foi apresentado e

²⁴⁶ ARRUDA, D. C. de. Impressões de um infante o comando. In: ARRUDA, D. C. et alli. Depoimentos de oficiais da reserva sobre a FEB Rio de Janeiro: Cobraci Publicações, 3.ed., 1950, p 70.

visualizado no MEXP? Se a resposta for afirmativa qual seria? (valor: 0.3)

R: Sim. O tema racismo não é explorado no MEXP, reforçando a ideia de que na tropa brasileira, diferentemente da estadunidense, prevalecia uma certa democracia racial.

- d) As memórias que o MEXP procura transmitir a partir da exposição de longa duração e da monitoria contribuem para a construção de uma imagem (identidade) dos pracinhas da FEB? Como vocês podem descrever essa imagem (identidade)? Qual é a imagem do ex-combatente transmitida pelo MEXP. (valor: 0.3)

R: Sim. Uma imagem heroica de soldados que seguiram as ordens muito bem arquitetadas pelos comandantes da FEB.

- e) As memórias transmitidas pelo MEXP procuram apresentar uma determinada história da FEB (ou versão histórica). A partir do que vocês viram e ouviram no museu como essa versão pode ser descrita? (valor: 0.3)

R: A versão histórica construída a partir das memórias escolhidas pela FEB é a de que apesar do pouco treinamento recebido pelos soldados o desempenho brasileiro foi eficiente e heroico. Isso graças à experiência adquirida em combate, à garra dos combatentes, ao “jeitinho” brasileiro e à eficiência dos comandantes da FEB.

- f) É possível questionar e quem sabe complementar essa versão histórica? Como? (valor: 0.3)

R: Fazendo uso de outras fontes históricas, em especial os relatos dos ex-combatentes e artigos científicos.

- g) A partir dos conhecimentos adquiridos no MEXP e da análise das fontes históricas, como vocês poderiam descrever o combatente brasileiro da FEB? (valor: 0.3)

R: Pessoal

ANEXO 4- OFÍCIO MEXP – NÃO DIVULGAÇÃO DOS DOADORES DAS PEÇAS DO ACERVO



Ofício n. 002/2023

Curitiba, 13 de julho de 2023

1. O Museu do Expedicionário comunica através deste que foi autorizado ao Sr. Anderson Fagundes de Moura, portador do CPF nº 875.551.239-91, discente do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal do Paraná, a pesquisa em documentos relativos ao acervo desta instituição para contribuir com a produção de sua dissertação intitulada "História e Memória da FEB: mediação no Museu do Expedicionário e ensino de história".
2. Os documentos pesquisados foram digitalizados e encaminhados ao referido pesquisador através do endereço eletrônico "anderfagumoura@gmail.com".
3. Afirmamos que as informações compartilhadas deverão ser utilizadas apenas para fins de pesquisa e produção de trabalhos científicos.
4. O pesquisador não está autorizado a divulgar o nome dos doadores ou relacionados que aparecem nos documentos, a fim de preservar suas identidades e de seus familiares.

Atenciosamente,




2º Tenente Museóloga

Recebido e Ciente – 18/07/2023


Anderson Fagundes de Moura - 

ANEXOS 5- FICHAS DE DOAÇÃO DO MEXP – SALA “DIA A DIA DO COMBATENTE”

https://drive.google.com/file/d/1zyj3p_ST5JUuh2bOKWJgcGxGBQxcw152/view?usp=drive_link

<p>HISTÓRICO:</p> <p>BIBLIOGRAFIA: CORREDOR ENTRE SALA DE INVERNO E ADM. NO VERSO: 4, 243 FITA, ADESIVA</p> <p>REGISTRADO POR: MATHEUS, ALLYSON E JOSI</p> <p>EM: / /</p>	<p>HISTÓRICO:</p> <p>BIBLIOGRAFIA: NO VERSO: 3 FITA, ADESIVA PERTO DA FORÇA</p> <p>REGISTRADO POR: MATHEUS, A</p>
<p>10 - comunicados 10.1 - Documento - Fotografia</p> <p> LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO MUSEU — CASA DO EXPEDICIONÁRIO CURITIBA — ESTADO DO PARANÁ</p> <p>REGISTRO Nº</p> <p>Data:</p> <p>Natureza: Quadro Fotográfico</p> <p>LOCALIZAÇÃO</p> <p>Sala: E-1</p> <p>Mostruário: Parede</p> <p>Espaço Reservado</p> <p>Para Fotografia</p> <p>Dim: 98 x 60 cm</p> <p>PROCEDÊNCIA: Brasil</p> <p>FORMA DE INCORPORAÇÃO AO ACERVO: cionário.</p> <p>5.000 LPE C2/78</p> <p>professor, Ver. 2012</p>	<p>10 - comunicados 10.1 - documento</p> <p> LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO MUSEU — CASA DO EXPEDICIONÁRIO CURITIBA — PARANÁ * Membro do Sistema I SNM/SPHAN/MINC</p> <p>REGISTRO Nº</p> <p>Data:</p> <p>Natureza: Quadro Fotográfico</p> <p>LOCALIZAÇÃO</p> <p>Sala: E-1</p> <p>Mostruário: Parede</p> <p>Espaço Reservado</p> <p>Para Fotografia</p> <p>Dim: 98 x 60 cm</p> <p>PROCEDÊNCIA: Brasil</p> <p>FORMA DE INCORPORAÇÃO AO ACERVO: cionário.</p>